



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PPGEHIST
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA
CAMPUS DE ARAGUAÍNA

MARCELO MARCOS DE ARAÚJO

**A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA DO GOOGLE NA PESQUISA E NO
ENSINO DE HISTÓRIA: EXPLORANDO POSSIBILIDADES**

ARAGUAÍNA

2017

MARCELO MARCOS DE ARAÚJO

**A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA DO GOOGLE NA PESQUISA E NO
ENSINO DE HISTÓRIA: EXPLORANDO POSSIBILIDADES.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Braz Batista Vas.

ARAGUAÍNA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A663u Araújo, Marcelo Marcos.
 A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA DO GOOGLE NA
 PESQUISA E NO ENSINO DE HISTÓRIA: EXPLORANDO
 POSSIBILIDADES: EXPLORANDO POSSIBILIDADES . / Marcelo
 Marcos Araújo. – Araguaína, TO, 2016.
 134 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
 Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
 Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2016.
 Orientador: Braz Batista Vas
1. Novas tecnologias. 2. Internet. 3. Mecanismo de busca Google.
 4. Ensino e pesquisa em História. I. Título

CDD 980

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARCELO MARCOS DE ARAÚJO

**A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA DO GOOGLE NA PESQUISA E NO
ENSINO DE HISTÓRIA: EXPLORANDO POSSIBILIDADES.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como parte das exigências do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Braz Batista Vas (UFT)
Orientador

Examinador(a)

Examinador(a)

ARAGUAÍNA
2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por me conceder força, perseverança, paciência e por iluminar essa árdua e longa caminhada.

A toda a minha família, amigos e àqueles que diretamente e indiretamente tenho contato.

À minha grande amiga e professora Evaneuda Araújo Rodrigues, que me incentivou a participar deste mestrado.

Aos colegas do mestrado, que contribuíram com o meu aprendizado através da socialização de ideias, pensamentos e de suas experiências e práticas escolares.

Aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), especialmente, ao meu orientador Dr. Braz Batista Vaz pela paciência e dedicação ao trabalho. À CAPES, que me apoiou financeiramente com uma bolsa, ajudando a cobrir os custos da pesquisa e corroborando a melhoria da qualidade do ensino público.

RESUMO

As tecnologias, quando bem utilizadas, podem trazer benefícios para a sociedade, facilitando a realização de nossas necessidades. A internet pode contribuir sobremaneira para a concretização dos objetivos voltados tanto para o lazer quanto para os negócios e os estudos. Para a educação, esta pode se tornar uma importante ferramenta, desde que bem utilizada por professores, em sala de aula e extraclasse, em atividades e pesquisas. O objetivo deste estudo é propiciar aos professores diálogos e possibilidades para a utilização do mecanismo de busca Google como ferramenta para a pesquisa e ensino de História. Esta ferramenta possui alguns aplicativos que podem ser utilizados na área de educação, e podem, de alguma forma, auxiliar aos professores em suas atividades e propostas voltadas para o aprendizado, e, aos alunos em seu aprendizado de História por meio de uma importante ferramenta tecnológica. Trata-se, assim, de estudo exploratório sobre metodologias que incorporem a utilização do mecanismo de busca do Google ao processo de ensino-aprendizagem de História, com foco nas perspectivas de trabalho do professor.

Palavras-Chave: Novas tecnologias. Internet. Mecanismo de busca Google. Aprendizagem virtual. Pesquisa e ensino de História.

ABSTRACT

The technologies, when properly used, can bring benefits to society, facilitating the occurrence of our needs. The internet can greatly contribute to the achievement of the objectives aimed at leisure, business and studies. As for education, this can become an important tool, since it is well used by teachers, in the classroom and extraclass, in activities and research. The objective of this study is to provide teachers with dialogues and possibilities for using Google's search mechanism as a tool for research and teaching History. This tool has some applications that can be used in educational area, which may, in any way, assist teachers in their activities and proposals as for learning, and students in their History learning process through an important technological tool. It is, therefore, an exploratory study on methodologies that incorporate the use of Google's search mechanism to the teaching-learning process of History, focusing on the teacher's work perspectives.

Keywords: New technologies. Internet. Google search mechanism. Virtual learning. Research and teaching of History.

LISTA DE SIGLAS

ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARPANET	Advanced Research Projects Agency Network
BBC-BRASIL	British Broadcasting Corporation
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPTO	Information Processing Techniques Office
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características dos tipos de leitores.....	49
Quadro 2 - Elementos para pesquisa pelo aluno.	58
Quadro 3 - Elementos para pesquisa pelo professor.	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 TECNOLOGIAS, MÍDIAS E INTERNET: DISCUSSÕES E APONTAMENTOS.....	16
1.1 Apontamentos sobre técnica, ciência e tecnologia.	16
1.2 Breve História da internet.....	24
2 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS (TDIC) NO ENSINO.....	32
2.1 Comunicação, informação, interatividade e cognição: novas linguagens, novas leituras e novos leitores.	33
2.2 O uso das novas tecnologias como uma proposta de ensino.	50
3 A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA GOOGLE NA PESQUISA E NO ENSINO DE HISTÓRIA.	62
3.1 Breve História do Google.	63
3.2 Ferramentas do Google.	69
3.3 Google, informação, conhecimento e poder.....	74
3.4 Ensino e aprendizagem em História.	77
3.5 Propostas para o ensino de história utilizando o mecanismo de busca Google	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICES	113
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, as técnicas e a tecnologia sempre estiveram presentes para usos de necessidades básicas do cotidiano e de processos mais avançados relacionados ao processo produtivo. Desde épocas mais remotas até a atualidade, os grupos humanos precisam das técnicas e da tecnologia¹ para a facilitação de suas próprias necessidades, por isso a sua grande importância.

Historicamente, as sociedades humanas foram marcadas por inúmeras inovações, principalmente no que diz respeito à tecnologia. O uso do computador se faz presente e é um importante instrumento de trabalho, estudo e lazer. Ferramenta indispensável, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem. Dentre as grandes inovações recentes, destaca-se a *web/internet*, como um ambiente virtual capaz de disponibilizar inúmeras informações, sendo fonte potencial de aquisição de conhecimento. Por apresentar informações incorretas e manipuláveis, ela, como qualquer fonte, precisa de muita atenção por parte de possíveis pesquisadores, o que, no entanto, não anula o seu poder de fonte de conhecimento.

O uso das tecnologias é essencial para o aprendizado de professores e alunos e não podemos ignorar a sua utilização. A *web/internet* tem nos apresentado inúmeras opções de entretenimento, negócios, estudos e lazer. No que tange à educação, pode se tornar uma ferramenta muito útil, desde que o professor aprenda a utilizá-la visando à obtenção de bons resultados e boa efetivação pedagógica. A *web/internet*, à qual doravante denominaremos genericamente como ‘internet’, é um grande espaço de conhecimento e de possibilidades educativas, cabendo ao professor saber utilizá-la da melhor maneira possível no espaço escolar.

A aprendizagem virtual torna-se necessária, não como única forma de aprendizagem, mas como uma das formas complementares, essenciais para o aprendizado. Grande parte das pessoas utiliza o espaço virtual para inúmeras coisas, e nós, professores, temos de utilizar diferentes espaços para a concretização do aprendizado, nos adaptar aos novos tempos, às novas gerações. Moran (2014) e

¹ Os autores referentes à Filosofia, História, Sociologia da Técnica e da Tecnologia serão referenciados no primeiro capítulo e abordados de maneira instrumental, pois o foco deste trabalho é o uso de uma tecnologia mais específica.

Demo (2011) apresentam a aprendizagem virtual² como uma forma interativa e participativa de ensino, sendo indispensável para a relação entre alunos engajados em seu processo educativo. Os referidos autores enfatizam que a pesquisa e a construção do conhecimento são fatores significativos para o desempenho dos alunos, já que estimulam a capacidade crítica e argumentativa, validando o ponto de que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) colaboram positivamente para o processo educativo; fato demonstrado, ainda, em suas propostas para o processo de ensino-aprendizagem.

As diferentes mídias e veículos de comunicação e informação são importantes ferramentas da contemporaneidade, que podem ser utilizadas pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. Existem vários veículos de comunicação, tais como: os jornais, revistas e outros impressos, o rádio, a televisão e, por último, a internet³. É possível trabalhar estas diferentes ferramentas no espaço escolar desde que haja um bom planejamento por parte dos professores, pois sem o planejamento ficará difícil obter algum resultado satisfatório, além da disponibilização da infraestrutura e suporte técnico necessário.

Essas diferentes mídias que, com o passar do tempo, “revolucionaram” a forma de ser, de agir e de pensar, ajudaram e ajudam na construção do conhecimento e nas transformações no processo cognitivo dos grupos humanos, uma vez que a tecnologia inova, trazendo novas possibilidades de uso e permitindo funcionalidade em seus meios práticos⁴.

A própria modernidade e os novos tempos passam por um processo de fluidez que afeta toda a esfera social contemporânea. Tudo é fluído e inconstante. Nada é sólido, durável. O que é sólido tende a fluir e se desmanchar em algum momento. A fluidez da sociedade moderna está presente em todas as esferas, desde a econômica e política às sociais e amorosas. Cada nova tecnologia tem sido constante em nossas vidas e afeta a nossa sociedade, define um pouco a época em que vivemos: mudanças constantes, fluidas, passageiras e termináveis, sem prazo

² Aprendizagem virtual constitui-se de recursos e ferramentas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente virtual. No caso específico de Demo (2011) e Moran (2014), a tecnologia que eles utilizam em suas propostas é a internet juntamente com seus recursos.

³ BRIGGS, Asa. **1921 – uma história social da mídia**: de Gutemberg a internet. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão Técnica: Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁴ BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – I**: de Gutemberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

longo e fixo (BAUMAM, 2001). A dinamicidade da história da nossa sociedade gira em torno dessas mudanças e transformações, não só da tecnologia, como também de nossa sociedade.

A internet, ou melhor, o ambiente disponibilizado via internet, compreendido como ciberespaço (LÉVY, 1999), traz novas possibilidades de interação, ubiquidade⁵, cognitividade e relações sociais. As formas de 'inteligência coletiva' são várias, pois, ao longo do tempo, a oralidade, a escrita e as outras mídias também foram consideradas sob esta denominação. A diferença é que a internet engloba as diversas formas de mídia em um só veículo (JENKINS, 2009), tornando-se uma importante ferramenta educacional (LÉVY, 1996).

As antigas mídias estão se adaptando aos novos tempos, incorporando novos modelos e ideias. Por exemplo, os grandes canais de televisão e outros veículos da mídia aderiram à utilização da internet. Nas grandes empresas midiáticas, não existe uma mídia que não seja incorporada a outra ou a outras mídias, ou melhor, não existe uma mídia separada e isolada dos demais veículos de comunicação. Os grandes canais de comunicação incorporaram a internet à sua composição devido à sua utilização em larga escala e receando perder espaço para o ambiente cibernético. Há de se mencionar que grandes canais de televisão utilizam a internet dentro de sua programação juntamente com grandes patrocinadores, processo destacado e denominado como transmídia (JENKINS, 2009), tratando-se da fusão de vários veículos de comunicação e informação decorrente da grande utilização da internet no mundo.

Na educação e no processo de ensino-aprendizagem, a escola, especificamente, precisa incorporar as diversas mídias, não só o uso do computador, ou melhor, da internet, mas também o uso do rádio, da televisão e de telefones. Os novos veículos de comunicação e interação não excluem os antigos, ao contrário, somam-se a esses e aumentam as possibilidades de sua utilização. Muitas instituições escolares utilizam as novas e as antigas tecnologias, no entanto, cabe refletir sobre o modo como estas devem ser trazidas para o processo de educativo, bem como sobre seu uso correto e eficiente.

⁵ Ubiquidade significa estar presente ao mesmo tempo em todos os lugares. É a propriedade ou estado do que é ubíquo, que é a capacidade de estar ao mesmo tempo em diversos lugares. Ubíquo é um adjetivo, do latim "ubique", que significa estar em toda parte ao mesmo tempo. As redes de transmissão de dados e as tecnologias de informação e comunicação podem ser consideradas ubíquas, pelo seu próprio dinamismo, sentido e seu desenvolvimento tecnológico.

A partir desses argumentos, busco demonstrar que a internet é uma relevante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem, como também para a construção do conhecimento histórico. Sendo assim, a pesquisa torna-se essencial na vida dos alunos, transformando a sua própria realidade em uma forma mais crítica e elaborada, especialmente no que diz respeito à percepção da realidade que o cerca, transformando-o em um ator político e consciente de suas ações (DEMO, 2011). Pensando estritamente o ensino de História, deve-se ressaltar que este contribui para a formação do cidadão e para a forma como os sujeitos interpretam e orientam as experiências passadas, possibilitando o conhecimento e a crítica argumentativa de tais estudos.

O professor deve incentivar seus alunos a pesquisarem e a construírem seu próprio conhecimento, deslocando-os de uma posição de meros reprodutores para a de construtores e críticos da realidade. A autonomia do aluno é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, tornando a aula mais interativa, dinâmica e construtiva. A utilização dos mecanismos de busca na *web* facilita a pesquisa e ao mesmo tempo a dificulta, ao passo em que há uma grande quantidade de dados ou informações que são disponibilizadas e carecem de julgamento quanto à sua legitimidade. É preciso ter cuidado ao deparar-se com alguma informação que desperte dúvida quanto à sua validade, pois se deve evitar erros e propagação de informações incoerentes.

Remontando ao o ensino de História, este contribui para que o aluno perceba a própria constituição do tempo (passado e presente) e suas transformações, vistos, a partir da delimitação do foco deste trabalho, por meio da internet. As narrativas históricas presentes em sites constituem memórias acerca do tempo, sobre um determinado assunto e época. O aluno, ao utilizar os mecanismos de busca para pesquisar na web, notará grande quantidade de informações relacionadas à História, competindo-lhe conhecer para poder interpretar essas informações, tornando o aprendizado histórico mais significativo. Entendemos que a aprendizagem histórica “é a consciência humana relativa ao tempo, experimentando o tempo para ser significativa, adquirindo e desenvolvendo a competência para atribuir significado ao tempo” (RÜSEN, 2011, p. 36). Essas informações e conteúdos de História estão presentes na internet em blogs e sites, materializadas em textos, sons (áudios) e vídeos. Por isso, torna-se imprescindível a ajuda do professor quanto à orientação

de seus alunos no que se refere à pesquisa e à compreensão dos conteúdos históricos.

Qualquer pessoa que fizer uma pesquisa no Google notará a facilidade em se obter ampla variedade de informações. Milhares de páginas que, após digitarmos uma palavra buscada, aparecerão em nossa tela do computador, o que por si só não concretiza a pesquisa. É preciso lembrar que os mecanismos de permitem a pesquisa, mas a pesquisa não se resume a esses mecanismos; ela depende também do pesquisador, de sua seleção, interpretação e análise.

Neste meandro, este estudo visa a verificar a utilização do mecanismo de busca do Google como instrumento e fonte de pesquisa para o ensino de História, dialogando com autores e trazendo ideias e possibilidades para a utilização pedagógica, por professores da Educação Básica, dessa ferramenta no que concerne às atividades intrínsecas à sua prática em sala de aula. Tentamos esclarecer se o mecanismo de busca do Google pode contribuir de maneira significativa para a pesquisa e para o ensino de História.

Para a apresentação do escopo teórico deste trabalho, recorre-se às discussões acerca da tecnologia, mídia, conhecimento, internet, educação, ensino de História, metodologia científica e a utilização dos mecanismos de busca.

São apresentadas três propostas relacionadas aos conteúdos de História, utilizando o Google como ferramenta de pesquisa, para serem usadas por professores em aulas ministradas aos alunos de Ensino Médio.

A pesquisa bibliográfica torna-se necessária para a argumentação e proposição do presente estudo. Há quatro tópicos que merecem nossa atenção, os quais são esmiuçados nos capítulos seguintes. O primeiro ponto abordado é a tecnologia, seu conceito e história, dialogando-se com vários autores que nos permitem uma breve análise histórica e social. Tratar da mídia torna-se necessário, pois a internet é sua mais nova forma de apresentação, o que demanda que façamos um paralelo com outras formas como a escrita, o telefone, o rádio e a televisão. A mídia, em nosso estudo, é tomada não só como instrumento ou ferramenta, mas sim como um entendimento ou espelho da própria sociedade.

O segundo tópico diz respeito ao uso das TDIC no ensino e de que forma elas podem contribuir para o processo de ensino-aprendizado. São apresentadas diferentes propostas de ensino utilizando as TDIC e sobre como os professores podem utilizá-las em suas aulas, enfatizando a pesquisa, a construção do

conhecimento e a relação com o processo cognitivo que as TDIC podem proporcionar para o aprendizado.

O terceiro ponto é sobre a questão do conhecimento que faz parte da história da humanidade, começando pela própria linguagem, oralidade, escrita, ciência, imprensa, juntamente com as demais mídias até chegarmos à internet, que é uma das mais novas formas de adquirir e construir conhecimento.

O quarto e o último tópico refere-se à utilização da internet, no ensino de História, como ferramenta para auxiliar professores e alunos quanto à realização de pesquisas utilizando o mecanismo de busca do Google. Entre o final do século XX e início do XXI, este mecanismo se tornou algo muito utilizado para a realização de diferentes pesquisas por meio de buscas simples ou complexas. Existe uma grande variedade de pesquisas que podem ser realizadas na internet, cabe a nós, professores, saber utilizá-las de forma a ter resultados significativos e com intencionalidade pedagógica. Os mecanismos de buscas são indispensáveis para a realização de pesquisa por meio da internet e são ferramentas que podem auxiliar professores e alunos no ensino e na pesquisa sobre a História.

Como dito anteriormente, o presente estudo apresenta diferentes possibilidades de utilização do mecanismo de busca Google para a pesquisa e o ensino de História, com o intuito de mostrar aos professores desta disciplina que o Google pode auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, bem como a compreensão do conhecimento histórico.

Para isso, as discussões sobre tecnologia partem não somente de seu processo histórico, social e de sua relevância, mas também das contradições existentes entre as formulações de diferentes autores. A História nos mostra, em relação às mídias, como elas são incorporadas, analisadas e sua relevância social, pois a internet, como uma recente ferramenta, enseja inúmeras discussões acerca de sua utilidade, incorporação e interatividade. Esta traz uma nova forma de adquirir informações e também a possibilidade de construção de conhecimento, além de poder ser utilizada para diversos fins. No âmbito educacional, pode auxiliar professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem, desde que se proceda a um processo de busca de informações e sua transformação em conhecimento, pois a internet disponibiliza, primordialmente, informações em forma de dados no formato digital.

Neste sentido, a internet, ou melhor, o mecanismo de busca Google é analisado quanto à sua função e aplicabilidade na pesquisa e no ensino de História, dada a gama de aplicativos que podem ser utilizados para otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

As propostas de ensino voltadas para a utilização dos mecanismos de busca visam a melhorar sua utilização por parte dos professores, destacando o papel do pesquisador, sua importância na construção do conhecimento e do pensamento histórico sobre os temas pesquisados, em suma, buscam demonstrar como esses mecanismos de busca colaboram para os processos de pesquisa e construção do conhecimento histórico.

A importância deste estudo consiste em trazer aos professores de História, a ampliação das possibilidades de utilização da internet como fonte e ferramenta de pesquisa, utilizando o mecanismo de busca Google como alternativa e auxílio às demais fontes, a saber: livros, revistas, arquivos, bibliotecas, museus, etc.

No primeiro capítulo, discutimos sobre técnica, tecnologia e sociedade, abordando os seus principais elementos, além da história da internet, sua relação com as demais mídias e os seus desdobramentos. No segundo capítulo, abordamos a internet como ferramenta de ensino e o que ela provoca e pode provocar no processo cognitivo, dialogando com vários autores. No último capítulo, descrevemos o mecanismo de busca do Google, seus aplicativos e possibilidades, que podem ser utilizadas para a educação, especialmente para a disciplina de História, propondo atividades de ensino voltadas para os professores poderem utilizar em suas aulas, relacionando os conteúdos e os objetivos propostos para o aprendizado histórico.

As propostas apresentadas neste trabalho são voltadas para a pesquisa fora da sala de aula (extraclasse) em ambientes virtuais, com orientações devidamente elaboradas. São apresentadas três propostas de ensino referentes aos conteúdos de História para o Ensino Médio. Para a elaboração das propostas, utilizamos como referência os autores que trabalham as TDIC, os autores que estudam o ensino de História, documentos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e leis que regulamentam as questões sobre o ensino no país.

1 TECNOLOGIAS, MÍDIAS E INTERNET: DISCUSSÕES E APONTAMENTOS

Para se chegar ao advento das novas tecnologias digitais, especificamente falando da internet, tenta-se esclarecer alguns pontos relativos às tecnologias, às mídias e, por último, à internet. É de grande importância fazer esse breve percurso histórico, pois a internet nada mais é que um resultado, uma transformação das outras mídias e do próprio conhecimento humano.

A compreensão do fenômeno tecnológico não é uma tarefa fácil, pois o termo tecnologia traz em si inúmeras definições construídas ao longo do tempo e a partir de diferentes posições teóricas assumidas por muitos pesquisadores, no entanto, tentaremos delinear a concepção por nós assumida. Importa ressaltar que o objetivo deste trabalho não é fazer uma longa discussão sobre a técnica e a tecnologia, mas apresentar alguns apontamentos sobre o tema, salientando-se a dinâmica histórica do processo da técnica e da tecnologia para possamos entender o papel que a mesma apresentou e apresenta no contexto socioeconômico e cultural.

1.1 Apontamentos sobre técnica, ciência e tecnologia.

A relação entre técnica, ciência e tecnologia é, às vezes, confusa e de difícil entendimento, particularmente para aqueles que não conhecem bem a história dessa relação. Para a compreendermos, é fundamental que se observe sua desenvoltura, a evolução de seus conceitos e os pontos de vista de diferentes autores; o que tentaremos desenvolver neste trecho de nosso estudo.

Inicialmente, deve-se apontar para a existência de uma grande confusão em relação à diferença entre técnica e tecnologia, que pode ser explicada historicamente. Técnica, que etimologicamente vem do grego *tekhnè*, quer dizer arte. É um conceito filosófico que visa a descrever as artes plásticas. O saber fazer em oposição à *phusis*, o princípio de geração das coisas naturais.

A *tekhnè* e a *phusis* fazem parte de todo o processo que resulta da *poièsis*⁶. A *tekhnè* seria a arte que coloca o homem no centro do fazer *poiético*, em confronto com as coisas naturais. A *tekhnè* é uma *poièsis* no sentido de revelar todo o fazer humano (LEMOS, 2002, p. 27).

Inicialmente a Filosofia Grega, em tempos pré-históricos⁷ e míticos, não separava o saber prático do saber contemplativo e teórico; tal separação passara a existir a partir de Platão (LEMOS, 2002). Sendo o artista um demiurgo⁸, imitador e produtor de cópias, exercendo total desconfiança em relação à *tekhnè*. Para Aristóteles, a atividade prática é inferior às coisas da natureza. A *tekhnè* é um saber prático que domina a *phusis*.

O imaginário grego sobre as técnicas será muito influenciado pela Mitologia, que coloca o homem como o ser da técnica. Os mitos de origem são também o da técnica (Prometeu, Dédalo, Ícaro, Hefáistos, Atenas, Pandora). “A *tekhnè* é, assim, ao mesmo tempo, inferior a natureza, à contemplação filosófica, e também um instrumento de transgressão do espaço sagrado imposto pelos deuses” (LEMOS, 2002, p. 28).

Além da visão filosófica grega, há também o fenômeno técnico como um elemento zoológico de formação e da evolução dos primeiros seres humanos. Caracteriza um pensamento mágico e religioso como o surgimento do *homo-sapiens*. A gênese do homem nada mais é que a gênese da técnica, deste modo:

O homem é um ser técnico por definição [...] propõe analisar a técnica como uma tendência universal e determinante da evolução da espécie humana, inspirada na ideia de evolução de Bergson. A técnica se situa, assim, como uma evolução zoológica da espécie humana na sua confrontação com a natureza. A tecnicidade humana aparece como uma tendência universal e hegemônica, sendo a primeira característica do fenômeno humano. A antropogênese coincide com a tecnogênese, já que o homem não pode ser definido sem a dimensão da tecnicidade (LEMOS, 2002, p. 28).

⁶ A ação ou a capacidade de produzir ou fazer alguma coisa, especialmente de forma criativa. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/poiesis/>>.

⁷ O período pré-histórico e mítico sobre o qual se fala é o período anterior a Platão, em que se figurava outro entendimento acerca da junção do saber prático e do teórico. Depois de Platão é que houve a separação destes dois saberes.

⁸ Segundo o filósofo grego Platão (428-348 a.C.), o artesão divino ou o princípio organizador do universo, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=demiurgo&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=QsI0WLv_DMqgwATrvL2wD>.

Essa característica da técnica como um elemento zoológico assevera que a mesma faz parte da história e da evolução do homem como um ser efetivamente técnico. A técnica acompanha os seres humanos ao longo da história, passando por inúmeras transformações, da própria técnica e dela sobre os homens. É a desnaturalização do homem transformando a sua cultura e seu modo de ser, agir e viver.

É a existência dos objetos técnicos que caracterizará a tecnologia contemporânea, de caráter puramente genético do desenvolvimento das forças primitivas, pois “a tecnologia moderna vai se caracterizar pela instauração de máquinas e sistemas maquínicos que vão, pouco a pouco, afastando o homem do que até então caracterizava a relação homem-técnica: a manipulação dos instrumentos e ferramentas” (LEMOS, 2002, p.30). A técnica moderna seria a cultura sem a técnica, melhor dizendo, contra a técnica, diferente da *tekhnè* grega que era a técnica na cultura, já que o homem não manipularia mais os instrumentos, mas sim a máquina. Dessa forma,

Para a compreensão da evolução dos objetos técnicos na história, Simondon propõe três níveis de desenvolvimento: o elemento (a ferramenta), o indivíduo (a máquina) e o conjunto (indústrias). A técnica transforma-se em tecnologia a partir do nível dos indivíduos técnicos. O nível dos elementos persiste até o século XVIII introduzindo a ideia de progresso contínuo. O segundo nível, o dos indivíduos, corresponde ao momento em que a máquina toma lugar do homem como manipulador de instrumentos. É a fase do controle e domínio da natureza. Aqui estamos no coração da modernidade técnico-científica. O nível dos conjuntos técnicos, a partir da segunda revolução industrial, caracteriza a era termodinâmica e nuclear as portas do século XXI, vemos um outro paradigma de evolução, o que proponho a chamar de nível de redes (como interligação de conjuntos) a cibercultura aparece e desenvolve-se neste nível. Aqui as metas máquinas digitais (computadores) não manipulam mais matéria e energia. Agora trata-se de traduzir a natureza em números binários (LEMOS, 2002, p. 33).

A partir da concretização da ciência moderna, no século XVII, é que a técnica ganha uma nova configuração. Historicamente, a técnica precedeu a ciência, transformando, em uma nova técnica, a tecnologia. A tecnologia é a junção da técnica e da ciência devido ao progresso científico, notadamente o ocidental.

Para Galimberti (2015), a técnica é comumente considerada como ferramenta à disposição do homem e tornou-se “sujeito” da história. O homem executa o papel de funcionário de seus equipamentos. A funcionalidade da técnica torna-se um elemento indispensável e essencial para os grupos humanos. A “[...] técnica pode

ser considerada a própria essência do homem. Porque o homem é um ser vivo privado de instintos” (GALIMBERTI, 2015, p. 03). O componente técnico é o qual o homem compensa na falta de instintos⁹. Não somos dominados totalmente pelos instintos, ao contrário do animal, quando nasce, já sabe tudo o que fazer até a sua morte, “o homem originalmente nasce ‘técnico’. Pode-se dizer – usando uma fórmula mais complexa - que o dia em que entre os antropoides se manifestou pela primeira vez um ato técnico, naquele dia nasceu o que hoje chamamos de homem” (GALIMBERTI, 2015, p. 03).

Vieira Pinto (2005) apresenta quatro acepções sobre o termo “tecnologia”, quais sejam: 1) a tecnologia como *logos* da técnica ou epistemologia da técnica; 2) a tecnologia como sinônimo da técnica; 3) a tecnologia no sentido de conjunto; e 4) a ideologização da tecnologia.

A tecnologia como epistemologia da técnica, a técnica como objeto da tecnologia. A tecnologia caracteriza-se como a reflexão sobre a técnica, a discussão sobre o modo de produzir algo. A tecnologia apresenta-se como ciência da técnica. O ato de produzir é uma técnica, um projeto da ação humana em busca de uma finalidade. A máquina, para Vieira Pinto (2005), nada mais é que a corporificação da técnica. Por trás de todo aparelho eletrônico, existe uma técnica, ou seja, toda técnica se concretiza em uma máquina.

A tecnologia significada como técnica é a concepção mais frequente dada à palavra tecnologia. Ela é totalmente confundida com a técnica, gerando problemas conceituais quanto ao termo. Para Vieira Pinto (2005), essa imprecisão conceitual interessa a ramos meramente econômicos, para serem utilizados em ocasiões necessárias, sem a devida reflexão, ocasionando o obscurantismo do termo.

Referente à terceira concepção, define-se tecnologia como “o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento” (COSTA e SILVA, 2013, p. 846), tanto para as civilizações do passado como as modernas, em qualquer grupo social. Geograficamente há desigualdades no que tange ao desenvolvimento tecnológico, há regiões mais avançadas e aquelas que não são muito desenvolvidas e precisam de outras mais avançadas tecnologicamente para ter acesso a determinadas tecnologias. Existe uma quase ou total dependência das tecnologias nos países

⁹ Galimberti (2015) afirma que o homem se difere do animal por causa da técnica. Já que o animal não possui a técnica, mas sim instintos.

menos desenvolvidos. As regiões mais desenvolvidas tecnologicamente apresentam-se como único modelo de tecnologia existente, provocando uma crescente imitação por parte das regiões menos desenvolvidas¹⁰. As grandes empresas instaladas em regiões tecnologicamente menos avançadas estão interessadas nos lucros que vão obter com uma determinada tecnologia desenvolvida por eles mesmos, não os interessa desenvolver essas regiões, apenas beneficiar-se com o baixo nível de desenvolvimento tecnológico presente nesses locais.

A ideologização da tecnologia se aproxima do tecnocentrismo¹¹, no qual fica estabelecida certa relação entre o estado de desenvolvimento das técnicas e a ideologia social. Um exemplo é a transformação da técnica em mito, em favor de uma ideia ou crença. Como se a tecnologia fosse e devesse ser a salvadora de todos os problemas e necessidades, sendo capaz de salvar toda a humanidade, construindo, assim, uma vida feliz para todos.

Essa transformação da tecnologia em mito reforça, no ser humano, a crença de que a máquina ou seus instrumentos irão protegê-lo e conservá-lo da transformação da realidade. Inclusive da adoração da máquina, tirando os seus efeitos reais.

A mitologia da tecnologia reforça os interesses políticos e econômicos das grandes empresas que estão focadas não somente em desenvolver um país ou região, mas em lucrar com seus inventos. Há uma crescente ideia de que as regiões centrais são as mais desenvolvidas em termos tecnológicos e de que as regiões mais pobres têm de receber essas inovações tecnológicas de bom grado. Por último, mas não menos importante, há um discurso de que não devemos nos opor a estas ideias, pois caminharíamos para a estagnação ao negá-las. Estas mesmas ideias transformam-se, neste sentido, em algo hegemônico e que determinam a relação dominante evidenciada nos países centrais. Estas ideias permitem a dominação desses países centrais sobre outros países, silenciando as manifestações políticas.

A ideologia da tecnologia tenta demonstrar que a sociedade do século XXI é a melhor no quesito de capacidade tecnológica, produzindo inúmeras máquinas,

¹⁰ Regiões com maior desenvolvimento tecnológico se sobressaem em relação a outras que apresentam elementos mínimos de desenvolvimento tecnológico, gerando dependência parcial ou total de determinadas tecnologias, pois tecnologia também é sinônimo de poder.

¹¹ Tecnocentrismo é pensar a tecnologia como ideologia. Conceito apresentado como ponto de reflexão, visão e atitude que coloca a tecnologia como centro de reflexão e nela se polariza, positiva ou negativamente.

sendo superior às de outras épocas. A época atual (século XXI) é exaltada como a melhor por ter as supremas inovações tecnológicas, diferente do que ocorreu no passado. O desenvolvimento tecnológico passa por uma evolução em que o presente torna-se mais vantajoso, em detrimento de outras invenções do passado. Há uma exaltação do presente como um tempo valioso e uma valorização moral positiva da tecnologia. Para Vieira Pinto (2005), não se atribui qualitativo moral à técnica, pois é um equívoco considerá-la boa ou má¹².

Para Vilma Figueiredo (1989), a tecnologia encontra-se no âmbito do fazer humano, no campo e na ação social, como o conjunto de meios ou atividades através dos quais o homem procura mudar ou manipular o seu ambiente. A tecnologia situa-se no nível dos meios para atender aos seus objetivos e às metas pretendidas, as quais se expressam como historicamente construídas e socialmente diversificadas. Trata-se do conjunto de práticas com recursos disponíveis a fim de atingir aos objetivos e aos resultados almejados. Um campo de saberes em disputa, de exercícios de poder e de lutas por hegemonia. Logo,

[...] em sentido amplo, a tecnologia diz respeito á busca dos meios mais eficazes de obtenção de resultados desejados; em acepção mais restrita, refere-se a essa busca na esfera da economia. Quer num, quer noutra, essa lógica dos meios deixa implicar interferência nos objetivos perseguidos: definem-se e redefinem-se metas, também em função das possibilidades efetivas ou imaginadas de alcança-las. É essa a chave que oferecem as Ciências sociais para se pensar a tecnologia tanto como fator de manutenção como de transformação de sociedades. A tecnologia não se resume a manifestação material de um instrumento, uma ferramenta, máquina ou técnica. Sua existência concreta condensa, sempre, acepções e processos abstratos, cuja evidência é mais ou menos imediata segundo sejam eles menos ou mais complexos (FIGUEIREDO, 1989, p.01).

Não podemos pensar a tecnologia como algo homogêneo e estático, mas sim múltiplo e variado; algo permeado por inúmeros fatores que a circundam e que a levam a um dinamismo voraz; condicionada por necessidades econômicas, culturais, sociais e políticas, avançando em ritmos e rumos variados, segundo o tempo e o local onde é praticada. As necessidades e as demandas tecnológicas não são somente entendidas como uma solução para problemas práticos que podem ser resolvidos por alguma máquina ou instrumento tecnológico, estas são atravessadas por conflitos e interesses diversos.

¹² Não se pode caracterizar demasiadamente a tecnologia como boa ou má, como benefício ou malefício para a sociedade. Vieira Pinto (2005) alerta sobre esse ponto, pois pensar de uma forma ou outra obscurece certos fatos.

O avanço tecnológico nas sociedades industriais contemporâneas visa à produção de mercadorias que asseguram a própria reprodução social. Isso não quer dizer que exista homogeneidade na criação dessas tecnologias no contexto em que são produzidas e absorvidas. O que existe é um grande número de fatores que as definem. Para Figueiredo (1989), a Sociologia tem destacado quatro dimensões da tecnologia, que são chaves analíticas do desenvolvimento tecnológico: econômica, científica, ideológica e política.

A dimensão econômica da tecnologia torna-se mais evidente nas sociedades industriais, sendo o papel do avanço tecnológico o de gerar bens e lucros dentro do processo produtivo. A ênfase na relação entre tecnologia e o crescimento econômico torna-se evidente no desenvolvimento da produção capitalista, pois o “[...] progresso técnico pode incidir sobre o produto como sobre o progresso econômico. A modificação do produto pode afetar tanto o conjunto da produção como sua composição” (FIGUEIREDO, 1989, p.14). É a mercadoria ou o produto que vai ao mercado quando demandado. Todo o avanço tecnológico tem implicações para a produção, circulação e consumo desses bens. O emprego de recursos econômicos pode conduzir à descoberta de novos conhecimentos tecnológicos. O detentor de capitais investe nas tecnologias para serem revertidas em lucros para sua empresa. O interesse está demasiadamente ligado aos lucros e àquilo que pode ser obtido a partir de tal investimento. Não há uma intenção de gerar algum benefício para todos, aliás, ideologicamente isso é feito, mas na prática, a intenção é apenas o lucro gerado pelo capital.

A dimensão científica da tecnologia refere-se ao fato desta ter uma história própria e que acompanha a história da ciência, como dito anteriormente, ao abordar-se a relação entre técnica, ciência e tecnologia. A técnica sempre existiu, desde os primórdios da humanidade. A ciência moderna propriamente dita surge a partir da Revolução Científica no século XVII, e a tecnologia, a partir do progresso da ciência, bem como da reflexão sobre as técnicas desenvolvidas em uma determinada época e lugar e o que elas provocam em nossa sociedade.

Pensar que a dimensão ideológica da tecnologia apresenta-se como um processo neutro, de domínio e controle da natureza em benefício de todos é um engano, pois se trata de um processo condicionado pela complexidade social nos contextos em que é produzida e consumida. Não é um processo uno, mas

diferenciado e múltiplo. O uso da dimensão ideológica da tecnologia serve somente aos interesses daqueles que se beneficiam dela, caso da classe dominante, pois

[...] a tecnologia é ideologia sempre e quando se apresenta como um conjunto homogêneo de efeitos semelhantes a todos, sejam eles positivos ou negativos. Tanto é ideológica a concepção do avanço tecnológico como condição de emancipação da humanidade como é a crença de que o desenvolvimento tecnológico reduz o arbítrio humano e, no limite, significa a destruição do próprio homem (FIGUEIREDO, 1989, p.19).

A dimensão política da tecnologia refere-se ao campo de manifestações de interesses e do domínio do poder. A tecnologia pode servir tanto à dominação de classes, frações ou grupos sociais, como à sua emancipação. Tanto a dominação quanto a emancipação fazem parte dos interesses de grupos diversos. Para Figueiredo (1989), o Estado moderno é o regulador de interesses nas sociedades contemporâneas altamente industrializadas, garantindo a produção da ordenação do poder vigente.

Tentamos esclarecer alguns apontamentos sobre a tecnologia e sua relação com a técnica e a própria ciência; relação esta que fora construída no decorrer da história e por inúmeros fatores, culminando a técnica ao desenvolvimento científico moderno.

Nesse ponto, destacamos a ideologização da tecnologia, a partir das reflexões de Vieira Pinto (2005), e a dimensão ideológica, conforme exposto por Figueiredo (1989). Ambos tratam da ideologia como fator preponderante e de destaque no que concerne ao trato da tecnologia e de sua relação com a educação.

A ideia de que a tecnologia traz enormes benefícios, soluções para muitos problemas e felicidade para todos, ou de que traz descréditos para a humanidade, como, por exemplo, algumas tecnologias poderão trazer riscos para o homem, é antes de tudo errônea. Tanto os aspectos positivos quanto os negativos andam lado a lado no que corresponde à ideologia da tecnologia. A crença que dialoga com discursos totalizantes e homogêneos não permite uma análise ou uma reflexão profunda e ampla sobre seus aspectos, tornando obscuro o olhar sobre essa temática.

Neste sentido, pode-se estabelecer uma relação com a educação, pois cada advento tecnológico pode ajudar no ensino, mas também não trará solução definitiva para os problemas educacionais que sistema educativo, mais especificamente, o

brasileiro, apresenta. A reflexão sobre o advento tecnológico utilizado no ensino é necessária e não podemos tornar essa utilização uma corrente ideológica. Por exemplo, utilizar o mecanismo de busca Google como ferramenta ou recurso para as aulas de História pode contribuir para a aprendizagem de nossos alunos, mas não devemos correr o risco de colocar essa facilidade em um patamar que a identifique como algo excepcional, pois isso se voltaria ao aspecto ideológico da tecnologia. A problemática que envolve a tecnologia não invalida seu uso como algo positivo e importante para a aprendizagem de nossos alunos.

1.2 Breve história da internet

Para entendermos o que hoje conhecemos por internet, primeiro devemos contextualizar brevemente a questão da mídia quanto ao seu processo histórico, já que a internet nada mais é que uma evolução de outras mídias dentro do processo histórico e social, muito embora estas não tivessem em suas origens tal propósito. Traçamos, também, um paralelo entre as diferentes mídias e a internet, além de comentarmos sobre sua origem e formação, trazendo à baila alguns questionamentos sobre essa notável ferramenta.

Buscando pelo termo mídia, o encontramos em diversos dicionários e no próprio Google. Do dicionário informal disponibilizado na própria web, retiramos quatro acepções:

1. significa os meios de comunicação de massa (imprensa, televisão, rádio, internet, telefone, teatro, cinema, dança etc.). Curiosamente, trata-se da adoção, no Brasil, da pronúncia inglesa para a palavra latina "media" (sem acento, plural de "medius", que quer dizer "meio"), retirada da expressão "mass media" que, à sua vez, os ingleses extraíram da locução latina "media communicationis" (meios de comunicação). Em suma, os ingleses escrevem "media" e pronunciam "mídia". Já os portugueses não se deixaram contaminar pela língua inglesa e escrevem mídia, tal como a pronunciam. "Multimídia" (ou multimédia, em Portugal) emprega-se para referência a dois ou mais daqueles meios de comunicação de massa;
2. Propaganda; conjunto dos meios de comunicação (internet, rádio, televisão, jornais, revistas, etc.) para alcançar as massas com fins de propaganda; o pessoal ou seção que se incumbem desses contatos;
3. Coletivo de grupo de comunicação em prol da informação e do entretenimento. Emissoras de Comunicação que em prática do Jornalismo envolvem-se a lidar com informações. A mídia pode se distinguir em Televisão, Rádio, Impresso e Web;

4. Em uma agência de publicidade e propaganda, setor que planeja a veiculação de anúncios, filmes, cartazes, entre outros, é comum esta agência utilizar os principais veículos de mídia (DICIONÁRIO INFORMAL GOOGLE, 2017).

Essas definições deixam claro o que é a mídia, mas não nos permitem relacionar a mídia com a internet, a sua forma mais atualizada. Entretanto, com base no exposto, pode-se compreender que por meio da linguagem, nós, seres humanos, temos a necessidade de nos comunicarmos, quer oralmente, de modo impresso ou visualmente, e, que diversos canais de comunicações e mídias, no desenrolar da história da humanidade, foram utilizados.

Lima (2003 *apud* GUAZINA, 2007) faz uma conexão entre comunicação e mídia, possibilitando que a última seja entendida como

O conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermédio tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto de emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e revistas, do cinema, e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa (LIMA, 2003 *apud* GUAZINA, 2007, p.57).

Roger Parry (2012) descreve de forma simplificada o percurso das diversas mídias: 1- gráfica: desenhos, pinturas e placas; 2- oral: sermões, discursos e teatro; 3- escrita: livros, jornais e revistas; 4- auditiva: rádio, telefone, gravação; 5- visual: cinema, TV, e fotografia; 6- digital: Web = Multimídia. Para este autor,

A ascensão da mídia não se deu de maneira ordenada nem uniforme. As eras sucederam-se sem datas definidas de início e fim. Cada nova mídia não vem apenas substituir as anteriores, mas também absorve alguns aspectos destas e modificam-nas. As antigas formas de mídia não desaparecem, evoluem. As novas formas adotam e adaptam as convenções passadas. Cada era disponibiliza meios mais ricos e amplos de comunicação que suas predecessoras (PARRY, 2012, p.10).

As mídias permitiram, ao longo da história, o desenvolvimento e a expansão do conhecimento, de novas formas de interatividade e novas linguagens. Essas vantagens não lhe tiram os aspectos negativos, dentre eles a manipulação de possíveis informações em prol de algum grupo, cujo objetivo é o de favorecer os

seus próprios interesses. É fato que sempre que uma nova mídia surge, há a geração de um impacto e de transformações em nossa sociedade, trazendo ao mesmo tempo benefícios e malefícios aos que lhe operam. As mídias têm grande importância para a nossa sociedade, sendo parte constitutiva de nossa história. Dessa forma,

[...] a escrita e os documentos criaram um registro permanente, estendendo a comunicação ao longo do tempo e as distâncias. A prensa tipográfica tornou os livros numerosos e portáteis, multiplicando ainda mais seu impacto. O telégrafo tornou instantâneas as mensagens a longa distância. O rádio e a televisão aumentaram a nossa capacidade de ouvir e ver ao longe, ainda que, a princípio, ambos fossem efêmeras, que aconteciam apenas em tempo real: se não se sintonizasse em determinada emissora, em determinado momento, o programa seria perdido. Com a digitalização, todos os conteúdos passaram a estar ao alcance de todos, em todos os lugares, para sempre. A comunicação atravessa o tempo e as fronteiras, com custos de distribuição próximo de zero (PARRY, 2012, p. 10).

Para Parry (2012), são dezesseis os principais canais de comunicação: teatro, livros, imagens, cartazes, sistemas postais, jornais, revistas, quadrinhos, telégrafo, telefone, gravações, rádio, cinema, televisão, videogames e web. Esses veículos de comunicação e informação são utilizados para transmitir quatro elementos básicos: discurso, música, imagens e escrita. A nossa intenção não é descrever a história de cada mídia, mas estabelecer uma relação entre as diferentes mídias e a internet, pois esta é considerada como um novo veículo de comunicação, informação e entretenimento, uma vez que incorporou diversos recursos em um só veículo.

Com o intuito de compreender a história da internet, buscamos descrever sua origem e evolução até chegarmos ao que conhecemos em 2016.

A criação e o desenvolvimento da internet é uma “extraordinária aventura humana”, como afirma Castells (2007, p. 25). Sobre essa aventura extraordinária, destacamos que sua origem e desenvolvimento remontam aos Estados Unidos, apesar de que em outros países também houve desenvolvimento de tecnologias, sobretudo, as da área de informática na Europa, especialmente na Inglaterra.

As origens da internet devem ser colocadas na ARPANET, uma rede de computadores estabelecida pela ARPA (Advanced Research Projects Agency) em setembro de 1969. O departamento de defesa dos EUA fundou esta agência de projetos de investimentos em 1958 para mobilizar recursos provenientes fundamentalmente do mundo universitário, com o fim de alcançar a superioridade tecnológica militar sobre a União Soviética, que acabava de lançar o seu primeiro sputnik, em 1957. A ARPANET era um programa menor surgido de um dos departamentos da agência ARPA, a

denominada Divisão de Técnicas de Processamento de Informação (IPTO: Information Processing Techniques Office), fundada em 1962, com base numa unidade preexistente. O objetivo desse departamento, segundo a definição do seu primeiro diretor, Joseph Licklider, um psicólogo convertido em técnico informático do MIT, era estimular a investigação no campo da informática interativa. A construção da ARPANET justificou-se como meio de repartir o tempo do trabalho *on line* dos computadores entre vários centros de informática interativa e grupos de investigação da agência (CASTELLS, 2007, p. 26).

A internet nasceu da relação da ciência com a investigação militar e a cultura da liberdade¹³. Sem esses três elementos talvez a internet tivesse se configurado de outra forma. A ciência era proveniente das universidades, que, por sua vez, colaboraram para o aperfeiçoamento técnico e tecnológico. A investigação militar, por meio das mídias, tivera a comunicação entre diversos órgãos de defesa do país facilitada. Enquanto que a cultura da liberdade se consubstanciou na descentralização e democratização da informação. O objetivo maior era criar uma rede de informação e comunicação que envolveria todo o globo,

[...] assim, a ARPANET, fonte principal do que acabaria por ser a internet, não é uma consequência involuntária de um programa de investigação desorientado. Foi idealizada, deliberadamente desenhada e posteriormente gerida por um resolutivo grupo de informáticos que partilhavam uma missão que pouco tem haver com estratégias militares. Estava fundamentada no sonho científico de mudar o mundo através da comunicação entre computadores, apesar de alguns participantes nesse grupo se conformarem como o fomento do desenvolvimento da informática de qualidade (CASTELLS, 2007, p. 36).

Os avanços tecnológicos com a criação da internet são resultado do trabalho de instituições governamentais, universidades e centros de investigação. A internet não se originou do mundo empresarial, pois era um projeto caro demais para que uma empresa assumisse esse risco (CASTELLS, 2007). As empresas privadas não viam futuro nessa tecnologia, por isso o descaso e a não aceitação. Em meados de 1990, a internet já estava privatizada e sua arquitetura aberta permitia a ligação em rede de qualquer ponto do planeta. Mas para a sociedade em geral, a internet nasceu em 1995.

As principais características da internet desde sua origem são a liberdade, a troca de informações e a interatividade, o que fez com que a mesma se definisse

¹³ Segundo Castells (2007), a cultura da liberdade fez parte do processo de criação da internet e foi fundamental para o seu desenvolvimento estrutural e humano. No campo estrutural, referem-se aos seus formatos, programas e softwares; no campo humano, à interatividade e à comunicação entre as pessoas de diferentes partes do mundo.

como tal. Foi na universidade e nas redes comunitárias que a criatividade e o formato foi se configurando até chegar à forma atual pela qual a conhecemos. Foi a partir da coletividade, ou melhor, da participação de vários grupos engajados, com várias ideias, permitindo trocas e construindo conhecimento, que o caráter aberto da arquitetura da internet constituiu a sua principal força. A distribuição livre do código fonte¹⁴ permite alterar o código e desenvolver programas e aplicações, baseando-se na cooperação e livre circulação dos conhecimentos técnicos. Qualquer pessoa com um pouco de conhecimento técnico poderia participar dessa empreitada. Os hackers¹⁵ ajudaram, e muito, no processo de criação e desenvolvimento da internet.

A criação e o desenvolvimento da internet, ou ainda, a internet em si, caracterizam-se basicamente como um fenômeno cultural, idealizado por grupos humanos com objetivos concretos e com apoio do governo, instituições e comunidades alternativas que se habilitaram a criar uma ferramenta capaz de produzir e trocar informações ao redor do mundo, em tempo real, com fronteiras não tão visíveis (CASTELLS, 2007).

A internet nasceu e se desenvolveu com essa característica de liberdade, mostrando-se eficaz nos aspectos libertários e democráticos. É neste sentido que esta nova mídia, diferente das demais, facilita a liberdade de expressão, de pensamento e criação, em que todos dela participam e a constroem coletivamente, desde sua criação ao seu desenvolvimento atual.

Essa breve história da internet torna-se necessária para a relacionarmos com a atualidade, resultado de toda a sua origem e criação. Os impactos e as transformações que esta tem criado, assim como com outras tecnologias e mídias, têm interessado a muitos estudiosos. Não é a toa que essas mudanças trazem inúmeros benefícios e ao mesmo tempo muitas indagações. Em relação aos estudos mais recentes sobre a internet, enfatizam-se os de dois autores dado o seu pioneirismo e contribuição para a área: os de Manuel Castells e os do filósofo Pierre Lévy.

Castells (2007) enfatiza o poder da internet com sua capacidade para distribuir informações por todos os âmbitos da atividade humana, definindo o conceito de redes da seguinte maneira:

¹⁴ Código fonte são as linguagens de programação. A partir do código fonte são desenvolvidos os softwares.

¹⁵ Os hackers citados por Castells são programadores que ajudaram na construção e no desenvolvimento da internet no início dos anos 1990.

[...] uma rede é um conjunto de nós interligados. As redes são forma muito antigas da atividade humana, mas atualmente as redes ganharam uma nova vida, ao converterem-se em redes de informação, impulsionadas pela internet. As redes têm enormes vantagens como ferramentas organizativas, graças à sua flexibilidade e adaptabilidade, características fundamentais para sobreviver e prosperar num contexto de mudança permanente (CASTELLS, 2007, p.15).

A internet é um importante meio de comunicação e informação, de grande acesso, que permite a produção e distribuição de informações ao redor do mundo. Transforma o mundo da comunicação em grande escala e está disponível a todos aqueles que a ela têm acesso. Nenhuma outra tecnologia ou mídia na história permitiu tanta liberdade de poder produzir e distribuir informação em grande parte do planeta, em grande escala. Qualquer pessoa que tenha acesso à rede pode produzir um texto, poesia ou até compor uma música e disponibilizá-la na internet, em uma rede social ou em qualquer site, tornando-se passível de visualização por inúmeras pessoas. A internet é uma rede que promove interação e participação de todos. Para Castells (2007), a internet não é uma utopia¹⁶, e nem tão pouco uma distopia¹⁷, é um meio pelo qual nos expressamos por meio de um código de informação específico.

O desenvolvimento da microeletrônica facilitou muito a criação dos microcomputadores e demais instrumentos eletrônicos, permitindo, em especial, a otimização do manuseio desses instrumentos. Segundo Castells (2007), a microeletrônica foi fundamental para a criação de novas tecnologias, incluindo a internet. O autor alerta também sobre a exclusão digital, uma vez que nem todas as pessoas têm acesso à internet, produzindo desigualdades. A internet facilita a comunicação, a informação, sendo uma ferramenta utilizada tanto para o lazer, para o trabalho quanto para os negócios. Engloba vários setores da sociedade, sendo de uso primordial para aqueles que têm acesso e trazendo, certamente, prejuízos às pessoas que não têm.

¹⁶ Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos. Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=utopia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=aJlzWPu0OlewwATtaWQC>.

¹⁷ Distopia ou antiutopia é o pensamento, a filosofia ou o processo discursivo baseado numa ficção, cujo valor representa a antítese da utopia ou promove a vivência em uma “utopia negativa”. As distopias são geralmente caracterizadas pelo totalitarismo, autoritarismo, por opressivo controle da sociedade. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Distopia>>.

Pierre Lévy também traz grandes contribuições para os estudos sobre a internet, tal qual Castells. Este autor relata que é difícil separar a técnica do ser humano, uma vez que o mundo humano é técnico, pois

a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria (LÉVY, 2010, p. 22).

Para este autor, existem três entidades que se destacam: as técnicas (artefatos eficazes), a cultura (a dinâmica das representações) e a sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força). Essas três entidades relacionam-se umas com as outras, em uma forma de interação na qual se configura a tecnologia. São entidades totalmente dependentes, pertencentes à dinâmica do social. A técnica não se define por ela mesma, segundo Lévy (1999), e está permeada por relações que envolvem pessoas, ideias, representações, materiais naturais e artificiais.

O autor traz alguns conceitos referentes à cultura na era digital, um deles é o de cibercultura, definida como "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 17). Esse ciberespaço é um espaço voltado para a virtualidade sobre a própria condição de processamento virtual, no qual o virtual não é o real, mas sua significação, não é físico, mas pode tornar-se virtual ao se transpor da realidade para o virtual. Muitas empresas têm sedes tanto físicas como virtuais. A digitalização é traduzida em números e permite a virtualização.

O mundo chamado de ciberespaço trouxe grandes mudanças relacionadas ao modo de ler, interpretar e construir conhecimentos, a exemplo das tecnologias da inteligência. As chamadas tecnologias da inteligência são "[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (LÉVY, 2014, p. 29). São os conhecimentos mútuos das pessoas, interativos e dinâmicos, resultado das trocas de informações e de conhecimento. O hipertexto, como exemplo dessas novas tecnologias, é móvel, dinâmico, mistura as funções da leitura e escrita, além de poder ser coletivo.

Por último, Lévy (1999) aponta três aspectos salutares sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita: 1) antes da escrita: saber prático, mítico e ritual; 2) com a escrita: saber pelo livro, texto interpretável e transcendental; 3) com o hipertexto: intérprete domina o conhecimento. O hipertexto permitiu essa dinâmica da participação, da interatividade e da autoria. O texto pode ser construído e reconstruído com a participação de todos, independentemente do espaço e lugar.

A história da internet está relacionada ao caminho que as mídias percorreram ao longo de toda a história, não podendo desvinculá-las em nenhum momento. A internet, por assim dizer, é uma extensão dessas mídias, é um processo da nossa capacidade de cognição e de instrumentação técnica, permitindo novas formas de produzir e compartilhar as informações.

O conceito da técnica, ciência e tecnologia, exposto e discutido neste capítulo, desde a Grécia Antiga até os pensadores contemporâneos, da mesma forma que as noções pertinentes à origem e desenvolvimento da internet, contribuíram para entendermos o quanto a tecnologia passa por transformações e dinâmicas em todo o seu processo histórico. Sem essa discussão, fica difícil entendermos as tecnologias recentes e sua relação com a sociedade. O mecanismo de busca Google é uma tecnologia recente e não escapa dessa análise. Para entendermos o Google, precisamos buscar essas discussões de diversos autores, pois não podemos desvincular o Google da questão da técnica, ciência e tecnologia nem tampouco da própria internet, à qual se vincula.

2 O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS (TDIC) NO ENSINO

O uso da internet como ferramenta para o ensino é um tema em constante debate e discussão. Diversos autores apresentam a internet como uma nova possibilidade e mecanismo para adquirir informações, mas não apenas isso, também é possível utilizar essas informações e transformá-las em conhecimento. A mesma se difere de outras mídias pela facilitação de liberdade e autoria, apresentando um universo denso e infinito, que precisa, além de tudo, de muita atenção, pois requer um olhar atencioso e crítico de quem está pesquisando acerca dos seus conteúdos.

O uso das TDIC para educação requer antes de tudo capacitação dos professores quanto: ao uso dessa tecnologia, pois sem esse aperfeiçoamento será impossível promover tal intento; ao currículo, inserindo a tecnologia, no caso específico da internet, juntamente com o ensino de História, pensando-se sobre como esse currículo poderá ser trabalhado; ao planejamento muito bem organizado, pois sem planejamento não se poderá atingir algumas metas ou objetivos estabelecidos pelos planos de ensino; e, por último, quanto à estrutura, no que diz respeito aos aparelhos que serão utilizados para o uso da internet, sua manutenção e manuseio.

Para se chegar ao ponto central deste trabalho, precisamos apresentar e discutir alguns autores que trabalham com as novas tecnologias, mais explicitamente, sobre o uso da internet como suporte e ferramenta para o ensino. Os autores trazidos neste capítulo não trabalham especificamente com o ensino de História, mas apresentam possibilidades para o uso da internet e as mudanças cognitivas que essa mídia acarreta aos alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Somente no terceiro capítulo trabalharemos especificamente o ensino de História com a utilização do Google como ferramenta, mostrando algumas possibilidades que podem ser utilizadas por professores dessa área.

No capítulo atual, abordamos as TDIC e o modo como estas podem contribuir para o ensino, já que provocam diversas mudanças na forma de ler, interpretar, adquirir informação e na construção do conhecimento. As discussões acerca das TDIC e as mudanças ocasionadas por seu surgimento trazem oportunidades para

uma discussão mais ampla. É imprescindível esse diálogo, pois, como professores de História, temos de estar atentos a essas discussões.

2.1 Comunicação, informação, interatividade e cognição: novas linguagens, novas leituras e novos leitores

No desenvolvimento das tecnologias, especificamente das mídias, observam-se mudanças na forma de se comunicar, na forma de adquirir informações, e na forma de obter e construir conhecimento. Os suportes apresentados no decorrer da história, como o livro, o rádio ou a televisão, dentre outros, partem dessa socialização e práticas humanas. Não poderemos pensar nesses suportes sendo exclusivamente portadores de materialidade, mas com conteúdos que nos informam e que nos possibilitam entender um pouco sobre as coisas e os fatos que acontecem. Estes permitem a divulgação de informações para um grupo ou um grande número de pessoas, para que todos sejam informados sobre um determinado assunto, fato ou um acontecimento.

As informações repassadas por estes suportes permitem transformações cognitivas em seus usuários, facilitando o intercâmbio e a interatividade dado o grande aumento de informações por eles gerado. Os suportes facilitam o armazenamento, a distribuição e a circulação dessas informações, apesar de que cada um tem sua singularidade e particularidade em sua materialidade e na forma de produzir e disseminar as informações. Provocaram e provocam novas maneiras de ler, atitudes e novas interpretações. O desenvolvimento desses diferentes suportes, em determinada época, partem de nossa necessidade social e tecnológica o que nos permite sempre avançar de acordo com as demandas sociais e interesses divergentes.

Diferentes suportes ou mídias estão presentes em nosso cotidiano, em nossas vidas: teatro, jornais, revistas, cinema, televisão, rádio, e muitos outros; os quais têm papel crucial na disseminação das informações, no conhecimento, não descartando o poder que as grandes empresas da mídia têm e a forte manipulação destas informações com a intenção de privilegiar alguma pessoa ou grupos.

A utilização de computadores permitiu uma nova mudança na forma da leitura (CHARTIER, 2002) e em como utilizar esta nova tecnologia. Igualmente como na invenção da imprensa e do livro impresso, essas transformações afetam a sociedade ou grupo de pessoas que utilizam tal tecnologia. A tela do computador permitiu novos formatos de texto, imagem e som em um espaço ilimitado de informações que podem ser buscadas a qualquer momento, bastando apenas ter uma conexão com a internet. Novas práticas, atitudes, formas e conteúdos, a partir dessas mudanças, foram intensificadas e se configuraram historicamente, no que concerne às várias mídias e suportes ainda presentes.

O computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos com o mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade (CHARTIER, 2002, p. 23).

O mundo da comunicação eletrônica é um mundo da “superabundância textual” (CHARTIER, 2002), no qual existe uma grande oferta de textos disponíveis a quem quiser ler. Nesse formato, o usuário está à frente de suas decisões para escolher o que lhe interessa no momento. A disponibilização na escolha de textos e de leituras transformou-se em uma nova ruptura entre o leitor do livro e o leitor da tela. Não que eles existam separadamente, ou que um exclui o outro, mas sim na diferenciação na forma da leitura e interpretação dos textos. Trata-se de uma revolução da textualidade digital que constitui uma mudança epistemológica presente na tela do computador. Essa difusão da escrita na tela do computador permite um novo formato, algo diferente do formato do livro e uma maior participação do leitor na sua escolha, além de interatividade. A leitura na tela, no computador, é geralmente descontínua.

[...] o texto eletrônico, tal qual o conhecemos, é um texto móvel, maleável e aberto. O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição ortográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera (CHARTIER, 2002, p. 25).

A revolução no mundo digital está afetando nossas vidas, nosso cotidiano, mudando nossas relações com os outros, assim como ocorreu com outras mídias. Chartier (2002) aponta as diferenças do texto eletrônico para o texto tradicional:

ausência de materialidade, estabelecimento de novas hierarquias ou diferenciações quanto ao suporte físico que podem ser o computador e os formatos tradicionais de textos impressos, as diversas plataformas e a transmídia. Essas mudanças nos formatos desses novos textos trazem consideráveis contribuições quanto à forma de ler, interpretar e ao processo cognitivo das pessoas que buscam e leem esses textos. Essas mudanças não são exclusivamente pertencentes às leituras feitas na tela do computador, mas em outros formatos, no perpassar da história.

Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade, era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade (CHARTIER, 2002, p. 30).

O espaço digital é amplo e infinito, disponibiliza uma grande quantidade de textos, imagens e sons. Esse espaço permite uma leitura descontínua, segmentada e fragmentada. A grande quantidade de informações neste espaço torna-o abundante, mas, ao mesmo tempo, demasiadamente cansativo, pois para pesquisar as informações presentes neste espaço, tem-se deter paciência, disposição, saber filtrar a escolha e o objetivo dessa busca e o mais importante, há a necessidade de desenvolver a percepção crítica sobre as informações coletadas. Na internet há inúmeras informações que são falsas ou criminosamente manipuladas, por isso o cuidado do pesquisador e do leitor que busca informações neste suporte deve ser grande.

Sobre essas mudanças ocorridas por conta do leitor, o qual ganha nova configuração, Chartier (2002) fala da própria morte do autor e de sua ascensão e onipotência frente às novas tecnologias. Morte do leitor ou uma transfiguração? O nascimento e a morte do autor? Para este autor, a tela do computador proporciona ao leitor uma abundância de textos e discursos presentes neste espaço, o que o difere do livro escrito. Os textos se multiplicam na tela fluidamente. Isso não significa o fim do livro, pois inúmeras mídias são utilizadas simultaneamente, e nem significa a morte do leitor, pois o livro escrito e a tela do computador fornecem apenas suportes diferenciados, apesar deste último possuir para além do escrito, a imagem e o som. O que podemos observar é que “a revolução do texto eletrônico, é de fato, ao mesmo tempo, uma revolução na técnica de produção dos textos, e uma

revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leituras” (CHARTIER, 2002, p. 113).

Estamos, de fato, diante de muitas mudanças, com novas práticas e novos desafios, com os quais ainda estamos aprendendo a lidar. O livro impresso ainda viverá por muito tempo, pois assim foi com a escrita manuscrita que perdurou longamente mesmo com o advento do livro impresso. As mudanças na ordem das práticas são mais lentas que as revoluções das técnicas que ocorrem de maneira mais rápida, pois, em relação ao escrito e ao digital, só o tempo nos dirá o que vai acontecer. Assim, o

[...] novo suporte do escrito não significa o fim do livro e a morte do leitor. O contrário talvez. Porém ele se impõe uma redistribuição dos papéis na economia da escrita e a concorrência (ou a complementaridade) entre os diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos (CHARTIER, 2002, p. 117).

A revolução digital feita a partir do uso dos computadores e demais suportes apresentou profundas transformações no modo de ler e interpretar informações, assim como foi a do livro impresso. Representa novas formas de agir e pensar sobre determinadas fontes abrindo um novo processo cognitivo, ou melhor, uma percepção cognitiva.

Santaella (2004) estuda a percepção cognitiva desses novos leitores e distingue seu modo de agir, fazer, ler e interpretar os novos suportes apresentados, principalmente o computador e seus usos. Existe uma diferença crucial da passagem do livro impresso ao suporte digital provocada pela mudança que este causou nas pessoas que o usam e que partem de uma nova significação. A própria autora explica que “[...] tomou por base, isto sim, os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas nos processos no ato de ler, de modo a configurar modelos cognitivos que lhe são próprios” (SANTAELLA, 2004, p. 19). As mudanças nos formatos dos suportes (livros, computadores) influenciam a forma de ler, trazendo novas possibilidades cognitivas aos seus leitores. A autora distingue três tipos de leitores: o *contemplativo*, o *movente* e o *imersivo*, este último ligado às novas tecnologias de comunicação e informação. As práticas de leituras são definidas a partir do contexto histórico e social e o próprio suporte por ela apresentada. Tentaremos explicar nos parágrafos seguintes essas práticas.

A leitura silenciosa é tipicamente moderna e se solidificou com a cultura do livro impresso, que lhe deu maior significado. Antes da cultura do livro impresso, lia-se muito em voz alta. O ato de ler um livro impresso não acabou de vez com a leitura em voz alta, mas a leitura silenciosa se acelerou muito com as novas práticas. A leitura silenciosa possibilitava ler mais rapidamente textos muito complexos. O livro impresso tinha algumas vantagens em comparação aos outros suportes, como o texto em rolo, por exemplo, já que poderia ser fabricado em grandes quantidades (devido ao advento da imprensa), poderia ser manuseado e marcado por qualquer pessoa que estivesse lendo-o, propondo-se breves anotações em espaços existentes. Dessa forma,

[...] o livro impresso foi um poderoso instrumento para conferir toda eficácia à meditação individual, para concentrar o pensamento que, sem ele, estaria disperso, ao mesmo tempo que assegurava, em um tempo mínimo, a difusão de ideias, criando, entre os pensadores, os novos hábitos de trabalho intelectual (FEBVRE, 1991 *apud* SANTAELLA, 2004, p. 21).

A partir do século XVI, a leitura individual, solitária, privada, silenciosa, com inúmeros livros e textos foi se distanciando das celebrações religiosas e familiares. Nessa transição da leitura em voz alta para a leitura silenciosa, esta última tornou-se uma prática muito exercida no mundo moderno. Os novos suportes ou os novos tipos de mídias moldam e modificam o comportamento dos leitores, permitindo mudanças na sua percepção cognitiva.

O leitor contemplativo, mediativo, situa-se temporalmente na idade pré-industrial, como leitor do livro impresso e da imagem expositiva, conforme fixa Santaella (2004). Esse tipo de leitor nasce no Renascimento e perdura hegemonicamente até meados do século XIX. É aquele leitor que tem em suas mãos objetos que podem ser manuseados, materializados com ideias, pensamentos e histórias em forma de letras e organizados conforme as regras estabelecidas. Ele contempla e medita acerca do que está escrito e pode escolher e consultar na hora em que achar conveniente. A materialidade do formato do livro trouxe uma nova percepção cognitiva que resultou em novas práticas de leitura, não somente a forma material, também as informações contidas nessas escrituras.

As transformações econômicas, sociais e políticas provocadas, mormente, pela Revolução Industrial, permitiram um novo tipo de leitor. Estamos diante de uma nova fase da história mundial e do avanço do capitalismo. As formas de produção e

de trabalho se tornaram uma das principais ferramentas de mudanças, acarretando gradualmente novas formas de como a sociedade reage às alterações, na maioria dos casos, se adaptando a essa nova realidade.

A modernidade retrata o mundo do capital, do negócio, do consumo, da metrópole como espelho dessa nova sociedade. Um mundo muito fragmentado e exposto à magnitude e ilusão. Imagens de uma época em que a humanidade, pelo menos na Europa, era detentora de um imaginário que simbolizava a própria modernidade e o usava como lema, segundo Santaella (2004). A Europa se apresentava como um modelo pleno da civilização e de modernidade, como guarda dos bens artísticos culturais. A Europa é o exemplo da civilização e do progresso

[...] nessa nova realidade, as coisas fragmentam-se sob o efeito do transitório, do excessivo e da instabilidade que marcam o psiquismo humano com a tensão nervosa, a velocidade, o superficialismo, a efemeridade, a hiperestesia, tudo isso convergindo para a experiência imediata e solitária do homem moderno (SANTAELLA, 2004, p. 29).

Em meio a esses aspectos históricos e sociais relatados é que surge outro tipo de leitor que é o movente. Este segundo tipo de leitor, o movente, fragmentado, é o intermediário entre o leitor contemplativo, mediativo e o leitor imersivo do virtual e do ciberespaço. Trata-se de uma preparação da sensibilidade cognitiva para o surgimento do leitor imersivo, que navega nos espaços virtuais. O leitor movente é o leitor de tira de jornais, de fragmentos, de fatias de realidade. É leitor do mundo em movimento, dinâmico, híbrido, da Revolução Industrial e dos grandes centros urbanos. Nasce com a invenção do jornal, do cinema, da televisão, do rádio, dentre outros, na verdade, dos símbolos, das imagens e dos sons. Santaella (2004) explica um pouco essa diferença entre o leitor mediativo e o leitor movente, a saber:

[...] o leitor do livro, mediativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo (SANTAELLA, 2004, p. 30).

O terceiro tipo de leitor, o imersivo, virtual, advém das novas tecnologias, a exemplo do computador, no século XXI, a partir das quais se observa nos novos leitores uma nova percepção cognitiva. Na era digital, em seu processamento de informação e comunicação, nota-se uma nova linguagem, diferente das de outros

suportes e mídias que transcorreram na história da humanidade. A tela do computador transforma-se em um grande espaço ilimitado, infinito e cheio de possibilidades, especialmente ligado à grande rede que é a internet. O clique do mouse pode levar a lugares e a informações nunca antes imaginados. A liberdade do usuário em escolher determinada fonte ou informação é uma das grandes características do mundo digital. O “[...] leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza” (SANTAELLA, 2004, p. 33).

É um modo inteiramente novo de lidar com as fontes de informação e a forma como estas são interpretadas, diferente dos outros tipos de leitores. Não que os outros tipos de leitores tenham “falecido” em decorrência dessas novas transformações, ao contrário, continuam a exercer seus “papéis”. É fundamental assinalar que não é o empoderamento do leitor imersivo sobre os demais leitores, mas a passagem de um leitor para outro, que envolve grandes transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas; um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental.

Para Santaella (2004) essas transformações estão baseadas em:

- a) Tipos especiais de ações e controles perceptivos que resultam da decodificação ágil de sinais e rotas semióticas;
- b) Comportamentos e decisões cognitivas alicerçadas em operações inferenciais, métodos de busca e de solução de problema. Embora essas funções perceptivo-cognitivas só sejam visíveis ao toque do mouse, elas devem estar ligadas à polissensorialidade e senso-motricidade, no envolvimento extensivo do corpo na sua globalidade psicossensorial, isto é, na sua capacidade sensorial sinestésica e sensório-motora;
- c) Ligação das funções perceptivo-cognitivas à polissensorialidade e senso-motricidade do corpo na sua globalidade psicossensorial.

Essa nova forma de leitura que é apresentada a partir do leitor imersivo, define-se por novas práticas sociais de percepção cognitivas. No que tange à constituição do leitor imersivo, podemos observar novos tipos de *usuários* ou *internautas* que se caracterizam como atitudes, formas e percepções cognitivas sobre o uso, o manuseio do computador e da internet. Precisamos entender e compreender esses tipos de usuários e internautas, os quais Santaella (2004)

elaborou a partir de sua pesquisa, de extrema importância para o nosso estudo, pois esta compreensão nos ajuda e muito quanto à problematização do nosso objetivo principal - a utilização do mecanismo de busca Google para pesquisas no ensino de História. Sem o entendimento sobre as novas práticas de leituras, não poderemos entender a dinamicidade da pesquisa na internet voltada especificamente para o ensino de História. Para elaborar propostas de pesquisa para o ensino de História é necessário entender essas novas práticas de leituras. Remontando à pesquisa da autora, soubemos sobre seus objetivos de pesquisa que

[...] desde a fase de elaboração do projeto de pesquisa, que deu origem a este livro, estava muito certa daquilo que não queria realizar. Não me interessava conduzir uma pesquisa quantitativa para medir algumas transformações perceptivas e cognitivas dos usuários do ciberespaço. O que buscava encontrar era um perfil holístico capaz de delinear os traços definidores de um novo modo de ler do internauta. O que me surpreendia nesse modo de ler era a sincronia da cognição como os aspectos sensório-motores, a motricidade física expressa na prontidão das respostas, em certo modo de reagir sensitivo e muscular, em suma, o controle motor exímio, a agilidade e instantaneidade das ligações entre a mente que pensa, o olho que perscruta e o corpo que reage na extremidade da mão (SANTAELLA, 2004, p. 55).

Como se pode observar, a pesquisa foi realizada, principalmente, considerando a observação sobre como os usuários tinham familiaridade com o ato de navegar e como eles utilizavam as ferramentas disponibilizadas por essa tecnologia, que são muitas. Tarefas foram atribuídas de acordo com o nível de entendimento e práticas de cada usuário. A ideia foi a de detectar mudanças perceptivas e cognitivas no tipo de leitura que é próprio do ciberespaço.

Os sujeitos da pesquisa, designada por Santaella (2004) como pesquisa-piloto (exploratória), foram os seguintes:

- a) aqueles que tinham familiaridade com o uso ciberespaço;
- b) aqueles que não tinham nenhuma intimidade.

Todos os usuários deveriam ter cursado minimamente o ensino médio completo. Idade e sexo não foram levados em consideração. Foram selecionados 15 usuários do tipo **a** e 15 do tipo **b**, totalizando 30 usuários. Foram aplicados questionários para coletar informações básicas como nome, idade, grau de escolaridade, se utiliza computador, se há computador em sua casa e se usa a internet. Para o último dado, em caso de resposta afirmativa, questionava-se, ainda,

sobre há quanto tempo utilizava-se a internet, com que frequência ocorre este uso e que tipo de uso se faz da internet.

Foram feitas entrevistas abertas, depois de aplicado o questionário citado anteriormente, com as seguintes perguntas: Para o usuário do tipo **a**: “Que dicas você daria para uma pessoa que não tem familiaridade com a rede e que deseja começar a navegar?”. Para o usuário do tipo **b**: “Que dificuldades você encontra para navegar na rede?”. A partir das entrevistas com os usuários dos tipos **a** e **b**, observou-se que o universo dos usuários não poderia ser simplesmente dual, devendo haver um usuário do tipo intermediário, entre o experiente e o inexperiente, tornando a tipologia dos usuários que usam o ciberespaço mais adequada à realidade de pesquisa. Segundo Santaella (2004),

[...] foi daí que veio a ideia que os usuários a serem abordados são, de fato, de **três tipos: o novato, o leigo e o experto**. Acreditava-se que o nível intermediário dos leigos poderia dar-nos elementos que nem o experto nem o novato poderiam. Entendemos que o usuário novato é aquele que não tem nenhuma intimidade com a rede, para qual tudo é novidade. O leigo é aquele que sabe entrar na rede, já memorizou algumas rotas específicas, mas não adquiriu a familiaridade e competência de um experto, que conhece os segredos de cada mínimo sinal que aparece na tela (SANTAELLA, 2004, p. 58) (Grifo nosso).

Além do questionário e da entrevista aberta, foram utilizadas as gravações de vídeos dos usuários manuseando os computadores. A autora comenta que foram importantes as gravações de vídeos, pois isso permitiu uma melhor análise sobre o manuseio e uso dos computadores. Os vídeos mostram as dificuldades relativas à manipulação do mouse, do teclado, a coordenação e uso de signos que aparecem na tela e a reação diante destes signos. Quanto aos usuários novatos, foram percebidas as dificuldades para tocar no mouse e manipulá-lo, bem como a falta de agilidade para dar respostas a vários encaminhamentos exigidos¹⁸ e que tinham de ser feitos pelo computador. Faltava-lhes conhecimento acerca do uso mínimo do computador (SANTAELLA, 2004).

Nas interpretações dos dados coletados, os tipos de usuários apresentam-se com várias formas, intensidades e gradação sobre o uso e manuseio do ciberespaço. Muitos desses usuários deixam seu rastro de cognição sobre este ciberespaço, o que indica os graus de entendimento e conhecimento sobre estes

¹⁸ Os “encaminhamentos exigidos” de que a autora fala são os comandos dos computadores que os usuários devem fazer para obter êxito em suas práticas.

mecanismos. Temos de levar em conta que é um processo, que passa por um longo caminho, até que se atinja uma intensidade pequena, média ou maior de cognição¹⁹ e entendimento. A capacidade que cada um dos usuários tem é percebida pelo grau de cognição que o mesmo apresenta. Nesse sentido, vale a atenção sobre o desenvolvimento desses usuários, o qual está intrinsecamente ligado às práticas, pois sem elas o desenvolvimento das habilidades cognitivas poderá ficar estagnado por um longo período, o que faz com que a prática constante seja fundamental para a aquisição da competência do ato de navegar, conforme Santaella (2004).

Os principais traços revelados pelos novatos são a desorientação, a ansiedade e a insegurança. A desorientação ocorre por conta da proliferação de signos presentes na tela, os quais não são entendidos e acabam demandando uma ação desconhecida pelos usuários. A ansiedade advém de um estado que o novato atinge face ao novo ambiente do qual ele está participando. Há, ainda, insegurança nas operações de navegação, por falta de conhecimento. Existe também uma grande tendência do usuário novato desistir antes mesmo de tentar por outra rota ou caminho, além de uma impaciência em relação ao tempo que seria necessário para a sua compreensão.

Entre os leigos, faz-se muito presente a expressão “aprender a se virar”, já que estes possuem o conhecimento específico de algumas rotas e deverão se virar para encontrar outras. Esse usuário tem como características típicas a persistência e a procura por novos caminhos, num movimento constituído pelos acertos e erros cometidos durante as tentativas. O experto já possui certo grau de entendimento sobre os caminhos e rotas a percorrer, manipulando de forma mais rápida e inteligente os comandos do computador. As dificuldades de entendimento do uso do computador do novato e do leigo já não se apresentam mais no experto, pois este já ultrapassou e superou tais dificuldades (SANTAELLA, 2004).

O ciberespaço apresenta várias ferramentas, as quais só são possíveis de serem manipuladas a partir de um conhecimento mínimo do usuário, pois este permitirá caminhos sejam percorridos para que se chegue às ações solicitadas. Cada ferramenta possui um significado e uma função, as quais o usuário precisa aprender a usar para, a partir deste procedimento, chegar aos resultados. Cada ato

¹⁹ Santaella (2004) observa os graus de entendimento dos usuários em relação ao uso dos computadores, que podem ser uma intensidade pequena, média e de maior cognição. Para a autora, são essas práticas que vão determinar o desenvolvimento contínuo dos usuários.

e ação permite um estado que precede outro estado na navegação. Santaella (2004) exemplifica melhor sobre a navegação e seu processo dinâmico, uma vez que a navegação envolve

a) um estado inicial, b) um conjunto de navegadores de navegação, c) compreensão desses navegadores, d) manipulação de operadores, e) mudança de estados como resultado da manipulação de operadores. Portanto, a navegação caracteriza-se como um campo de estados no qual há novos estados e estados precedentes. Um novo estado é aquele que é produzido pela mais recente aplicação de um operador. O que aqui estou chamando de operador é comumente chamado de ferramenta. Prefiro o termo operador por sua evocação de mecanismos manuais e também mentais. Assim, os operadores são notações formais (palavras, ícones, índices, barras, diagramas) que correspondem a regras heurísticas que o usuário usa para passar de um estado a outro. Nos processos de navegação, os operadores funcionam como indicadores de ação (SANTAELLA, 2004, p. 66).

Os estados e mudanças devido ao uso dos operadores tornam a navegação um conjunto de procedimentos e regras que o usuário tem de aprender e saber utilizar, pois sem esse aprendizado se torna difícil o desenvolvimento desses estados²⁰. Existem dois processos fundamentais que fundam a navegação: a compreensão e a busca²¹. A compreensão é o estado das coisas, assimilação dos estímulos, informação mental que uma pessoa tem de um determinado problema. O processo de busca é uma tentativa de chegar a um alvo conduzido pelos resultados do processo de compreensão. A compreensão gera uma representação interna que a pessoa tem do problema e o processo de busca gera a representação interna da solução.

O processo de compreensão apresenta-se mais para o usuário novato e o processo de busca mais para o usuário leigo. Apesar de ambos os processos caminharem juntos, a ocorrência de compreensão deve se dar anteriormente à busca. Há uma predominância da compreensão sobre a busca no que diz respeito ao usuário novato e uma predominância da busca sobre a compreensão para o usuário leigo. A passagem do nível do novato ao leigo significa avanço na

²⁰ Os procedimentos e regras do uso do computador são necessários para os usuários poderem navegar. Sem conhecimento mínimo, ficará difícil o entendimento e o desenvolvimento dos estados de conhecimento sobre o uso da máquina.

²¹ A navegação é um processo que se divide em compreensão e busca. São duas operações necessárias para o uso do ciberespaço.

alfabetização semiótica²² do usuário, que parte da interpretação e do entendimento dos signos presentes no ciberespaço (SANTAELLA, 2004).

No processo de busca encontram-se dois processos colaborativos: a estratégia de retorno e a estratégia de avanço²³. A primeira refere-se à capacidade de retornar a um estado anterior e escolher outro operador. É determinada pela memória que o usuário não internalizou, pois o mesmo precisa, às vezes, escrever em um papel, para não esquecer tais procedimentos. Na segunda estratégia, o usuário escolhe um operador, o opera e avalia o estado resultante. Na verdade, a estratégia de busca de retorno presume a não internalização do procedimento dos operadores que resulta na volta a operá-lo. Na estratégia de busca do avanço, o usuário já internalizou o procedimento necessário desses operadores, o faz e executa-o plenamente (SANTAELLA, 2004).

Para os expertos, os procedimentos de compreensão e busca não são mais determinantes, pois os mesmos já possuem outro processo de elaboração. Estes procedimentos de compreensão e busca referem-se aos novatos e aos leigos. A utilização dos operadores pelos expertos torna-se familiar e de mais fácil entendimento.

[...] no caso dos expertos, estes substituíram a busca pelo reconhecimento instantâneo. Por isso mesmo, neles domina o processo de elaboração. Por elaboração, entende-se aqui a internalização de que o usuário dispõe do esquema geral que está subjacente ao processo de navegação e sua habilidade para ligar os procedimentos particulares ao esquema geral. Isso significa que, para o experto, os estágios de compreensão e busca não são mais determinantes principais de seus procedimentos. Ao contrário, eles têm uma compreensão instantânea dos estímulos, um reconhecimento deles como um estado de coisas familiar e realizam uma aplicação imediata dos operadores que levam às mudanças de estados desejadas (SANTAELLA, 2004, p. 68).

Os usuários expertos fazem uso da memória para estabelecer as operações cognitivas que elaboram utilizando os operadores. A memória é um importante elemento que faz com que este usuário recorra a ela quando achar necessário, além do mais, é também uma fonte de reserva do aprendizado e do conhecimento adquirido com a experiência vivida. Os expertos sabem como utilizar os operadores,

²² Alfabetização semiótica, segundo Santaella (2004), é o processo de aprendizado operacional sobre o mundo multimídia, de “natureza híbrida”, que se compõem de vários elementos como: signos, sinais, imagens, texturas gráficas, figuras, diagramas, sons, ruídos.

²³ Estratégias de retorno e avanço referem-se ao grau de entendimento que o usuário tem sobre o uso do ciberespaço.

pois já detêm o conhecimento necessário para operá-los. Fazem cada operação conscientemente e reconhecem cada situação posta. Os mesmos detêm o conhecimento conjunto e estratégias globais afinadas, permitindo decisões e escolhas coerentes.

Os leigos, ao contrário, mais lentos e hesitantes avançam e recuam repetidas vezes até encontrar um caminho a ser percorrido. Os novatos apontam perplexidade diante da tela e dos signos, falta-lhe antes de tudo compreensão. Percebe-se também a falta de capacidade de previsão e de um esquema internalizado. Os “[...] dados colhidos pela pesquisa revelam nos novatos, uma tendência a abandonar as tarefas no meio do caminho, abandono acompanhado de um sentimento de fracasso e de frustração” (SANTAELLA, 2004, p. 69). Em termos gerais, o leigo realiza as buscas com certas hesitações. Pelo experto, o procedimento é realizado com mais rapidez. Já o novato não é capaz de realizar tais procedimentos.

Em todos os tipos de usuários, o novato, o leigo e o experto, há a presença do *insight*, que é devido ao não determinismo dos operadores e de suas escolhas resultantes. Na navegação, o *insight* significa a capacidade de mudar de estado, descoberta de um caminho ou uma rota eficaz para um resultado final. Essas mudanças se dão no estado interior dos usuários quanto ao estado físico da tela. Os *insights* têm um significado fundamental para os novatos, pois funcionam como pequenas luzes que se acendem no caminho da compreensão e ajudam em seu desenvolvimento. Para o leigo também, pois parte de uma operação bem-sucedida e essa situação é transferida para outra situação por analogia. Para “[...] o usuário experto, o insight é menos frequente, pois só entra em ação diante de situações não internalizadas e, por isso mesmo, surpreendentes” (SANTAELLA, 2004, p. 70).

O usuário experto tem uma visão geral dos meios e fins, logo, apresenta facilidade ao navegar com rapidez pelo ciberespaço. O novato navega aleatoriamente, trôpego e lento sem compreender a função dos operadores. Os leigos já são capazes de utilizar alguns operadores de forma parcial. Mas é a memória que os diferencia definitivamente quanto aos estados, pois segundo a autora os usuários precisam, acima de tudo, da compreensão que vem do conhecimento e do entendimento que os usuários têm dos operadores; da prática utilizada pelos usuários; e da memória que serve como armazenamento do que foi aprendido. O novato não dispõe de nenhuma memorização das mudanças de estados. Os leigos possuem uma memória chamada de memória operativa, uma

“memória que armazena a informação temporariamente para o cumprimento de tarefas que se apresentam no momento” (SANTAELLA, 2004, p. 71). Quanto mais operações forem realizadas com sucesso, mais a possibilidade de passar para outro estado e também para o outro tipo de memória. O experto possui a memória de longa duração, sem ela não terá o desempenho desejado, uma vez que esta facilita a prática dos usos dos operadores, pois a

[...] memória de longa duração, no caso da navegação, não quer dizer a retenção de uma soma de dados atomizados, mas a internalização do esquema geral de um processo e a capacidade de inferir, a partir desse esquema geral, os procedimentos que devem ser atualizados no momento. A memorização dos esquemas gerais é realizada em mecanismos de aprendizagem desenvolvidos pela prática. É assim que os espertos adquirem conhecimento especializado sobre novas rotas de navegação (SANTAELLA, 2004, p. 71).

Os efeitos da prática e do conhecimento adquirido são visíveis nas habilidades e no desempenho dos usuários. A percepção cognitiva se desenvolve a partir dessas habilidades chamadas perceptivo-motoras. Quanto mais a prática é exercida, mais o desempenho do usuário se aperfeiçoa. O poder da prática leva à automatização dos gestos e ao entendimento que se tem sobre os operadores. Os signos têm sentido, e, para entendê-los, esses signos têm de ter primeiramente conhecimento e prática adquirida pela própria experiência. Para a autora, no caso da navegação, “à sincronia de habilidades perceptivas e motoras adicionam-se operações mentais complexas, que envolvem compreensão, identificação, decisão e avaliação” (SANTAELLA, 2004, p. 72).

Os três tipos de usuários, o novato, o leigo e o experto, estão presentes no leitor imersivo. Santaella (2004) destaca três tipos de raciocínio e mecanismos lógicos do pensamento humano formulados por Peirce (*apud* SANTAELLA, 2004): a abdução, a indução e a dedução, que se relacionam diretamente com os três tipos de navegadores. Os três tipos de usuários se relacionarão com o que a autora chama de construção do modelo cognitivo do leitor imersivo ou navegador: o navegador errante, aquele que abduz; o navegador detetive, aquele que induz; e o navegador previdente, aquele que deduz. O “[...] o raciocínio abduutivo é próprio do novato, que pratica a errância como procedimento exploratório em territórios desconhecidos; o indutivo é próprio do internauta que está em processo de aprendizado, e o dedutivo, daquele que conhece as manhas do jogo” (SANTAELLA,

2004, p. 92). Resumindo, os três tipos de usuários, o novato, o leigo e o experto, se identificam e se relacionam com os três tipos de navegadores, o errante, o detetive e o previdente, juntamente com os três tipos de pensamento e raciocínio, a abdução, indução e a dedução. Os três tipos de usuários, considerando-se os navegadores descritos pela autora, não diferem muito, mas foi a partir da análise dos usuários que a pesquisadora percebeu os principais tipos de navegadores. Aliás, todas essas classificações estão dentro e identificadas com o perfil do leitor imersivo, que é o virtual.

Os níveis do perfil do navegador foram identificados a partir das análises feitas na observação dos usuários em seu entendimento, conhecimento e percepção cognitiva; permitindo a classificação e identidade dos navegadores, utilizando o tipo de raciocínio e pensamento descritos por Peirce, que Santaella (2004) referencia. Para a autora, existem três tipos de navegador: o navegador errante, o navegador detetive e o navegador previdente. Todos identificados e elaborados por meio de sua pesquisa. O perfil dos navegadores não difere muito dos tipos de usuários. Tanto os usuários quanto os navegadores se identificam com cada etapa e estado relacionados. Tentaremos descrever cada um deles.

O navegador errante é aquele que está na fase inicial, em meio a descobertas e explorações a serem realizadas. O erro é uma premissa constante em seu aprendizado. O mesmo vai clicando e explorando novos espaços que ainda não havia acessado, portanto está relacionado ao usuário novato. O “errante, portanto, é o navegador que vai clicando meio sem rumo em um campo de possibilidades abertas. Sua experiência típica de um explorador” (SANTAELLA, 2004, p. 102). O navegador errante é um viajante que está desbravando lugares ainda não conhecidos, se deslocando sem rumo, sem roteiro. A falta do conhecimento e das regras estabelecidas dos operadores dificulta o seu desempenho diante da tela, mesmo assim, ele não desiste, pois apesar de constantes, esses erros fazem parte da prática e do aprendizado.

O segundo tipo de navegador, o detetive, corresponde ao usuário leigo, que é aquele que tem a experiência como elemento essencial para o processo de navegação. Ao manipular o mouse e os signos presentes na tela do computador, vai utilizando os operadores, passando por caminhos e rotas, treinando e errando, até chegar a uma solução final. E

[...] por isso mesmo, o internauta detetive caracteriza-se como um detetive informático em busca do sentido. É aquele que faz experimentações tendo em vista a coerência organizativa de sua busca. Ele procura desvendar estratégias rumo a um deslanche, alimentado pela confiança de que, passo a passo, avanço atrás de avanço, o caminho vai se abrindo (SANTAELLA, 2004, p. 111).

O navegador detetive tem uma parte de compreensão dos signos e dos sinais, podemos dizer que se trata de um navegador intermediário, entre o errante e o providente. Na realidade, diante das dificuldades que vão aparecendo, o navegador detetive não desiste, pois a sua prática é o que o faz avançar cada vez mais.

O terceiro e último tipo de navegador, o providente, é aquele que já compreende os códigos e os signos, tendo-os assimilado e, acima de tudo, internalizado. Assemelha-se ao usuário experto em que os esquemas gerais do processo de navegação se tornaram de pleno entendimento a partir da sua prática exercida cotidianamente. O navegador providente decifra códigos, signos e regras por conta do seu aprendizado e de sua memória de longa duração, que o permite internalizar e utiliza as informações quando necessário. Logo,

o providente dispõe de uma memória de longa duração, sedimentada pela prática. O processo de aprendizado já consolidado conduz à execução maquinal dos procedimentos. Navegar para ele é um ato de cumplicidade como os programas cujos segredos já estão decifrados (SANTAELLA, 2004, p. 120).

Os perfis do leitor imersivo são característicos de uma nova época, que marca as novas formas de leituras da atualidade. As habilidades que esses leitores desenvolvem partem desse mundo marcado pelas palavras, sons e imagens. Habilidades que são desenvolvidas por conta da própria tecnologia e suporte, fazendo com que esses novos leitores desenvolvam sua percepção cognitiva.

Dessa forma, as leituras presentes na atualidade servem para que façamos novas interpretações acerca dessas novas linguagens e para construirmos um paralelo com outras linguagens. Não se pode fechar os olhos para esses novos leitores, pois são eles que utilizam essas novas ferramentas e linguagens, fazendo parte dessas novas transformações e mudanças. O leitor imersivo é aquele que

[...] lê, escuta e olha ao mesmo tempo. Disso decorre não só exclusivamente óptica, como também ler de uma maneira nova e aprender cada vez com mais velocidade, saltando de um ponto a outro da

informação, formando combinatórias instáveis e fugazes (SANTAELLA, 2004, p. 182).

Santaella (2004) apresenta um diagrama com as características dos três níveis do leitor imersivo (Quadro 01):

Quadro 01 – Características dos tipos de leitores

INTERNAUTA	ERRANTE	DETETIVE	PREVIDENTE
INFERÊNCIA	Abdutiva	Indutiva	Dedutiva
LÓGICA DO	Plausível	Provável	Previsível
CAMPO DO	Possível	Contingente	Necessário
ATIVIDADE MENTAL	Entendimento	Busca	Elaboração
MEMÓRIA	Ausente	Operativa	Longa duração
ATIVIDADE	Exploração	Aleatória	Experimentação
EMPÍRICA	Aleatória	Ad hoc ²⁴	Combinatória
TIPO DE AÇÃO	Derivar sem rumo	Farejar indícios	Antecipar Consequências
ORGANIZAÇÃO	Turbulência	Auto-organização	Ordem
TIRO DE EFEITO	Desorientação	Adaptação	Familiaridade
CARÁTER	Deambulador	Farejador	Antecipador

Fonte: SANTAELLA (2004, p. 179).

Esses novos tipos de leituras originadas pelas novas tecnologias, tais como o computador e a internet, fazem parte de nosso cotidiano, lazer, estudo e trabalho e não podemos ignorá-las. No campo educacional, tanto professores quanto alunos têm de saber manipular tais ferramentas, pois estas auxiliam as práticas e os estudos escolares. Estamos diante de novas formas de leituras e cabe a nós, professores, o estímulo à utilização dessas novas práticas em nossas aulas, não descartando as outras formas, mas diversificando nossas ações.

Os estudos apresentados por Chartier (2002) e Santaella (2004) nos ajudam a entender essas novas práticas de leitura presentes na atualidade. Nós, professores, temos de nos adaptar a essas novas mudanças, pois sem entender essas novas práticas de leitura ficará difícil planejar uma aula com o uso de novas tecnologias e obter resultados satisfatórios.

²⁴ *Ad hoc* significa “para esta finalidade”, “para isso” ou “para este efeito”. É uma expressão latina, geralmente usada para informar que determinado acontecimento tem caráter temporário e que se destina para aquele fim específico. Existem vários significados para essa expressão, mas para o leitor detetive significa que os comandos que ele executa têm um caráter temporário e transitório, ou seja, é a passagem para o próximo leitor, o previdente. Disponível em <<https://www.significados.com.br/ad-hoc/>>.

2.2 O uso das novas tecnologias como uma proposta de ensino

A tecnologia está presente em nossas vidas, contribuindo para melhorar as nossas condições sociais e facilitando tarefas do dia a dia. No que tange ao ensino, ela pode contribuir positivamente para o processo de ensino-aprendizagem, se tornando um importante recurso para o professor utilizar em suas aulas. O uso de computadores torna-se imprescindível para a vida das pessoas em geral, como também para professores e alunos. Temos de nos inserir nessa etapa tecnológica, que é a informática, essencial para o nosso trabalho, estudo, interação e vida social.

O ensino precisa acompanhar essa etapa preparando professores para lidarem com essas novas tecnologias que surgem para facilitar as nossas vidas, em nosso caso, o processo de ensino-aprendizagem. Alguns professores relutam e não utilizam as TDIC por vários motivos, dentre eles: a própria falta de qualificação, a falta de estímulo, a péssima infraestrutura nas escolas, ou até mesmo, o desinteresse. Entendemos que as novas tecnologias não “salvarão” o processo de ensino-aprendizagem, acreditamos que elas possam facilitar e ajudar na elaboração de tal processo.

Elas também não vão substituir as antigas formas de escrita, como o livro, jornais e as revistas, pois mesmo no mundo virtual essas antigas formas não foram abolidas e convivem de maneira paralela. Um exemplo disso é que vários jornais, revistas e até programas de televisão estão disponíveis virtualmente na internet, bem como em suas antigas formas. Quando surgiu a televisão, falava-se que o rádio teria o seu fim em breve, mas o rádio, ainda hoje, encanta a todos. Mesmo com o advento da internet muitos suportes da mídia ainda sobrevivem.

A chamada “revolução digital” (DEMO, 2011) é uma realidade presente, que o ensino precisa incorporar para auxiliar o professor em sua tarefa diária dentro da sala de aula, tornando-a uma grande aliada na melhoria educacional em nosso país. A cultura digital, como já mencionado, faz parte de nosso cotidiano e de nossas vidas. O uso de computadores em larga escala já é uma realidade presente e incontestável. Por exemplo, notebooks, tablets e até os celulares nos auxiliam em nossas tarefas diárias, aumentando as possibilidades de comunicação e interação entre as pessoas. O computador permite a visualização de muitos textos, imagens e sons, sendo uma nova forma de materialidade informacional, de entretenimento, de

estudo e de trabalho. Tudo isso disponível na tela, sendo o próprio usuário aquele que decide sobre o que vai pesquisar, por exemplo, se um artigo científico, um livro, um vídeo ou as redes sociais, etc.

É preciso praticar, encorajar e ensinar o espírito crítico, a autonomia intelectual, e também, a usar de maneira positiva essas novas ferramentas. Parte muito do professor e da própria escola incentivar o uso dessas novas tecnologias em sala de aula, pois estas podem enriquecer o trabalho e também a construção de novos conhecimentos. A internet pode ser uma interessante ferramenta de aprendizagem, por isso, a sua relevância.

As novas tecnologias podem melhorar o ensino e a aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de ideias e atitudes, tornando o indivíduo mais autônomo. As novas formas de comunicação favorecem a aprendizagem, permitindo colaboração, interação e acesso à informação em qualquer hora e lugar, muito embora em algumas regiões a internet ainda não apresente velocidade e condições de acesso satisfatórias a todos os usuários. São vantagens que os professores têm em suas mãos, mas para que haja bons resultados, os docentes devem saber utilizar as tecnologias com preparo e planejamento. O uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ajudam muito na “inteligência coletiva e reflexiva”, expressão que Lévy (1996) utiliza para tratar dessa nova geração de pessoas que se comunicam, interagem e são capazes de criar conhecimentos a partir da reflexão conjunta.

Diante do exposto sobre as novas formas e práticas de leitura usando as TDIC, propomos uma discussão sobre uso das TDIC no ensino, considerando as relevantes proposições em torno da tecnologia, internet e, por último, das novas práticas de leitura. As propostas apresentadas são de dois autores que usam a aprendizagem virtual como uma possibilidade de ensino e aprendizagem. José Manuel Moran (2014) e Pedro Demo (2011) tratam o uso da internet como uma possibilidade de aprendizagem tanto para professores quanto para alunos, algo fundamental para as atividades escolares e extraescolares. Demo e Moran apresentam propostas relacionadas ao ensino com o uso das TDIC, especialmente, a internet. As propostas por eles apresentadas mostram o quanto é importante o uso dessas tecnologias no ensino e ao mesmo tempo nos inspira, como professores, a entender, aprender e saber utilizar essas tecnologias em nossas práticas.

Para Moran (2014), a internet é uma mídia poderosa, tanto para professores como para os alunos. A mesma consegue integrar o texto, imagem e o som a um custo barato, com rapidez, flexibilização e interação jamais vistas. O ensino presencial pode ser ampliado para outros espaços, somando diversos lugares e espaços de estudo e ensino. A flexibilização dos lugares, ou a ubiquidade, traz novos mecanismos de apropriação do saber e do conhecimento. Cabe ao professor planejar a utilização da internet como ferramenta de ensino, relacionando-a com o conteúdo e com os objetivos propostos para sua aula.

Apesar de Moran (2014) relatar experiências com alunos da graduação e pós-graduação, estas podem ser utilizadas também para a Educação Básica, eventualmente, trazendo inúmeras contribuições para o conhecimento. Os alunos pesquisam temas na internet, os quais são sugeridos pelo professor; os alunos são divididos em grupos e, ao final da atividade, devem apresentar a pesquisa realizada para os demais alunos. Estas pesquisas são divulgadas em um mural da escola ou em um *blog* criado para esse objetivo. O professor acompanha, tira as dúvidas, pois

Ensinar utilizando a internet pressupõe uma atitude do professor diferente do convencional. O professor não é o informador, aquele que centraliza a informação [...] o professor é o coordenador do processo, o responsável pela sala de aula (MORAN, 1999, p. 20).

A utilização de sites de busca como Google, Yahoo e Bing facilitará muito a realização da pesquisa. O professor tem de ficar alerta quanto ao perigo, na internet, do imenso número de informações e sobre o fato de que dentre estas existem manipulações, pontos de vista deturpados e falsas informações sobre determinados assuntos ou temas pesquisados. O correto é orientar o aluno a “garimpar” ou filtrar essas informações, selecionando apenas aquilo que é necessário e desejado para uma determinada pesquisa.

A interação, a cooperatividade e a curiosidade são elementos indispensáveis para esta proposta de ensino que incentiva o aluno a buscar novas formas de conhecimento. O compartilhamento das informações pesquisadas torna o conhecimento adquirido na pesquisa sociável e de extrema responsabilidade para com os outros, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Não basta só pesquisar, mas compartilhar e socializar essas informações, mostrando a fundamental importância da pesquisa.

Demo (2011), de maneira semelhante à de Moran (2014), recomenda o uso da aprendizagem virtual como proposta de ensino, definindo-a não muito diferentemente da aprendizagem convencional, contextualizando a aprendizagem com as novas tecnologias como uma ferramenta que pode ser utilizada como proposta auxiliar às demais já utilizadas pelo professor durante o período letivo.

A aprendizagem pode ser física ou virtual, pois o ensino e a aprendizagem podem ser efetivar em diferentes espaços, o que vai determinar o sucesso é, acima de tudo, uma proposta bem elaborada e executada e a boa vontade do aluno em aprender, pois o processo educativo é um conjunto, que não depende só e exclusivamente do professor, mas de inúmeros fatores.

A web, ou ainda, a internet 2.0, trouxe significativas modificações aos usuários, tais como a participação, a interatividade e a produtividade, ao contrário da 1.0 que concentrava basicamente reprodução, navegação e consumo. Mas o que é mais destacado na internet é a questão da autoria e a capacidade de criação. O professor deve incentivar o aluno à pesquisa e à construção do conhecimento utilizando essas ferramentas de aprendizagem que são chamadas de novas tecnologias digitais, especificamente, a internet.

São muitas as vantagens da aprendizagem virtual, dentre elas estão a autoria, a construção, a produção, a dinâmica e a mobilidade que a internet possui. São textos impressos, imagens, sons, animações que fazem da mesma um atrativo em potencial para os alunos e professores, caracterizando-se como uma importante ferramenta a ser utilizada.

Para Demo (2011), o uso dessas novas tecnologias tem de ser incorporado ao currículo das escolas para que estas sejam, de preferência, bem utilizadas por professores e alunos, já que estas não devem ser descartadas, pois se tratam de um novo componente. A escola precisa se adaptar a essas mudanças. Por isso, é muito relevante a capacitação de professores e profissionais da educação quanto ao uso das novas tecnologias no ensino, sobretudo as digitais. Sem essa capacitação é difícil uma proposta de ensino voltada para as novas tecnologias ter efeitos positivos na aprendizagem dos alunos.

Um notório destaque é o princípio da educação pela pesquisa. O professor não pode ficar refém exclusivamente da aula expositiva, não que ela não seja substancial, mas existem outras práticas que podem ser auxiliares, como, por exemplo, a pesquisa. As vantagens da pesquisa estão em pontos como o fomento à

desenvoltura da autonomia, da construção, da produção de conhecimento por parte dos alunos, não só em programas de graduação ou pós-graduação. Na Educação Básica, temos de incentivar nossos alunos a pesquisar, pois assim seu aprendizado se tornará mais proveitoso. A base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, a pesquisa deve ser atitude cotidiana para o professor e para o aluno (DEMO, 2011). A pesquisa, como princípio educativo, não é feita ouvindo-se outras pessoas falarem (como ouvintes), mas na prática, construindo o seu próprio conhecimento, cotidianamente, não só formalmente, mas cultivando o lado crítico e a intervenção dos participantes em sua realidade. Trata-se de ler a realidade de modo questionador e de reconstruí-la como sujeito competente, formando consciência crítica das situações, para contestá-las com iniciativa própria, fazendo do questionamento um caminho de mudanças. O aluno não é objeto de ensino, é sujeito do processo, parceiro do trabalho. A pesquisa é uma bela maneira de formar e educar. O aluno que pesquisa se diferencia daqueles que apenas assistem às aulas. Tanto os professores como os alunos têm de olhar a pesquisa como sendo de fundamental importância para a educação.

A pesquisa e a educação devem andar juntas, podendo ser feitas tanto por professores e alunos em sua vida cotidiana quanto na profissional. O processo educativo deve ocorrer com a construção do conhecimento, o questionamento reconstrutivo crítico e a emancipação do sujeito que transforma as informações em conhecimento. Tornar o aluno um pesquisador e autônomo não é entregar e delegar o conhecimento para ele, mas dar liberdade e responsabilidade para que o mesmo possa produzir e usar a sua criatividade dentro dos limites preestabelecidos pela ciência. Deve-se combater o que Demo (2011) chama de cópia simples e pura cópia, por meio da qual, na grande maioria dos casos, apenas há a reprodução do que foi dito e escrito, não havendo um aprofundamento com uma crítica bem fundamentada.

Devemos incentivar os alunos a produzir e não somente reproduzir o que já está escrito. Eles devem produzir a partir do que já foi feito, criticando e argumentando, desenvolvendo seu raciocínio crítico, no caso específico da disciplina História, permeando a noção de tempo e relacionando-a sempre com o passado e o presente. O tempo histórico parte dessa relação do passado com o presente, pois não podemos entender o passado partindo exclusivamente do passado. A maioria

dos trabalhos de historiadores se faz no presente e é nesta temporalidade que estes trabalhos se desenvolvem.

Para que o aluno se torne um pesquisador, este precisa, antes de tudo, de autonomia para exercer essa função, buscando materiais, ou melhor, fontes que lhe permitam tal intento. A procura de material ou fontes variadas é o primeiro indício de uma pesquisa, muito importante para um investigador, devendo se tornar um hábito constante. Nós, professores, devemos incentivar nossos alunos a buscar diversas fontes para a pesquisa, pois além de autonomia, estabelecerão certa identidade com relação à pesquisa realizada. A pesquisa visa à busca de informações, feitas pelo aluno, incentivadas pelo professor e transformadas em conhecimento a partir de algum questionamento ou problematização. Não basta somente a pesquisa pela pesquisa, mas a pesquisa com algum objetivo ou finalidade.

A partir das buscas de materiais para a pesquisa, o aluno deve ter uma interpretação própria, uma compreensão das informações colhidas. Compreender as informações para obter esclarecimentos de algum fato, acontecimento, tema, e no caso específico da História, apontar e mostrar, por exemplo, como era o Estado na época da Revolução Francesa, ou como era o Estado brasileiro na Primeira República é algo basilar e apresenta inúmeras possibilidades. A informação precisa ser colhida, interpretada, analisada, baseada em argumentos e fundamentos, sobretudo por críticas acerca da mesma. Isso vale para qualquer pesquisa, dos livros à internet. A simples reprodução torna o aluno um mero reprodutor e sem criatividade, devemos rigorosamente incentivar nossos alunos a serem críticos e produtores de seus próprios textos,

[...] assim, uma coisa é ler, tomando o conhecimento que está no livro. Outra coisa é elaborar o que se leu, imprimindo interpretação própria pelo menos. No primeiro caso, a relação é de instrução, ensino, treinamento. No segundo, é de formação da competência (DEMO, 2011, p. 34).

O aluno que pesquisa é autônomo, capaz de buscar informações e transformá-las em conhecimento a partir da compreensão do que foi coletado. É preciso fazer a crítica necessária e bem fundamentada, com a participação do professor na construção da pesquisa, envolvendo-se diferentes papéis atribuídos tanto para o aluno quanto para o professor, os quais devem pesquisar conjuntamente, em uma ação colaborativa. Não existe a autoridade centrada na

figura do professor, pois a parceria faz com que se tenham bons resultados no processo do ensino-aprendizagem.

Parceria é algo muito importante na pesquisa, pois esta envolve pessoas, a comunidade, ou melhor, a coletividade. Existem várias formas de parceria: entre os próprios alunos, alunos e professores, comunidade escolar, dentre outros. A educação não é feita por um só sujeito, mas vários sujeitos e grupos que atuam na coletividade e permitem ações conjuntas e elaboradas para o bem de todos. Qualquer ação, atividade, projeto, tem que envolver não somente um sujeito, mas todos aqueles que participam da coletividade.

A iniciativa da pesquisa pelo aluno, a sua motivação, autonomia, são requisitos para a boa pesquisa. A partir do material coletado, faz-se necessário a crítica e a produção acerca dessas informações. É o que Demo (2011) chama de questionamento reconstrutivo. A partir desse questionamento, o aluno formula sua elaboração própria, como reconstrução daquilo que foi construído, de maneira crítica. O questionamento reconstrutivo, primeiramente, busca materiais, ou melhor, informações e fontes. O segundo passo é interpretar essas informações, e, o terceiro e último passo consiste em formular, com base no que foi pesquisado e interpretado, uma nova significação. Demo (2011) explica as etapas da pesquisa feita pelo aluno:

[...] o questionamento reconstrutivo começa, pois, com o saber procurar e questionar (pesquisa). O aluno será motivado a tomar a iniciativa, apreciar leitura e biblioteca, buscar dados e encontrar fontes, manejar conhecimento disponível e mesmo o senso comum. Exercita sobre todo este material o questionamento sistemático, cultivando sempre o mais vivo espírito crítico. Aprende a duvidar, a perguntar, a querer saber sempre mais e melhor. A partir daí, surge o desafio da elaboração própria, por meio da qual o sujeito que desperta começa a ganhar forma, expressão, contorno, perfil. Deixa-se para trás a condição de objeto (DEMO, 2011, p. 35).

Demo (2011) afirma que nós, professores, não podemos nos conformar apenas com a exposição dos conteúdos, mas sempre buscar a análise crítica do que foi exposto em sala de aula. Devemos fazer com que nossos alunos estabeleçam a autonomia, a identidade, bem como sua liberdade de pesquisar e criar, dentro de critérios estabelecidos pela ciência.

Na atualidade com o advento de novas tecnologias, como a internet, há a possibilidade de se elaborar atividades de pesquisa de algum tema ou assunto para que os alunos pesquisem e produzam material referente a esta atividade e

divulguem aos outros colegas em forma de cartazes, texto escrito, vídeos, enfim, são muitas possibilidades de recursos. Por exemplo, pesquisar o nazismo na Alemanha no *You Tube*²⁵. O aluno faria a pesquisa e elaboraria um texto sobre o vídeo ao qual assistiu no You Tube. O professor pode, também, indicar os vídeos, ou o aluno procurar qualquer vídeo e fazer seu texto acerca dele, indicando qual utilizou nas referências. Não se esquecendo de que a elaboração de um texto próprio, contendo o questionamento reconstrutivo e a crítica deve ser realizada pelo aluno. Sem o questionamento reconstrutivo e a crítica tal atividade será apenas uma simples cópia daquilo que fora exposto no vídeo.

O que o professor não deve fazer, conforme definido por Demo (2011), são coisas do mero aprender ou do mero ensinar: copiar diretamente; fazer prova reprodutiva (decorativa); reproduzir um texto (apenas fichar); realizar o que é estritamente mandado; reduzir a Educação à disciplina. Coisas que o professor deve fazer para garantir o aprender a aprender: contralar, reelaborando a argumentação; refazer com linguagem própria, interpretando com autonomia; reescrever criticamente; elaborar texto próprio, experiência própria; formular proposta e contraproposta.

O 'não fazer' e o 'deve fazer' de Demo (2011) mostram um pouco da dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Nesses tempos de tecnologias digitais e de como nós, professores, devemos lidar com isso, permitindo ações que devem ser realizadas diante do aluno. Esses pressupostos mostram a dinâmica e acima de tudo a relação do professor para com o aluno e com as possibilidades de aprendizagem, refletindo-se sobre as mudanças no processo de aprendizagem, de forma que o aluno aprenda e isso, de alguma forma, contribua para a reflexão sobre diversos assuntos, problematizando e apontando sugestões para mudanças que melhorem um pouco as nossas vidas. Podem ser foco de trabalhos nessa perspectiva vários temas: meio ambiente, saúde, segurança pública, educação, dentre outros, utilizando vários suportes, inclusive, a internet.

No Quadro 2, podemos observar o que Demo (2011) defende sobre o que o ato de pesquisar do aluno deve conter, a saber:

²⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com>>. Acesso em 23 de junho de 2016.

Quadro 2 – Elementos para pesquisa pelo aluno

PESQUISA PELO ALUNO
Autonomia
Manejo eletrônico
Pesquisa
Informação
Compreensão
Interpretação
Crítica
Questionamento reconstrutivo
Elaboração própria
Conhecimento

Fonte: DEMO (2011).

A educação pela pesquisa enfatizada anteriormente, que corresponde ao aluno, se faz também pelo professor. Ao propor atividades que envolvam a pesquisa com nossos alunos, nós, professores, precisamos também tornar a pesquisa parte importante de nossas ações em nossa prática de trabalho e em nossa vida cotidiana. Se vamos propor algo aos alunos que envolva a pesquisa, precisamos também incluí-la em benefício de todos, pois a pesquisa é imprescindível para relatar, discutir, esclarecer, propor soluções a problemas que envolvem a nossa sociedade como um todo.

Demo (2011) aponta cinco desafios de pesquisa para o professor. O primeiro deles é reconstruir permanentemente o projeto pedagógico próprio. Em vez de se prender as teorias alheias e copiar sem uma reformulação própria e não adequada à sua realidade, o professor deve formular e criar seu projeto pedagógico próprio, a partir de autores e práticas reconhecidas, além de reformulá-lo, adequando-o às suas necessidades. Formular o próprio projeto não é desprezar os autores reconhecidos pelo seu trabalho, pois os mesmos ajudam, e muito, na composição de tal projeto. Formular novos projetos utilizando como fundamentação teórica esses autores é de grande importância, pois sem eles não poderemos reformular, adequar e melhorar as nossas práticas.

O projeto feito pelo professor deve ser colocado à disposição da escola, pois a escola deve priorizar estes trabalhos, não desprezando aqueles projetos construídos coletivamente. O projeto significa um relevante mecanismo de atualização que o professor precisa para estar sempre informado devido às constantes transformações pelas quais passamos em nosso cotidiano. Por isso,

precisamos sempre atualizar nossas práticas, para que possamos acompanhar as mudanças que trazem novas ideias, atitudes, tecnologias, dentre outras. A educação precisa acompanhar essas mudanças. O professor tem que estar atento, para não ficar inerte.

Em segundo lugar, o professor precisa produzir textos científicos, voltados para sua área curricular. Para Demo (2011), todo o profissional da educação precisa da pesquisa como ferramenta científica, além de divulgá-la em formas de artigos. A pesquisa pode ser baseada em suas leituras, práticas, voltadas para a sua área de atuação específica e/ou pedagógica. Uma pesquisa que contribua para o desenvolvimento da ciência e que ajude e aponte soluções para problemas existentes é de extrema relevância.

O terceiro ponto é a teorização das práticas, que o autor define como uma autocrítica às práticas dos professores, por meio da qual os mesmos precisam regularmente se autoavaliar para poder melhorar seu desempenho. A teoria se relaciona com as práticas e as práticas com a teoria, mas, algumas vezes, as práticas renovam as teorias e vice e versa, uma e outra são dependentes, nós, professores, temos que estar conscientes disso. Assim,

[...] uma das formas mais propícias para globalizar teoria e prática é a teorização das práticas, que significa tomar práticas como ponto de partida para a crítica e a autocrítica, elaborar questionamento, descobrindo suas lacunas, refazer a devida base teórica para superar as lacunas, e reinventar a própria prática. Do mesmo modo que uma teoria precisa da prática, para poder existir e viger, assim toda a prática precisa voltar a teoria, para poder renascer (DEMO, 2011, p. 52).

O quarto ponto que Demo (2011) coloca é a construção do material pedagógico que todo professor precisa, para não ficar somente se utilizando de materiais alheios. Não é que esses materiais não sejam importantes, mas o professor precisa criar seus próprios materiais, deixando de ser reprodutor para tornar-se produtor. Ficar totalmente preso a materiais didáticos prontos torna o professor dependente e incapaz de criar seus próprios materiais.

O quinto e último ponto é a inovação da prática didática, pois a inovação é essencial para o trabalho dos professores. Sem essa inovação, as aulas perdem a dinamicidade e a essência das mudanças que decorrem da nossa sociedade. Demo (2011) chama de recuperação da competência do professor, que tem de ser constante para que não se perca a essência do conhecimento inovador, pois o

mesmo não é estático, mas dinâmico, precisando sempre renovar nossos conhecimentos. Essa competência pode ser concretizada com cursos de formação, grupos de estudo, outra graduação, pós-graduação ou novas leituras.

No Quadro 3, podemos notar os desafios da pesquisa para o professor, quais sejam:

Quadro 3 – Elementos para pesquisa pelo professor

PESQUISA PELO PROFESSOR
Pesquisa
Manejo eletrônico
Questionamento reconstrutivo
Compromisso com o aluno
Projeto pedagógico próprio
Textos científicos próprios
Material didático próprio
Inovar a prática pedagógica
Recuperação da competência

Fonte: DEMO (2011).

O uso das novas tecnologias no ensino é muito positivo, pois traz inúmeras possibilidades do professor utilizá-las em sala de aula e também adequar-se às mudanças pelas quais passa a nossa sociedade. Essas novas tecnologias, como o computador, seus programas e aplicativos, corroboram a desenvoltura do processo de ensino- aprendizagem, mas não somente isso, nós, professores, precisamos entender como essas ferramentas funcionam, além de compreender como utilizá-las em sala de aula, pois sem esse conhecimento ficará difícil fazer alguma atividade, seja ela simples ou complexa.

É muito importante o professor perceber as transformações que ocorrem na nossa sociedade e tentar “executá-las” na escola, pois não se pode ficar inerte a elas e nem tampouco ignorá-las. Sua utilização torna-se mais que uma simples regra, passando a ser uma condição que nós, professores, não devemos negar por completo. A tecnologia desde a forma mais simples como um cartaz, um rascunho, uma encenação, ou a mais sofisticada, como um celular que grava, filma e edita, tem que ser utilizada por nós, professores, pois esta nos ajuda e facilita tarefas cotidianas e escolares. Não podemos desprezar seus usos.

O exposto anteriormente corresponde às principais ideias de José Moran e Pedro Demo sobre as possibilidades que o uso das novas tecnologias traz para o

ensino e a aprendizagem. Principalmente, sobre o despertar da potencialidade do aluno como pesquisador e construtor do conhecimento; um aluno produtor e não reproduzidor, crítico, capaz de elaborar seus próprios textos. Tanto o aluno como o professor devem ser pesquisadores, pois a pesquisa é o principal motor do conhecimento e deve estar aliada à educação, uma vez que para educar e ensinar é necessário, antes de tudo, pesquisar.

Parece-nos possível dizer que as discussões apresentadas neste capítulo acerca da questão das formas de leituras, novos leitores e novas linguagens presentes em Chartier e Santaella, e as propostas de ensino-aprendizagem utilizando as TDIC, expostas pelos autores Demo e Moran, somam-se na construção das propostas de ensino-aprendizagem em História utilizando o mecanismo de busca Google, já que entender essas transformações das formas de leitura e do leitor e das propostas de ensino apresentadas é de suma importância para a elaboração de ações voltadas ao ensino da disciplina de História.

No terceiro capítulo, relacionamos o uso das novas tecnologias, no caso, a internet, com a disciplina História. Retomando as argumentações anteriores e acrescentando outras, encaminhando-nos à discussão do objeto central deste estudo: o uso do mecanismo de busca Google no ensino e na pesquisa em História.

3 A UTILIZAÇÃO DO MECANISMO DE BUSCA GOOGLE NA PESQUISA E NO ENSINO DE HISTÓRIA

O uso da tecnologia nos auxilia em diferentes tarefas do trabalho, dos estudos e de nosso cotidiano. Na educação, como foi explicitado no segundo capítulo, esta pode ajudar e auxiliar professores em suas aulas. Nós, professores, devemos oportunizar propostas que desenvolvam a percepção cognitiva dos nossos alunos, mas somente poderemos fazer isso com o entendimento de como fazer uso das tecnologias em nossas propostas pedagógicas. Sem um bom planejamento, fica difícil chegar a um resultado no mínimo satisfatório. A tecnologia auxilia, mas quem a executa e determina somos nós, professores. Estejamos conscientes do nosso trabalho e do nosso desafio quanto a saber utilizar as tecnologias para a efetivação do aprendizado proposto, pois elas, em si, não são a solução e nem mesmo a principal forma de se aprender algo, mas colocam-se como um meio que podemos utilizar em nossas propostas devidamente definidas.

No capítulo anterior, dissertamos sobre a importância e a necessidade das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no processo de ensino e sobre como elas podem ser utilizadas. As mudanças tecnológicas nos afetam e nos impulsionam a incorporá-las, não por modismos, mas por demandas e pela importância que as mesmas representam em nossa sociedade. Nós, professores, temos de acompanhar essas mudanças, pois elas afetam a nossa maneira de ler, interpretar e produzir conhecimentos.

As novas gerações, que nasceram em meio à diversidade tecnológica, estabelecem vínculos e estão muito mais integradas à cultura digital que a outras gerações. Nós, professores, temos de saber utilizar essas novas tecnologias para não ficarmos de mãos atadas, pois nossa profissão requer sempre renovação, para que possamos lidar com as mudanças que ocorrem em nossa sociedade e que afetam a todos. Nossas práticas têm de ser renovadas para que possamos acompanhar as mudanças que ocorrem em nosso tempo.

Os leitores imersivos utilizam a internet de diferentes formas, principalmente para entretenimento e lazer, como em jogos, redes sociais, filmes e músicas. Os leitores imersivos têm muita habilidade com as novas tecnologias. Por isso, precisamos estimular essa facilidade que as novas gerações têm com relação ao

digital apresentando propostas voltadas aos conteúdos disciplinares, no nosso caso, ao ensino de História.

O mecanismo de busca Google pode auxiliar aos professores no processo de ensino-aprendizagem de História. Este mecanismo não é voltado especificamente para esta disciplina, uma vez que suas ferramentas apresentam possibilidades de serem utilizadas por professores de todas as áreas. Os professores precisam aprender e entender a sua funcionalidade e como utilizar este mecanismo de busca em suas práticas, pois sem essas condições o ensino e a aprendizagem em História a partir das novas tecnologias poderá ser comprometido, sem a orientação desejada.

Nesse sentido, são apresentadas três propostas de ensino para a disciplina História, cada uma correspondente a uma série do Ensino Médio, voltada para determinado conteúdo. Porém, antes de chegar a essas três propostas, discorreremos brevemente sobre a história do Google, um pouco sobre suas ferramentas e sobre como elas podem ser utilizadas. É muito importante saber da origem e sobre como surgiu esse mecanismo de busca, seus objetivos iniciais e quais as principais mudanças ocorreram a partir de seu surgimento, as ferramentas que compõem esse mecanismo de busca e o que elas podem acrescentar ao ensino de História. Discute-se sobre o ensino de História, seus objetivos e sua importância partindo de alguns autores que trabalham essa temática. As três propostas de ensino que são apresentadas são voltadas para os conteúdos de História utilizando as TDIC e buscam destacar em que estas podem contribuir para o aprendizado histórico e significativo de nossos alunos.

3.1 Breve história do Google.

A história do Google²⁶ não se iniciou com o surgimento da internet. Somente em 1995 essa empresa surgiu com propósitos de otimizar as buscas na internet, mas em pouco tempo se expandiu, tornando-se uma das maiores empresas de

²⁶ Documentário - A Verdadeira História da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>>. Acesso em 23 de junho de 2016.

tecnologia do mundo. O mecanismo de busca²⁷ ainda é crucial para esta empresa, mas a mesma incorporou outras ferramentas em seus negócios, como o You Tube²⁸, o Google Maps²⁹, o Google Earth³⁰, dentre tantos outros.

O mecanismo de busca foi, é, e continua sendo o carro chefe desta empresa. Imagine o mundo sem o Google, sem poder pesquisar e buscar alguma informação, ainda que esta seja simples e fútil. O mecanismo de busca Google facilitou e muito o acesso às informações de uma forma mais simples e democrática, pois qualquer pessoa pode acessar o Google e obter informações de diferentes tipos e em qualquer lugar, bastando ter apenas um suporte e acesso à internet.

No nosso cotidiano, somos impulsionados por questões para as quais não temos respostas, e, com uma simples busca, colocando um termo, palavra ou frase, conseguimos respostas, mesmo que estas não estejam claras, muito embora na maioria das vezes apresentem bons resultados. Podemos buscar o PIB da Malásia, a história do povo Judeu, a população do Rio de Janeiro, e tantos outros exemplos. A facilidade na busca de informações torna o Google o mais importante site de buscas da web, mas, vale lembrar que o Google não foi o primeiro nesta empreitada.

Atualmente, os mecanismos de busca facilitam o acesso e a busca de informações, mas antes do Google não era exatamente desse modo. Se você colocar um termo, uma palavra ou nome de qualquer pessoa terá milhares de resultados sobre o que você procura, é uma revolução em termos de procura e armazenamento de informações³¹. Existem milhões de sites na internet, imagine a dificuldade que teríamos se não tivéssemos essa tecnologia, seria a mesma coisa que procurar uma agulha em um palheiro. A tecnologia dos mecanismos de busca, que tornou a pesquisa mais precisa, é um dos maiores inventos que a sociedade já

²⁷ É um programa desenhado para procurar palavras-chaves fornecidas pelo utilizador em documentos e bases de dados. No contexto da internet, um motor de pesquisa permite procurar palavras-chaves em documentos alojados na *world wide web*, como aqueles que se encontram armazenados em *websites*. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Motor_de_busca>. Acesso em 23 de junho de 2016.

²⁸ YouTube é um site que permite aos seus usuários carregarem e compartilharem vídeos em formato digital. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>> . Acesso em 25 de junho de 2016.

²⁹ Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra, gratuito na *web*, fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense Google. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Maps>. Acesso em 25 de junho de 2016.

³⁰ Google Earth é um programa de computador desenvolvido e distribuído pela empresa estadunidense Google, cuja função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite, obtidas de fontes diversas, imagens aéreas (fotografadas de aeronaves) e GIS 3D. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Earth>. Acesso em 23 de junho de 2016.

³¹ O resultado da busca por si só não vai caracterizar a pesquisa, pois o Google vasculha milhares de informações sobre o termo digitado, cabe ao pesquisador filtrar essas informações.

conheceu em termos de armazenamento, compilação e distribuição de informações ao redor do planeta.

Antes dos primeiros mecanismos de busca a *web* era assim, páginas e mais páginas de textos simples, listas imensas de frases sublinhadas. Pesquisar algo na *web* era praticamente impossível, a única forma era seguir links e ter sorte para que levassem a algo útil³². Para entendermos como chegamos tão longe na tecnologia dos mecanismos de busca, teremos que voltar para um pouco antes do Google. Empresas como Yahoo e Excite³³ prepararam o caminho para o desenvolvimento dessa tecnologia. O vale do silício³⁴, na Califórnia (EUA), foi e ainda é celeiro de ideias voltadas para a área de tecnologia, especialmente na Universidade de Stanford, onde iremos encontrar a raiz dos mecanismos de busca.

O primeiro mecanismo de busca foi o da empresa Yahoo, fundada por dois grandes gênios da computação e da tecnologia, Jerry Yang e David Filo³⁵. Os dois faziam doutorado na Universidade de Stanford, que é uma universidade de pesquisa privada, situada em Palo Alto, Califórnia, nos Estados Unidos³⁶.

Jerry e David tiveram uma ideia que os tornara bilionários. Tudo começou quando os dois estavam procurando uma forma de usar a internet para ganhar o concurso da liga de basquete de Stanford. Os garotos eram estudantes de engenharia elétrica e tinham acesso à *web*. Eles usavam a rede minuciosamente, site por site, procurando informações atualizadas sobre esportes. David descobriu como acessar diversos sites diferentes para conseguir os dados dos jogos de basquete da noite anterior. Ele puxou tudo e compilou os dados para poder trocar jogadores e de alguma forma tentar melhorar o time analisando os dados coletados. Ao fazer esta tarefa, de compilar dados informacionais sobre basquete, Jerry e David davam os primeiros passos para a tecnologia dos motores de busca.

A Internet não era tão fácil de navegar como o é na atualidade. A rede era bastante confusa, às vezes, era preciso recorrer a algum guia para poder navegar

³² Documentário - A Verdadeira Historia da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

³³ Sites de busca.

³⁴ É uma região na qual está situado um conjunto de empresas implantadas a partir da década de 1950 com o objetivo de gerar inovações científicas e tecnológicas, destacando-se na produção de circuitos eletrônicos, na eletrônica e informática. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Sil%C3%ADcio> . Acesso em 25 de junho de 2016.

³⁵ Percussores da tecnologia da pesquisa e busca na internet.

³⁶ Documentário - A Verdadeira Historia da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>> . Acesso em 25 de junho de 2016.

na web. A ideia de Jerry e David era simples, mas de grande relevância. Era um diretório que mostrava para os usuários da web como encontrar coisas legais nesse novo mundo eletrônico. Mas não tinha nada a ver com o sistema de busca atual, era apenas um monte de categorias e subcategorias, em que os usuários procuravam e fuçavam em milhares de sites. Esse sistema de busca era tosco e compilado manualmente, site por site, decidindo-se como listá-los. Mesmo sendo um pouco rudimentar, esse sistema de busca feito por esta dupla foi o primeiro da *web* e se tornou bastante popular, tornando-se uma grande empresa que se chama Yahoo³⁷.

Os dois garotos de Stanford precisaram captar recursos para que sua ideia fosse comprada, pois os mesmos não tinham dinheiro suficiente para investir. O empresário Michael Moritz, da empresa Sequola capital³⁸ se interessou pela ideia dos rapazes e decidiu investir nela dois milhões de dólares.

Mesmo com o investimento inicial para a empresa, ainda faltava algo que lhes garantisse retorno e fluxo de capital, algo que rendesse a partir da utilização da *web*. Até então ninguém usava a internet como negócio ou comércio, para alguns era uma heresia³⁹ pensar nisso. Jerry e David tinham que achar algo que fosse rentável, então abriram a publicidade para o seu site de busca e foram os pioneiros em usar a propaganda como negócio na internet. Havia certa resistência por parte de alguns que defendiam a internet como espaço de liberdade e não viam a publicidade na rede com bons olhos, até Jerry e David ficaram receosos, mesmo assim, não tinham muita saída ou outra solução para sua empresa, então decidiram colocar publicidade em seu site de busca. A resposta veio rápida. Os usuários do Yahoo cada vez mais se multiplicavam, cada vez mais a publicidade ganhava terreno e o Yahoo lucrava muito com isso. Quanto mais usuários, mais empresas queriam expor seus produtos no Yahoo. Jerry e David foram os pioneiros em trazer publicidade para a *web* e torná-la rentável.

Em 1996, a Yahoo enfrentava uma série de desafiantes, a Infoseek, o Altavista⁴⁰ e outras. Mas a rival mais formidável da Yahoo era a Excite. A Excite era

³⁷ Documentário - A Verdadeira Historia da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

³⁸ É uma empresa de capital de risco localizada em Menlo Park, Califórnia, Estados Unidos. Documentário - A Verdadeira Historia da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>>. Acesso em 25 de junho de 2016. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sequoia_Capital>. Acesso em 25 de junho de 2016.

³⁹ A internet não foi criada para ser usada para objetivos comerciais e publicitários. Somente com o passar do tempo as empresas viram a necessidade de ampliar esta possibilidade.

⁴⁰ Infoseek e Altavista são sites de busca.

muito parecida com a Yahoo. Dois jovens garotos da Universidade de Stanford construindo novas ideias. A diferença era que o site de buscas da Excite era mais desenvolvido que o da Yahoo. Em vez de uma lista de sites compilados e divididos em categorias por seres humanos, o Excite era puro software. Era só digitar a sua indagação e o serviço vasculhava a web, encontrando páginas que continham o termo digitado, ou seja, era uma versão rudimentar dos mecanismos de busca.

Em 1997, a Yahoo e a Excite, dentre outras, transformaram a internet em uma “plataforma de espetáculo”⁴¹, em que vários anunciantes se projetavam pela tela do computador. A avareza e ambição estavam *on line*. A publicidade ganharia muito espaço, fazendo com que fosse esquecido o fator mais destacável nos sites de busca: nada menos que a própria busca. Diante dessas mudanças, as empresas de busca pararam de se importar com a própria busca, criando outros atrativos e enchendo suas páginas de publicidade. A web continuava a crescer vastamente em seu número de páginas e sites, necessitando aperfeiçoamento das ferramentas de busca.

As empresas de busca, como a Yahoo e a Excite, ainda se apresentavam frágeis no quesito de resolutividade das buscas⁴². Qualquer pessoa que digitasse uma palavra ou termo tinha dificuldade de encontrar resultados satisfatórios e os resultados que obtidos, muitas vezes, tratavam-se de sites vendendo produtos. As buscas não tinham resultados relevantes que levassem o usuário a obter informação precisa e satisfatória. Faltava-lhes algo que desse aos usuários informações mais precisas do que buscavam e pesquisavam pela web. A iniciativa, nesse sentido, foi dada por outros dois jovens pesquisadores da Universidade de Stanford, Larry Page e Sergey Brin.

Larry Page teve uma ideia e transformou a lógica da busca. À primeira vista parece ser algo complexo, mas na verdade, verifica-se ser algo bem simples. A ideia é de que a web colocaria seus sites e páginas em um concurso contínuo de popularidade em seu próprio conteúdo e a quantidade de vezes que certa página da web tivesse *links* de outros sites poderia ser uma medida de sua utilidade ou

⁴¹ O termo “plataforma de espetáculo” revela o quanto os sites de busca da época se tornaram um balcão de negócios e de empresas de publicidade. Ao digitar uma palavra ou termo, automaticamente a tela do computador lotava de anúncios de todo e qualquer tipo de coisa. Isso descaracterizava o objetivo principal do site de busca: a própria busca.

⁴² Resultado de busca não satisfatório.

relevância⁴³. Por exemplo, se uma pessoa digitar a palavra Tiradentes, o primeiro resultado que aparecerá é um site que obteve mais links e votação, por isso a sua importância e relevância. Outras páginas contendo a palavra Tiradentes apresentam contagem de links e votos diferente da primeira página. Essa nova maneira de colocar as páginas da *web* de forma classificatória foi uma grande ideia que resultou numa importante contribuição quanto à forma de buscar e organizar as informações presente na própria *web*. Era na verdade um novo mecanismo de busca, que realmente se voltava, primordialmente, para a busca e com o objetivo da procura por informações por parte dos usuários, ao contrário dos outros concorrentes.

No dia 4 de setembro de 1998 foi criada uma das maiores empresas de serviços *on line* e de software do mundo, que revolucionou a maneira de armazenar e facilitar as informações presentes do mundo virtual. Inicialmente, com os mecanismos de busca e posteriormente com outros programas, aplicativos e demais produtos. O nome Google é uma brincadeira com a palavra "googol", um termo matemático para o número representado pelo numeral 1 seguido por 100 zeros. Isso reflete a missão de Larry e Sergey de organizar uma quantidade de informações aparentemente infinita na *web*⁴⁴.

A intenção desses dois brilhantes jovens era organizar todas as informações do mundo e torná-las acessíveis a todos os usuários. Isso sairia muito caro para uma empresa que estava se iniciando, pois o armazenamento de informações precisaria de aparelhos, ferramentas, manutenção e uma grande equipe de funcionários. Isso requeria muito dinheiro e investimento para manter a empresa, então eles precisariam de algo que rendesse dinheiro. Assim como foi para outras empresas da tecnologia de busca, a saída seria novamente a publicidade. Apesar da resistência em torno desse assunto, Larry e Sergey pensaram em usar a publicidade no Google de forma mais sucinta, diferente das outras ferramentas de busca, nas

⁴³ Alguns critérios de análise do Google para ranquear uma página são: quantas vezes a página contém a palavra-chave, se aparecem no título e na URL, se utiliza sinônimos para essa palavra, se a informação está em um site de qualidade alta ou baixa, o *PageRank* da página, quantos links externos direcionam para ela, a importância desse links, dentre outros. Tudo isso para apresentar apenas resultados relevantes para o usuário na busca orgânica, informações que ele realmente queira ver. Documentário - A Verdadeira História da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>> e <<https://www.convertte.com.br/como-funciona-o-sistema-de-busca-do-google/>>. Acesso em 23 de julho de 2016.

⁴⁴ Documentário - A Verdadeira História da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Documentário - A Verdadeira História da Internet - 02 - A Pesquisa - Discovery Channel. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dPOs5oa6tdk>>. Acesso em 23 de julho de 2016.

quais aparecia uma parafernália de anúncios vendendo produtos e mais produtos. Os sites de busca pareciam a Times Square⁴⁵.

O Google inovou e se diferenciou de outros sites de buscas. Ao digitar alguma palavra ou termo, por exemplo, 'sapato', aparecerão os resultados da busca no campo esquerdo da tela, em ordem por algoritmos e sua relevância. Na tela a direita, os anúncios de publicidade, pagos por empresas, referentes à palavra digitada. A ideia de usar a publicidade de forma que não tornasse o seu mecanismo de busca visualmente e totalmente publicitário foi uma das grandes sacadas do Google contra seus concorrentes. A partir do incremento da publicidade e de outros intentos, o Google se tornaria uma das empresas mais rentáveis e prósperas do mundo.

3.2 Ferramentas do Google

A internet é uma rede global que aglutina um aglomerado de informações de diversas partes do mundo. Nela podemos buscar informações, compartilhar, usar aplicativos e ferramentas de alguns programas em tempo real. A mesma está se transformando em uma das principais fontes de pesquisa da contemporaneidade, acessível a qualquer usuário do mundo, contanto que haja conexão, nomeadamente para estudantes em suas atividades escolares.

Especificamente, o Google possui várias ferramentas e aplicativos que podem ser usados para o ensino, especialmente considerando o foco deste trabalho, o ensino de História. Essas ferramentas e aplicativos podem ser utilizados por professores de diferentes formas. Cabe-nos apresentar algumas possibilidades que o Google pode oferecer para nós, professores, utilizarmos em nossas aulas.

Como foi dito anteriormente, o Google, a princípio, é um mecanismo de busca de informações, mas também possui ferramentas e aplicativos que apresentam um universo de possibilidades que podem ser aproveitadas na educação. Descreveremos, neste sentido, algumas ferramentas e aplicativos que podem ser

⁴⁵ A referência à *Times Square* é, sobretudo, por conta do número de empresas que anunciam seus produtos em seus inúmeros prédios com *outdoors* luminosos. É uma área comercial localizada em Manhattan, Nova York, USA.

utilizados para o ensino de História. Nesse caso, de forma genérica, para dar uma visão geral de suas utilidades, pois mais adiante explicitaremos, de forma mais enfática, a sua utilização a partir de conteúdos de História para o Ensino Médio, mostrando três propostas de ensino que podem ser utilizados por professores de História.

Na página inicial do Google, a primeira coisa que procuramos é a parte da pesquisa, a qual utilizamos quase que diariamente para encontrar algum site, conceito, ou informação. A empresa Google nasceu com o aperfeiçoamento do mecanismo de busca e se ampliou com demais ferramentas, aplicativos e recursos que são usados por milhões de usuários em todo o mundo. Numa forma mais técnica, definem-se os mecanismos de busca como

Um motor de busca é feito para auxiliar a procura de informações armazenadas na rede mundial (www), dentro de uma rede corporativa ou de um computador pessoal. Ele permite que uma pessoa solicite conteúdo de acordo com um critério específico (tipicamente contendo uma dada palavra ou frase) e responde com uma lista de referências que combinam com tal critério, ou seja, é uma espécie de catálogo mágico. Ao se realizar uma consulta, a lista de ocorrências de assuntos é criada previamente por meio de um conjunto de softwares de computadores, conhecidos como web crawler, que vasculham toda a web em busca de ocorrências de um determinado assunto em uma página. Ao encontrar uma página com muitos links, os spiders embrenham-se por eles, conseguindo, inclusive, vasculhar os diretórios internos - aqueles que tenham permissão de leitura para usuários - dos sites nos quais estão trabalhando⁴⁶.

O mecanismo de busca é basicamente uma ferramenta que faz uma varredura em toda a internet em busca da informação solicitada, dentro do espaço destinado à digitação de algum termo, palavra ou até uma frase. Assim, os “[...] programas de busca são ferramentas operacionais que direcionam o acesso às páginas específicas relacionadas a temas de interesse do usuário” (SEVERINO, 2012, p.120). São importantes para a busca de informações, tornando-se imprescindíveis para nós usuários que precisamos, dia a dia, de respostas para diversas palavras, conceitos, expressões, definições, ou melhor, para a busca, indagação ou dúvida. As informações por ele executadas nos trazem, em parte, certa segurança de que aquela seria a resposta mais adequada para a indagação feita, mas muitas vezes nos tornam reféns desta ferramenta para adquirir informações. Informações que podem ser verdadeiras ou não, porém podem ser

⁴⁶ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Motor_de_busca>. Acesso em 24 de julho de 2016.

perscrutadas por um olhar atento de quem a esta pesquisando. Perigos à parte, isso não diminui sua importância como fonte de informação digital a ser utilizada por usuários.

No ensino de História, podemos utilizar o mecanismo de busca do Google na pesquisa, elaborando propostas em que este possa ser utilizado destacando algum conteúdo, expressão, conceito ou uma personalidade histórica. O Google nos fornece uma grande quantidade de informações que são necessárias para a pesquisa, sendo que devemos estar conscientes de potenciais perigos presentes nessas informações encontradas, lembrando aos nossos alunos que muitas informações podem ser falsas e por isso merecem um olhar mais atento do pesquisador.

Digitando, por exemplo, a palavra 'etnocentrismo', teremos milhares de resultados sobre esse termo. Cabe ao professor pedir ao aluno que escolha no mínimo dois sites, ou resultados, que falem sobre esse termo e faça as comparações, pois as definições nem sempre são as mesmas, o que não significa dizer que as diferenças entre as definições sejam confusas, mas sim representem pontos de vista de diferentes autores sobre este conceito. Os conteúdos de História estão relacionados a muitas concepções que envolvem ideias, conceitos, escolas e tendências historiográficas, a depender de cada autor abordar ou não uma determinada temática. O campo da ciência histórica é múltiplo. Explicar aos alunos esta questão é fundamental.

A internet contém vários sites especializados em História⁴⁷ nos quais podem ser feitas essas pesquisas, sites de professores, sites institucionais, uma gama enorme de possibilidades para a pesquisa que pode ser feitas no laboratório de informática da própria escola, na biblioteca ou pelo próprio celular de algum aluno, caso haja condições para tal. Existem várias possibilidades com as quais os professores podem trabalhar, cabe-lhes escolher a melhor forma de usar a ferramenta de busca do Google.

Digitando a palavra 'Tiradentes', por exemplo, vamos perceber que aparecerão várias páginas sobre esta palavra, a qual, na maioria das vezes, pode se referir ao Joaquim José da Silva Xavier, uma personalidade histórica brasileira. No

⁴⁷ A exemplo de: Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/>>; Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/>>; Disponível em <<http://www.sohistoria.com.br/>>; Disponível em <<https://historiaonline.com.br/>>; Disponível em <<http://historiadomundo.uol.com.br/>>; Disponível em <www.historianet.com.br>. Acesso em 25 de junho de 2016.

entanto, pode-se enveredar por outros caminhos que não levam ao objetivo inicial, que é pesquisar sobre esse personagem da história e toda a sua importância. Há ainda a possibilidade de se utilizar o termo Tiradentes, um nome que, *a priori*, leva-nos ao que estamos pesquisando, por este nome ser um tanto peculiar no Brasil, popularmente conhecido e relacionado a uma importante época da história do Brasil Colonial. Muitas vezes pode ocorrer de um termo para o qual estamos procurando definição apresentar duas ou mais respostas diferentes ao mesmo termo, por essa razão, o pesquisador tem de estar atento ao termo procurado, às formas que ele pode apresentar, ao seu conteúdo e à sua veracidade.

No mecanismo de busca do Google, existem algumas estratégias de pesquisa que são fundamentais, citam-se algumas delas. Para obter algum resultado exato de um termo como ele foi digitado, basta colocá-lo em aspas duplas no campo de busca. Para pesquisar em uma página específica algum termo, coloque em colchetes o termo mais a página na qual você quer encontrar esse termo. Se o termo pesquisado for, por exemplo, judaísmo, coloque assim: [judeus site: www.folha.com.br]. O Google buscará o termo digitado apenas na página desejada. Também se poderá utilizar na pesquisa termos que deverão ser excluídos, colocando um sinal de menos antes de uma palavra. O Google buscará páginas nas quais esta palavra não esteja incluída, por exemplo, [guarda-chuva]. Outra estratégia é a pesquisa de definições de dicionários. O estudante poderá encontrar a definição de uma palavra ou termo pelo Google, basta digitar a palavra “definir” seguida de um espaço e a palavra ou frase a ser definida no campo de busca. Essas são algumas das estratégias básicas de otimização da pesquisa utilizando o Google (SEVERINO, 2012).

Como foi dito anteriormente, o Google possui várias ferramentas que poderão ser utilizadas em nossas propostas de ensino. Por exemplo, o Google acadêmico, que é voltado para publicações de cunho científico na área acadêmica. Por meio desse mecanismo, encontram-se artigos, dissertações, teses e livros produzidos por diversos pesquisadores. Da mesma forma que o Google Books ou Google Livros, que possui uma grande quantidade de informações, disponibiliza uma parte ou capítulo, sinopse e avaliações sobre uma determinada obra.

O Google Imagens também disponibiliza um grande acervo, que pode ser utilizado nas aulas de História, desde personalidades, mapas, igrejas a obras de artes, dentre outras. Assim como no Google Maps e no Google Earth, podem ser

vistas grandes paisagens e lugares em todo o mundo. Poderíamos visitar o museu do Louvre, em Paris, a Praça de São Pedro no Vaticano ou a Catedral de Brasília. Podemos mostrar aos alunos muitas construções históricas ainda preservadas, que representam marcas deixadas pela sociedade em uma determinada época. No Google Earth, há imagens em tempo real, algumas dimensionadas por satélites. No Google Maps pode-se fazer o mesmo, além de nos localizarmos ou localizarmos outros lugares, vendo a distância entre as cidades, bairros, ruas, dentre outros.

No Google Tradutor, há a chance de traduzir palavras, termos, frases e até textos de vários idiomas para o Português. Ferramenta importante, pois no nosso dia a dia nos deparamos sempre com palavras em outros idiomas e precisamos da tradução.

Para ficarmos atualizados com as notícias do dia a dia, temos o Google News, por meio do qual visualizam-se as principais notícias de diferentes portais organizados pelo Google, sobre diversos assuntos, como ciência e tecnologia, saúde, educação, esporte e entretenimento. Para o ensino de História, podemos usar o Google News escolhendo alguma notícia que se refere a algum conteúdo de História, por exemplo, no dia 20 de junho comemora-se o dia do refugiado, a revista *Exame on line* mostra uma matéria sobre este tema com o título “No Dia do Refugiado, conheça os campos que acolhem milhões”, matéria veiculada no dia 20 de junho de 2016⁴⁸.

Poderemos utilizar essa matéria sobre refugiados associada a algum conteúdo ou acontecimento histórico. A história nos mostra muitos acontecimentos nos quais muitas pessoas foram obrigadas a saírem do seu país por conta de guerras, fome e instabilidade política. Um exemplo recente é a crise de refugiados sírios na Europa, que tem preocupado o mundo e vem se revelando com cenas chocantes e desesperadoras de pessoas lutando e buscando uma vida melhor e mais digna em outros países. É de extrema importância que os professores de História relacionem os fatos do presente com o passado, para que nossos alunos entendam a dinâmica do processo histórico e evidenciem as semelhanças e diferenças de um tempo para o outro.

Outra interessante ferramenta possível de ser trabalhada é o canal de vídeos conhecido como You tube. Esse canal armazena vídeos que são colocados por

⁴⁸ Disponível em <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/no-dia-do-refugiado-conheca-os-campos-que-acolhem-milhoes>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

usuários do mundo todo, desde vídeos caseiros e de pessoas desconhecidas até de celebridades, políticos, dentre outros. É um canal bastante democrático e de livre acesso, cujos vídeos, de aulas e preparados por professores, podem ser utilizados para o ensino de História. Por exemplo, podemos encontrar vídeos sobre o nazismo, o neonazismo e apresentar aos alunos em sala de aula. O ideal é mostrar documentários curtos, pois se adequam melhor ao tempo das aulas de História, devido à carga horária bastante reduzida desta disciplina. A questão da utilização do documentário ou um filme completo fica a critério do professor, pois requer tempo, pesquisa, didática e planejamento.

O Google nos apresenta diferentes possibilidades que podem ser utilizadas para o ensino de História. Não são ferramentas específicas para a educação, nem tampouco para o ensino de História, mas que podem ser trabalhadas para tais objetivos. Nós, professores, temos de ter o mínimo de conhecimento dessas ferramentas para que estas sejam utilizadas no ensino de História, pois sem esse conhecimento mínimo ficará difícil desenvolver práticas voltadas para esta área específica do ensino.

O mecanismo de busca Google é um recurso poderoso, que contém muitas informações disponibilizadas de forma gratuita na internet e que podem ser utilizadas pelos professores em suas atividades de pesquisa, tanto para apresentar uma aula como para propor uma atividade para os alunos. É muito importante que os professores aprendam a utilizar as TDIC em suas atividades envolvendo a disciplina História. Nesse sentido, precisamos nos atualizar sobre diferentes formas de ensino, para que possamos sempre ter bons resultados, pois sem estudo, dedicação e preparo, não teremos resultados que satisfaçam nossos objetivos, que são, antes de tudo, ensinar e promover educação que permita conhecimento, ação, criticidade e transformação para nossos alunos.

3.3 Google, informação, conhecimento e poder

Existem no Google inúmeras possibilidades de práticas que podem ser voltadas para o trabalho, estudo, lazer e entretenimento. As potencialidades que

este mecanismo de busca possui são variadas e múltiplas, dependendo de como os usuários querem utilizá-lo para determinadas funções e finalidades. A importância dessa tecnologia parte de poder nos ofertar certa comodidade e facilidade, ou melhor, nos permite melhorar e aperfeiçoar nosso desempenho em nossas atividades corriqueiras.

Diante de tantas possibilidades que o Google oferece, ficamos encantados com o seu desempenho em nos ajudar em determinadas atividades, e, deixamos de lado algumas deformidades que podem se apresentar ou que muitas vezes ficam veladas, sem o devido conhecimento, como, por exemplo, a sua intenção de armazenar todas as informações do mundo por meio de seus computadores, pois obter tais informações pode lhe dar mais poder e ao mesmo tempo fazer delas uma importantíssima fonte de trocas. Muitas questões permanecem intocadas por termos uma visão unitária das coisas. Devemos refletir sobre o Google e os diversos aspectos que o envolvem, não somente a sua utilidade e importância, mas também o perigo que o mesmo representa.

Podemos correr o risco de pagar um preço incalculável, tamanho o perigo que nos cerca. Há um preço da “nova era tecnológica”, que a própria História nos ensinou e nos ensina a partir de determinados prejuízos que tivemos por causa da glorificação da tecnologia (PINTO, 2005). Temos de ter cuidado com os efeitos que a mesma nos provoca: euforia, encantamento, mas também, em alguns casos, frustração. A tecnologia é uma “faca de dois gumes”, ela dá certa segurança, comodidade e liberdade, mas ao mesmo tempo nos cega e nos aprisiona. Devemos ter o cuidado de sempre nos mantermos de olhos bem abertos para a reflexão sobre como a tecnologia pode nos ajudar, mas também pode nos prejudicar se não tivermos uma pequena noção acerca de suas potencialidades e de suas fragilidades.

A ideologização da tecnologia está presente em nossa história, através do discurso de que a tecnologia traz grandes benefícios a todos e a todas, permitindo a felicidade através da utilização de seus inventos. Por trás desse discurso estão presentes grupos interessados em grandes lucros e capitais lançados a toda e qualquer sorte, sem se preocupar com os reversos que a tecnologia traz. Temos de ter a consciência dos seus efeitos, pois cada invento traz tanto os pontos positivos quanto os negativos, além de tentar trazer à tona questionamentos que o mesmo apresenta.

O Google não está imune a essa análise, ou melhor, nenhum invento humano está. Pensar o Google como potencial para a educação é um fato, já dizer que o Google é singular, maravilhoso, é outra questão. Não podemos esquecer que o Google é uma empresa e como toda empresa está interessada em vender os seus produtos e lucrar com suas vendas. No caso do Google, seus produtos são os aplicativos, seu programa, e, o ganho maior advém dos anúncios que são expostos em sua página. Mas, isso só é possível por causa da imensa quantidade de usuários que utiliza seu mecanismo de busca, juntamente com seus aplicativos e demais ferramentas. Sem o acesso dos usuários, o sucesso dessa empresa tornar-se-ia inviável.

O Google é uma empresa, não se deve esquecer desse fato, apesar de sua importância em disponibilizar informações, não podemos compará-lo com algum órgão público, pois não o é. O mesmo tem como objetivo “organizar a informação do mundo e torná-la universalmente útil” (VAIDHYANATHAN, 2011), mas isso não dá o direito de pensarmos que essa empresa esteja interessada em trazer somente benefícios para toda sociedade, pode até ser, mas para trazer esses benefícios ela tem de ter investimentos para mantê-la, as quais provêm, em grande medida, da publicidade. Para armazenar e disponibilizar informações é necessário todo um aparato técnico e humano.

Longe das boas intenções, existe o perigo eminente do poder que o Google concentra em ter informações sobre seus usuários. A cada pessoa que digita no espaço da pesquisa, automaticamente o Google colhe informações dessa pessoa, sejam elas banais ou bastante importantes. Deixamos “rastros” e “pegadas” de nossas preferências, desejos, atitudes, valores, que são expressos ao acessarmos um site ou programa. Todas essas informações estão com o Google e está nas mãos dele nossa privacidade, só nos resta confiar, pois o lema do Google é “não fazer o mal” (VAIDHYANATHAN, 2011).

Muitos críticos temem esse poder que delegamos ao Google e o perigo do acesso aos dados privados dos usuários, que podem ser utilizados de outra forma, para fim de espionagem de algum órgão de governo ou até de intimidação por parte de alguma pessoa que consiga esses dados. Enfim, estamos à mercê dessas possibilidades que podem comprometer nossa privacidade.

Ao propor esta grande biblioteca global, que comporta várias línguas, povos e culturas, o Google tornou-se, de certa forma, um guardião do conhecimento no

mundo, o detentor de todas as informações que são processadas todos os dias, todas as horas, minutos e segundos ao redor do mundo (VAIDHYANATHAN, 2011).

Os direitos autorais de vários autores de livros, vídeos e músicas estão ameaçados pela reprodução e cópias que são compartilhadas em seus aplicativos. Muito se tem lutado contra essa prática, apesar de já haver negociação sobre o uso indevido dos direitos violados.

Não podemos comparar o Google como uma instituição, como por exemplo, as universidades. Apesar das intenções do Google quanto ao armazenamento de todas as informações do mundo e de torná-las úteis, não passa de uma empresa e sua intenção maior é a de qualquer empresa privada: o lucro.

Estejamos esclarecidos pelos argumentos aqui levantados acerca do Google. Isso não nos deve desestimular, somente esclarecer os efeitos que o mesmo pode apresentar. As informações que o Google nos oferece não inviabilizam as nossas intenções de usá-las, pois estas só terão utilidade dependendo das nossas intenções, o que, em nosso caso, consiste em transformá-las em conhecimento. Suas potencialidades para o ensino de História devem ser exploradas pelos professores, para que tenhamos bons resultados na aprendizagem dos alunos.

3.4 Ensino e aprendizagem em História

O ensino de História como qualquer outra disciplina científica, possui seus fundamentos, objetivos, funcionalidades e práticas que justificam sua inserção no currículo da Educação Básica. São muitos questionamentos que devemos apontar e tentar esclarecer à luz de muitos e intensos debates sobre as práticas de ensino relacionadas à História. Práticas de suma importância, pois nos ajudam a refletir sobre nosso trabalho e o que devemos fazer a cada novo desafio que o próprio tempo nos apresenta. Mudanças que nos obrigam, mesmo sem querermos, a nos aperfeiçoarmos a cada dia, a cada momento.

Entendendo que o uso da internet e demais acessórios e ferramentas nada mais é que um suporte, e, para ter a aprendizagem efetivada, nada mais antigo e necessário que o professor, pois sem ele a máquina não passa de uma simples máquina. É de fundamental importância o professor saber operá-la, pois sem o

devido entendimento, ou melhor, qualificação, ficará difícil estabelecer uma aprendizagem efetiva para nossos alunos.

O processo cognitivo respectivo ao ensino-aprendizagem com o uso das tecnologias parte de uma nova dinâmica, em que sua utilização precisa, de alguma maneira, contribuir para a efetivação do aprendizado, ou mais do que isso, precisamos incorporá-las e saber utilizá-las para o benefício de todos.

O ensino de História nos possibilita mostrar as diversas temporalidades, permitindo-nos várias interpretações de nossa história, relações com o presente, resultando em uma análise do que fomos e do que somos, pois sem essa simbiose entre o presente e o passado não poderemos relativizar as nossas reflexões acerca de vários questionamentos históricos e atuais.

Um dos objetivos de se estudar História é dar sentido às experiências passadas e nos orientar a partir dessas experiências. O ensino de História tem de contribuir para que nossos alunos problematizem essas experiências com a sua vida prática, pois, sem essa relação, perde-se o sentido de se estudar a História (RÜSEN, 2010). Devemos mostrar aos nossos alunos, por meio de nossas práticas pedagógicas, vários questionamentos acerca do ensino-aprendizagem em História, pois sem esses questionamentos perde-se a importância de tal estudo. O que caracteriza o ensino de História? Qual sua importância? Qual o sentido de se estudar a História? Quais as funções práticas que podemos exemplificar junto ao cotidiano dos nossos alunos? Como as novas tecnologias podem contribuir para o aprendizado em História? São perguntas fundamentais, que temos de mostrar para nossos alunos, pois se não mostrarmos a importância de se estudar História, perder-se-á o sentido dessa aprendizagem. São essas perguntas que tentaremos responder e que ressaltam o significado desse trabalho, envolvendo o uso da tecnologia com o ensino de História.

Para entendermos o sentido e a importância do ensino de História, primeiro temos de partir da sua significação e sua especificidade enquanto ciência, para, aí sim, chegarmos ao ensino de História e aos usos da ferramenta de busca Google.

O que diferencia a História de outras ciências? Do que a História trata realmente? O que é mais singular na História? Essas perguntas para historiadores podem parecer bobas, mas é de extrema importância respondê-las e entendê-las, para o ensino principalmente, pois fazem com que os alunos internalizem o sentido de estudar História e a sua relevância em suas vidas.

A História se diferencia por uma questão singular, que torna seu caráter estritamente científico, e, a palavra que mais se adequa com a História e sua especificidade, é o tempo, pois sem o tempo, o trabalho dos historiadores não existiria, o mesmo é essencial para historiadores e para aqueles que se interessam pelas experiências passadas (BARROS, 2013). Esse tempo regulamentado pelos historiadores é o marcado pela sua pesquisa, que envolve o acontecimento, o evento e vários personagens dentro da narrativa, além da mais importante: a problematização. Sem uma problemática que envolva algum questionamento, dúvida ou até mesmo uma pergunta, a história se tornaria somente uma narrativa descritiva, sem sentido e sem nenhuma significação prática para as pessoas (RÜSEN, 2010). Sem essa utilização prática em nosso dia a dia ou em algum questionamento ou dúvida que nós tenhamos no presente, torna-se a história sem utilidade.

O tempo histórico é um tempo genuinamente humano e coletivo, diferenciando-se do tempo da natureza, regido por suas leis. O mesmo é pensado dentro das experiências humanas, em suas mudanças, transformações e permanências que acontecem ao longo do tempo (BARROS, 2013). Estas percepções tornam o historiador um profissional que estuda essas experiências humanas distribuídas temporalmente e que as tornam acessível a um grande número de outros historiadores, especialistas ou até de leigos interessados nas narrativas reveladas pelos historiadores. Em síntese, o que existe é o tempo que os historiadores formulam, definem e concretizam em suas práticas de pesquisa, descritas pelas narrativas. Os conteúdos nos livros de História, da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do Ensino Superior são pesquisas feitas por historiadores que revelam suas percepções, pontos de vista sobre vários assuntos, temas, conceitos, mas o que mais se identifica nesses conteúdos é a noção de tempo e a forma como o historiador o trabalha.

Os historiadores concebem o tempo de uma forma que facilite didaticamente as informações de uma determina época ou período. Esta data e tempo dos historiadores não são exatos (no que se refere às passagens de uma fase para a outra), mas nos permitem situar acontecimentos significativos em nossa história e que, de alguma forma, nos trazem significações. O “[...] tempo dos historiadores, desde modo, ordena (define origens para os processos que examina, atribui-lhes sentido). Nesta operação, é já também um tempo territorializado” (BARROS, 2013, p. 27). O tempo territorializado é o tempo marcado pelos historiadores, dando

sentido a determinadas marcações históricas referentes a acontecimentos, fato ou época. Por exemplo: a Idade Antiga, a Idade Média, Brasil Colonial são marcações construídas pelos historiadores a fim de esclarecer alguns acontecimentos à luz de um período e de uma época determinada por eles.

O tempo histórico feito por historiadores se concretiza com a narrativa, que é a escrita por meio de sua pesquisa problematizada, através dos seus argumentos e de suas conclusões. Metodicamente os historiadores fazem a sua pesquisa histórica com base em argumentos sobre o tempo histórico por eles delimitado e o fazem dentro de critérios definidos cientificamente. Os historiadores dão sentido àquilo que, aos nossos olhos, não damos a devida importância, nos permitindo um olhar mais crítico sobre uma determinada época e lugar, trazendo à tona questionamentos que precisam ser elucidados. Não que esses questionamentos sejam efetivamente respondidos ao se olhar o passado, mas nos ajudam a encontrar e relacionar fatos que estão ocorrendo no presente e que de alguma forma tem uma relação com o passado, podendo esclarecer muitos pontos. Muitas são as dúvidas e questionamentos que estão no presente e que de alguma maneira sempre buscamos respondê-los em relação ao passado.

As percepções do tempo são múltiplas e variadas, muitos estudiosos, filósofos, historiadores e demais especialistas discutem sobre essa temática, muitos divergem sobre suas interpretações e entendimento. As diversas sociedades e culturas também possuem diferentes formas de interpretação do tempo, que partem da vivência e de sua experiência coletiva. As percepções sobre o tempo nos direcionam para a questão da temporalidade. A “[...] temporalidade, portanto, é uma ideia que apenas adquire sentido através da percepção humana, da imaginação e das vivências do ser humano [...]” (BARROS, 2013 p. 32). A temporalidade é exclusivamente humana, nada tem a ver com o tempo físico da natureza, pois ela condiciona o ser humano em toda a sua totalidade. O tempo é bastante variado, como é, também, nossa vivência individual (tempo interno, subjetivo), pois cada um de nós tem diferentes maneiras de lidar com o tempo no nosso dia a dia, na nossa convivência com familiares, amigos e companheiros de trabalho. Temos o tempo coletivo, do calendário, do relógio, pois estes regulam as nossas vidas e ajudam a organizar nossas atividades cotidianas.

Outro importante componente do tempo histórico diz respeito à duração, que é determinada a partir do entendimento dos historiadores sobre determinado

período, seu tempo e como o mesmo se processou. O tempo pode ser medido em detrimento das mudanças e transformações que ocorreram em uma determinada época e lugar. Assim,

[...] deve-se ressaltar que a “duração” refere-se ao ritmo, ao modo e à velocidade como se dá uma transformação ao longo do tempo, a durabilidade ou a permanência de algo até que seja substituído por algo novo ou por um novo estado. O conceito de “duração” – e as concomitantes sensações de variação na velocidade do tempo, independente da passagem do tempo cronológico (o tempo do relógio e do calendário) – remete de certo modo ao que classificaremos mais adiante como um “tempo interno” (um tempo que é sentido ou percebido subjetivamente pelo ser humano, e não um tempo cronométrico)”. (BARROS, 2013, p. 34).

As variações na velocidade do tempo são sentidas e tornam-se perceptíveis sob o olhar dos homens, que as identificam de acordo com as mudanças que sofreram ao longo do tempo, medindo a duração e tornando-as perceptíveis a vários aspectos da nossa vida social. As percepções sobre o tempo medidas pela duração dependem não somente das transformações, mas também da permanência, os historiadores percebem essa dinâmica que ocorre em um determinado período ou época. Na verdade, os historiadores temporalizam a partir de algum acontecimento ou fato de acordo como ocorreu no passado, que marca e mede a duração sobre determinados fenômenos “observados”.

Além das temporalidades e da duração, temos outro aspecto fundamental, que é o processo histórico. Entender a história como um processo é perceber que há como operar cognitivamente os fatos históricos a partir dos estudos dos historiadores, o que nos permite entender o que aconteceu em determinada época com as suas transformações, mudanças e as permanências ocorridas. Desse modo, “[...] o processo histórico resulta da captação cognitiva dessas práticas, ordenadas e estruturadas de maneira racional pelos historiadores” (BRASIL, 2006, p. 73). A operacionalização obtida pelos historiadores é baseada em evidências, registros, documentos, por testemunhas etc, deixados pelas sociedades. Todo e qualquer grupo humano deixa marcas que o identificam e que preservam suas evidências.

Iremos expor agora, dentro de uma perspectiva da teoria e didática da História alemã, um pouco da teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen e o que ele pode representar no aprendizado histórico de nossos alunos e na forma de com que os professores de História podem ensinar História de forma mais significativa.

A didática e o ensino de História ganharam uma nova configuração com o filósofo alemão Jörn Rüsen. O mesmo enfatiza que aprender História tem um significado e como também o tem todo o entendimento da disciplina História como ciência. Aprender História é entender a sua importância, o sentido e a funcionalidade que a mesma apresenta e que vai muito mais além de seus princípios racionais e científicos. É uma construção de sentido através da experiência do tempo. O “[...] aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência no tempo através da narrativa histórica, na qual as competências surgem e se desenvolvem” (RÜSEN, 2014).

A significação da História traz para os alunos um aprendizado significativo, pois sem trazer o significado de tais conteúdos históricos, os objetivos do aprendizado histórico se perdem. A significação dos conteúdos históricos torna-se essencial para a efetivação de tal aprendizado, permitindo um entendimento maior da importância de se estudar História.

É através da memória que se preservam, em parte, essas experiências do tempo. No entanto, não se podem conservar todas as experiências do tempo, seria irracional pensar ou tentar praticar tal ato, sendo que as experiências do tempo são muitas, variadas, múltiplas e complexas, nenhum ser humano conseguiria tal feito. O entendimento sobre a perspectiva do passado funciona através da memória por conta da consciência histórica, sem a memória não teríamos, de fato, uma consciência histórica, ou melhor, a própria história.

A memória da consciência histórica é determinada por seus historiadores e por como a narrativa histórica será construída a partir de seus próprios pressupostos teóricos. Tem um público ao qual é dirigida e as intenções de tal estudo se voltam para uma problemática fundamentada pelos historiadores. O público a que se dirigem essas publicações é variado, desde historiadores, jornalistas, ao público em geral, ou àqueles que se interessarem pelos trabalhos dos historiadores. No nosso caso, os alunos da Educação Básica, especificamente, do Ensino Médio e professores de História.

A didática da História vem contribuir para que nossos alunos aprendam História de maneira que o conhecimento histórico lhes traga um aprendizado significativo para suas vidas. Esta significação traz a ideia do próprio sujeito e do que a história representa para o mesmo, sendo uma valiosa ferramenta de conscientização dos aspectos temporais e da relação entre o presente e o passado.

Poderíamos dizer conscientização e reflexão sobre determinado tema ou conceito, que é questionado e problematizado no presente e que recorremos ao passado para tirar as devidas dúvidas. O “[...] sujeito desenvolve um sentido para a alteridade temporal e para os processos temporais, que o conduz do outro experimentado ao eu vivenciado, tornando esse eu muito mais consciente e conferindo-lhe uma dinâmica temporal interna muito mais elaborada” (RÜSEN, 2010, p. 113). A relação presente e passado é de extrema importância para a efetivação do aprendizado histórico.

O sujeito ao adquirir o aprendizado histórico utiliza-se das experiências do passado e o problematiza, dependendo das circunstâncias que são apresentadas a ele. O desenvolvimento das competências do aprendizado histórico aumenta o nível de consciência histórica desses sujeitos, resultando no nível de criticidade dos mesmos. O próprio nível de carência de nossos alunos revela o nível de consciência histórica que os mesmos apresentam, sendo de fundamental importância saber como está esta carência por determinados assuntos históricos, não o conteúdo ou assunto em si, mas o que eles trazem de significados para a vida prática deles, já que

[...] o aprendizado histórico acarreta aumento da competência de orientação. Essa competência diz respeito à função prática das experiências históricas interpretadas e ao uso dos saberes históricos, ordenados por modelos abrangentes de interpretação, com o fito de organizar a vida prática, com sentido, em meios aos processos temporais, ao longo dos quais os homens e seu mundo modificam. A interpretação humana do mundo e de si possuem sempre elementos históricos específicos. Esses elementos referem-se aos aspectos diacrônicos internos e externos da vida prática, ao quadro de orientação de agir e à identidade dos sujeitos (RÜSEN, 2010, p. 116).

Para Rüsen (2010), existem três dimensões da aprendizagem histórica: experiência, interpretação e orientação. Essas três operações estão interligadas e não podem ser entendidas separadamente, as mesmas determinam o nível de consciência histórica de cada sujeito que se submete ao aprendizado histórico, revelando a sua competência de orientação. Na verdade, o que de fato o conteúdo de História trouxe de significativo para a vida do sujeito? Qual o sentido de se estudar a História sem uma utilidade prática? Ensinar e aprender História vai muito além da decoração de datas, nomes de personagens históricos, eventos e

acontecimentos. É enfatizar e problematizar o conhecimento histórico tornando-o significativo para aqueles que desejam aprender e ensinar este conhecimento.

Com a apropriação da História como um dado objetivo, partindo da experiência do passado, a consciência torna-se subjetiva, devido ao próprio processo de conscientização do sujeito, que a adquiriu após as experiências do passado, assim, de “[...] um lado um dado objetivo da mudança temporal do homem e de seu mundo no passado e de outro, um sujeito determinado, uma autocompensação e uma orientação da vida no tempo” (RÜSEN, 2010, p. 106). De forma mais clara: o aluno ao aprender História, aprende partindo de dados objetivos que nada mais é que o conhecimento histórico, aquele feito por historiadores e especialistas. Ele se apropria deste conhecimento e faz com que este tenha um sentido, uma praticidade que alimenta a sua consciência e a torna de acordo com suas convicções e interesses. A História, segundo Rüsen, é um mero construto subjetivo da consciência histórica.

O interesse do pensamento histórico está fundado pela práxis e pela identidade. A práxis entendida como a função específica e exclusiva do saber histórico na vida humana, da experiência dos homens no tempo, e, identidade que é a orientação da vida humana, em que o sujeito determina a sua consciência histórica. A práxis entendida como experiência e a identidade como (eu). A práxis (fora) com a identidade (dentro) determinará a consciência histórica de cada sujeito.

O conhecimento histórico é baseado inteiramente na experiência e na objetividade presente na própria ciência. Sendo este conhecimento feito por historiadores e especialistas que utilizamos para o aprendizado de nossos alunos. Os nossos alunos aprendem este conhecimento e adquirem competências cognitivas, a partir da didática estabelecida pelos professores de História. Rüsen evidencia essa relação de aprendizado como fundamental para a efetivação do aprendizado histórico. Esta relação se organiza da seguinte forma: a objetividade e a subjetividade. A objetividade fundada no conhecimento histórico, que é elaborada por historiadores e especialistas, pautadas na própria discussão epistemológica e a subjetividade, que é do próprio sujeito, de acordo com a sua orientação. Essa relação compõe o ensino de História e a própria consciência dos sujeitos inseridos no aprendizado. A formação histórica é constituída por esta relação e determinada pelos sujeitos inseridos no aprendizado histórico.

É um conjunto de competências que compõe o aprendizado histórico e que os professores tem que saber para poderem utilizá-los em suas aulas. São essas competências que vão orientar a vida prática e ao mesmo tempo darão sentido a história. Para Rüsen, o aprendizado histórico é

[...] um conjunto de competências para orientar historicamente a vida prática, que pode ser descrito como a “competência narrativa” da consciência histórica. Ela é a capacidade das pessoas de constituir sentido histórico, com qual organizam temporalmente o âmbito cultural da orientação de sua vida prática e da interpretação de seu mundo e de si mesmas. Essa competência de orientação temporal do presente, mediante a memória consciente, é o resultado de um processo de aprendizado. Formação baseia-se no aprendizado e é, simultaneamente, um modo do próprio aprendizado (RÜSEN, 2010, p. 104).

Essa constituição do aprendizado histórico vai se efetivar na consciência histórica dos sujeitos envolvidos e adquirida por este mesmo aprendizado. É um conjunto de competências devidamente formuladas. São organizados e planejados com relação à vida prática dos alunos. Sendo que a consciência histórica dos sujeitos sempre vai se referir a sua própria condição de grupo e de sua cultura, pois essa consciência não é exclusivamente individual, mas sim coletiva. Para Rüsen (ANO), a “consciência histórica é a constituição de sentido sobre a experiência do tempo, no modo de uma maneira que vai além dos limites de sua própria vida prática. A capacidade de constituir sentido necessita ser aprendida, e é no próprio processo dessa constituição de sentido” (RÜSEN, 2010, p. 104).

Para o autor, a consciência histórica é inerente ao homem e é determinada pelo próprio homem em seu contexto social, cultural, possuindo diferentes níveis em que se percebem e em que se insere no pensamento humano.

[...] consciência histórica não é uma meta, mas uma das condições da existência do pensamento: não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social em geral (CERRI, 2001, p. 03).

O pensar histórico é uma condição humana em que o sujeito no presente se direciona ao futuro com alguma certa perspectiva, pois o mesmo consegue se situar no mundo e em seu grupo social. A dimensão temporal passado, presente e futuro relaciona-se com a orientação, o modo como os sujeitos vão direcionar a sua capacidade cognitiva da consciência histórica, com a sua forma de pensar e agir

perante o passado. Na verdade, sobre como a experiência vivida vai lhe trazer algum significado que possa ter relação com sua vida.

No processo de desenvolvimento da consciência, Rüsen esquematizou um conceito chamado de tipologia geral do pensamento histórico, que são quatro tipos de consciência histórica: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética. O sujeito histórico se baseia em uma dessas consciências que se forma a partir de suas perspectivas, inserido em um determinado contexto e valores morais a ser seguido. O próprio sujeito adquire o seu nível de consciência de acordo com suas convicções, desejos e interesses, conforme seus valores morais, pois

cada uma das manifestações da consciência histórica é o que gera um sentido na vida prática do indivíduo que racionaliza a história, não a percebendo apenas, como uma disciplina que existe pelo simples fato de existir, mas assim sendo, a História, uma disciplina capaz de ter um sentido racional e prático na vida dos indivíduos (MARRERA; SOUZA, 2013, p. 05).

Cada consciência histórica é desenvolvida no ser humano da forma como ele interpreta sua vida prática, pelo próprio entendimento com a experiência histórica em que se orienta e se dispõe as perspectivas. São formas de raciocínios em que os sujeitos formulam e definem de acordo com sua vida prática, dentro de seu cotidiano, orientados pelas três dimensões da aprendizagem histórica, faladas anteriormente: experiência, interpretação e orientação.

Os tipos de consciência histórica ou narrativa histórica são quatro: tradicional, exemplar, crítica e genética. A consciência histórica do tipo tradicional relaciona-se com os costumes, regras e normas adotadas pelas tradições que passam de geração para geração, em um processo de perpetuidade e continuação de seus aspectos morais e culturais. Ligadas essencialmente às religiões, a uma tradição familiar, ou uma instituição que carrega valores, condutas que atravessam longos anos e séculos, se perpetuam através de seus descendentes e aqueles que querem preservar as suas tradições. A “[...] consciência histórica se mantém tradicional à medida que essa mentalidade transmitida é multiplicada por seus receptores e avança sobre as novas gerações que com ela se identifiquem” (ALVES, 2011, p.61). O indivíduo que constrói o mundo através da consciência histórica tradicional o faz com o discurso trazendo o passado pelo presente, já que “a consciência histórica funciona em parte para manter vivas essas tradições” (RÜSEN, 2011, p. 62).

No tipo exemplar os sujeitos se orientam com exemplos e lições do passado, nos ensinando que ação devemos tomar e o que podemos evitar fazer. O indivíduo explica o mundo através de exemplos do passado, daquilo que experimentou, explicando o presente pelo passado no qual a “[...] história ensina a partir dos inúmeros acontecimentos do passado que transmite regras gerais do agir” (RÜSEN, 2010, p. 61).

O terceiro tipo de consciência, a crítica, se baseia na rejeição crítica de modelos históricos existentes da cultura histórica existente. Utiliza-se de argumentos para derrubar modelos históricos vigentes, que desmontam em narrativas históricas produzidas por instituições, grupos, nações. A

[...] constituição crítica de sentido é o meio de uma comunicação intercultural, na qual o discurso histórico se modifica radicalmente, quando novas representações substituem as antigas, ou mesmo quando uma linguagem simbólica do histórico, inteiramente nova, varre a precedente (RÜSEN, 2010, p. 55).

Nesse tipo de consciência histórica, as pessoas não reconhecem a legitimidade histórica vigente, se orientando a partir da construção de uma nova narrativa. Seu objetivo é reunir argumentos, provas que derrubem a narrativa predominante, estabelecida por aqueles que a legitimaram durante muito tempo, uma vez que

[...] tradicionalismo e exemplaridades históricas são descontinuadas pela constituição crítica de sentido. Modelos de orientação, tradição são questionadas em sua plausibilidade, pois são tidas como irrelevantes para a sociedade contemporânea do elaborador da crítica. A história atual como fornecedora de fatos que refutam a orientação predominante rompendo, portanto, com representações que perduram no tempo (ALVES, 2011, p. 69).

Existem vários exemplos de contranarrativas históricas que combatem antigas narrativas predominantes, dentre elas estão: liberalismo econômico como contraposição ao protecionismo mercantilista; descentralização bipartite do poder político em detrimento da centralidade absolutista monárquica; superação do poder clerical pelo poder laico e secular; as propostas iluministas exemplificaram-se contra narrativas críticas as tradições e modelos existentes no Antigo Regime, vigente na sociedade ocidental; Marx e Engels criticaram o modelo capitalista e propuseram uma nova narrativa que visava à construção de um novo sistema e mentalidade.

Nietzsche rejeitou o modelo moral existente ao decretar a morte do Deus que representava essa tradição na sociedade ocidental; as concepções pós-modernistas também podem ser constituídas como construção histórica de sentido, apesar da própria problemática do termo pós-moderno (ALVES, 2011). Os exemplos citados são construções históricas de sentido crítico que se configuram como uma nova narrativa que contraria a narrativa existente e que tenta desconstruí-la para compor novas ideias e novas atitudes acerca das narrativas precedentes.

O quarto e último tipo de consciência histórica, a genética, baseia-se na argumentação e na negação das formas dominantes de sentido, não desprezando totalmente os modelos anteriores, atualizando, pegando exemplos para o presente com perspectivas para o futuro. A consciência histórica genética “[...] responde à experiência dinamizada do tempo presente nos saberes históricos elaborados geneticamente. Ela corresponde à representação do tempo transversal a todos os acontecimentos, caracterizado pela perspectiva de mudança” (RÜSEN, 2010, p. 61).

Na dimensão temporal do pensamento genético, o passado é resgatado pelo presente a partir de intenções para o futuro. O sujeito raciocina historicamente a partir das experiências vividas do passado pelo presente com vistas ao futuro. A perspectiva de mudança a partir de fatos concretos do passado (experiência) é o “motor” para a consciência histórica genética. Assim,

[...] a concepção determinante, pela qual o passado dinamizado temporalmente é articulado com a prática concreta do presente, de modo que o futuro apareça como chance de superação, é a da mudança constante, qualitativamente resistente (RÜSEN, 2010, p.61).

Os quatro tipos de consciência histórica são formas de raciocínio histórico, constituídas a partir do sentido que as experiências passadas têm para um sujeito, grupo ou instituição. Essas experiências devem servir para orientar na vida cotidiana para uma perspectiva futura. Por exemplo, a consciência histórica tradicional e exemplar são formas pré-modernas do pensamento histórico, a crítica e a genética são formas modernas do pensamento histórico (ALVES, 2011). A consciência histórica genética é a forma mais desenvolvida de consciências. A crítica é a forma que serve como catalizadora da transformação. A tradicional e a exemplar são as formas mais rudimentar de consciência histórica, reverso da ciência histórica.

O estudo de Rüsen sobre a consciência histórica torna-se fundamental para entender os níveis de consciência histórica de nossos alunos e de como eles estão

interpretando, orientando-os em sua vida prática e cotidiana. Importa conhecer, também, como a História está sendo ensinada e como nossos professores estão sendo preparados para ensinar História de uma forma que exige de nossos alunos criticidade e reflexão mais aprofundada sobre os conteúdos históricos. Temos de elevar o nível de consciência histórica de nossos alunos para que eles tenham um bom aprendizado, vejam e entendam a História como uma disciplina que desperte algum significado para suas vidas.

Os vários termos utilizados na disciplina História, como tempo histórico, tempo dos historiadores, tempo humano e social, o tempo individual subjetivo, tempo coletivo, temporalidade, territorialidade, evento, acontecimento, duração, continuidade, permanência, mudanças e transformações, processo e estrutura, sistema, e demais, devem ser trabalhados por nós, professores, pois são de total importância para que nossos alunos entendam esses termos e o que eles significam. São termos constantes na História e que fazem parte do seu entendimento e de seus aspectos fundamentais. Devemos esclarecer esses termos para que possamos identificar certos aspectos históricos que estão presentes constantemente no conhecimento histórico, para que possamos, assim, efetivar o aprendizado histórico. Sem o entendimento e a definição desses termos na perspectiva histórica, poderemos falhar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois o ensino de História não pode ser baseado somente na exposição dos conteúdos, precisamos ter noção do que estamos ensinando aos nossos alunos.

Dentre os inúmeros termos descritos no parágrafo anterior, que estão presentes no conhecimento histórico, destacamos outros que também se fazem presentes, como cidadania, cultura, trabalho, poder e memória. Todos estes termos são fundamentais para o conhecimento histórico, estão bem explícitos nos PCN (2006) e nos demais documentos do MEC, bem como na Lei nº 10.639, que obriga o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

Existem, também, possíveis mudanças no currículo da disciplina de História, juntamente com demais disciplinas, ainda em discussão e que afetariam a História com futuras exclusões de conteúdos importantes para esta disciplina⁴⁹. Especialistas criticam duramente essas novas mudanças no currículo de História e nas demais

⁴⁹ Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/01/polemicas-do-novo-curriculo-de-historia-serao-temas-de-seminarios.html>>; disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em 30 de junho de 2016.

disciplinas, principalmente para as Ciências Humanas, a mais prejudicada. Há também uma forte presença da bancada evangélica propondo mudanças no currículo escolar e também na prática dos professores. Questões como “ideologia de gênero” e a “escola livre”⁵⁰ têm sido propostas para a discussão de gênero nas escolas e, o segundo, refere-se à neutralidade do professor diante de seu ponto de vista e seu posicionamento perante algumas questões e ideias.

Queremos deixar claro que o currículo de História ou de quaisquer outras disciplinas não é estático, sempre é provável que haja mudanças. Essas mudanças afetam diretamente os professores, alunos, ou melhor, a sociedade em geral, e podem permitir progressos ou retrocessos (caso das propostas e atuação da bancada evangélica). São muitas críticas desfavoráveis a estas mudanças, que dependem muito de uma grande discussão, com toda a sociedade, sobre o efeito e o retrocesso que algumas delas provocariam ao ensino.

A didática da aprendizagem em História de Rüsen contribui para a pesquisa no mecanismo de busca Google no que tange ao desenvolvimento da consciência histórica em nossos alunos, pois ao pesquisarem conteúdos e conceitos em História na rede, os mesmos adquirem, através das atividades dadas pelos professores, conhecimento a partir da problematização de tais atividades.

Partimos agora para as propostas voltadas para o ensino de História utilizando as ferramentas disponibilizadas pelo Google.

3.5 Propostas para o ensino de História utilizando o mecanismo de busca Google

Grandes foram os percalços até chegar ao objetivo central desse trabalho, pois sem o aprofundamento de muitas questões, não poderíamos obter as análises necessárias, relativas às tecnologias e todos os aspectos que a compõe. São análises históricas, filosóficas e sociais, que permitem uma reflexão sobre o seu

⁵⁰ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/03/projeto-que-proibe-debate-de-genero-na-escola-gera-polemica-em-teresina.html>>; disponível em <<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/04/entenda-o-que-o-projeto-escola-livre-muda-no-ensino-estadual-em-alagoas.html>>. Acesso em 30 de junho de 2016.

papel, e como ela opera na sociedade. Aliás, não é a tecnologia em si, mas as pessoas que a operam, que se envolvem e que a consomem.

A técnica está presente desde a mais remota história da humanidade, tendo o ser humano se envolvido, ou melhor, se entrelaçado por este fenômeno que nos ajuda, traz comodidade, conforto, dentre outros. A mesma nos possibilita enxergar benefícios, mas também, historicamente, nos trouxe malefícios, e fomos testemunhas do que ela pode e é capaz estando nas mãos daqueles que desejam a destruição, guerras e interesses em desacordo com uma possível e boa coletividade. O tecnocentrismo e a ideologização das tecnologias deixam bem claros o perigo de tratar as tecnologias como algo intensamente bom e ideal para a humanidade, camuflando as ideais intenções que ela pode trazer em detrimento das verdades. A tecnologia é um elemento fundamental para a humanidade, é através dela que podemos entender a própria humanidade, sua história, suas relações e vários aspectos que a envolvem. Ela nos permite que sejamos mais claros, nos ajuda a entender o homem, ou melhor, a nossa própria coletividade (FIGUEIREDO, 2005).

No âmbito das TDIC, a internet nos permite interagir, criar, diferentemente das outras mídias, como a imprensa, o rádio e a televisão, que não possibilitam tais interações humanas e sociais, um grande exemplo são as redes sociais. Atualmente, compartilhamos ideias e informações acerca de qualquer tipo de assunto e temos acesso a quase todo e qualquer tipo de informação, ao passo que antes estávamos limitados simplesmente a alguns meios, que monopolizavam as informações. Com a internet, as informações podem ser adquiridas e compartilhadas em qualquer computador e em qualquer parte, contanto que haja acesso à rede. O acesso às informações na internet tornou-se mais democrático, mas também trouxe um problema no que diz respeito a essas informações, já que tais podem ser verídicas ou não, por isso a necessidade de pesquisarmos na internet com atenção e cuidado.

O mecanismo de busca Google, com sua excelência em fazer pesquisa, por si só não traz luz sobre informações, dúvidas, questionamentos. Ao se realizar uma pesquisa sobre uma palavra, termo ou conceito, o mesmo vasculha em seus bancos de dados e na rede as informações referentes à sua busca, mas somos nós, os pesquisadores, que efetivamos a pesquisa. Os mecanismos de busca são suportes

mecanizados que nos apresentam respostas referentes ao termo digitado. É imprescindível nosso olhar crítico destinado às informações contidas na internet.

Os professores de História precisam incorporar essas ferramentas e utilizá-las nas atividades escolares. Como fazemos tal empreitada? Como utilizar o mecanismo de busca Google na pesquisa e no ensino de História?

Os autores apresentados nos capítulos anteriores nos ajudam a esclarecer a importância de se utilizar as TDIC no ensino, a exemplo das novas linguagens, novos leitores, novos autores; a compreensão, a percepção e interpretação; a pesquisa como de fundamental importância para o aprendizado; a interatividade; criatividade; autoria; o aprendizado histórico. Todos esses itens foram analisados por autores como Roger Chartier, Lúcia Santaella, Pedro Demo, José Manuel Moran e Jörn Rüsen, contribuindo para a construção das propostas apresentada adiante. A intenção é mostrar aos professores estratégias para ensinar História usando o mecanismo de busca Google como recurso e ferramenta para a pesquisa de conteúdos referente ao estudo da História.

São aqui apresentadas três propostas, que devem ser trabalhadas uma em cada ano do Ensino Médio. As propostas apresentadas referem-se a conteúdos de História, mas podem, também, ser utilizados para outras disciplinas, principalmente das Ciências Humanas, a depender de como o professor as utilizaria.

Essas propostas podem ser usadas total ou parcialmente, serem aperfeiçoadas ou servir de inspiração para novas propostas, cabe ao professor decidir a melhor forma de usá-las, pois é ele quem incentivará os alunos a aprender História; é ele quem ensinará História não apenas como exposição dos conteúdos, mas sim com uma finalidade prática, tornando a disciplina mais significativa para seus alunos.

A organização da proposição se dá da seguinte maneira:

- I. São três propostas de atividades ligadas a conteúdos da História de cada um dos anos do Ensino Médio;
- II. Cada proposta aborda um conteúdo de História, geralmente se pauta em algum conceito, fato, acontecimento, tema, enfim, algo que de alguma forma tem a ver com o conteúdo relacionado, pois para cada conteúdo da História existe um leque de possibilidades a serem trabalhadas;

- III. A pesquisa é feita pela internet, em sites sugeridos ou com o aluno tendo a liberdade de pesquisar, contanto que responda às questões e coloque as referências dos sites pesquisados;
- IV. As atividades propostas são focadas na execução extraclasse, fora da sala de aula, para que o aluno tenha autonomia na realização de sua pesquisa, de forma que possibilite e o torne um pesquisador autônomo, atento e crítico, mas também possa pedir ajuda ao professor, em caso de dúvidas relativas ao trabalho proposto.

O livro didático usado como referência para as atividades propostas é “História, sociedade e cidadania”, de Alfredo Boulos Júnior.

A proposta 1 (um)⁵¹ tem como tema “História e Temporalidades” e refere-se ao conteúdo do livro didático “História, tempo e cultura”. Nela trabalha-se a questão do tempo, temporalidade, história, o que faz o historiador, fontes históricas, calendário e outros. O objetivo desta proposta é entender o processo histórico, a história como ciência e a noção de tempo.

Dentre os demais aspectos que pautam esta proposta, a atividade coloca a questão do tempo como múltiplo e variado, dentro da problemática da temporalidade, e ressalta a importância da disciplina História para o ensino e para a nossa vida cotidiana. O tempo é inerente ao “homem” e é a partir do tempo que regulamos nossas atividades diárias, o tempo não é somente o coletivo, o social ou o tempo físico natural, o tempo é aquele no qual realmente nos baseamos para compor o nosso próprio tempo (BARROS, 2013).

Primeiramente, a partir das questões de 1 (um) a 4 (quatro), avalia-se como está o conhecimento histórico dos alunos, o que eles entendem sobre a disciplina História e a sua importância, como também sobre o negro no Brasil colonial e na contemporaneidade⁵². A intenção é avaliar como está o nível de conhecimento histórico dos alunos sobre a própria questão da história, do tempo, como também dos conteúdos. É oportuna essa avaliação prévia, pois como se trata de uma atividade para o primeiro ano do Ensino Médio, poderemos identificar determinados fatores que nos indiquem como nossos alunos entendem a História, a sua importância e a sua finalidade.

⁵¹ Vide APÊNDICE A – Atividade 1, p.114; APÊNDICE D – Plano de Aula 1, p.117.

⁵² Vide ANEXO B, p. 127-132.

O Ensino Médio é uma nova etapa de ensino e também uma preparação e um encaminhamento para o nível superior e requer um aprofundamento maior dos estudos, ou melhor, uma nova dinâmica a ser aplicada, conforme exposto na LDB, no artigo 35, parágrafo 1, que diz: “a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos” (BRASIL, 1996, p. 24). Por isso, a nossa intenção de conhecer como está o nível de conhecimento histórico dos alunos vindo do Ensino Fundamental e de como, daqui para frente, poderemos intervir para que melhorem cada vez mais as suas percepções sobre o conhecimento histórico. Na verdade, compreender o nível de consciência histórica de nossos alunos, mesmo que as questões apresentadas sejam básicas, mas podendo ter acesso a um pequeno panorama da real situação.

As segunda e terceira questões, que correspondem aos negros, têm como objetivo estimular os estudantes a recordar ou a criar uma imagem do negro na época colonial. Sabemos que nossos alunos estabeleceram um entendimento do negro na época colonial, assim como do negro na contemporaneidade, e, por meio dessas perguntas, ele pode apresentar alguma resposta e estabelecer uma relação do presente com o passado ou vice e versa. Essas duas perguntas sobre o negro, poderiam ser sobre o Índio, a mulher, a democracia e outros temas e conceitos ligados à História, o mais importante é estimular os alunos quanto à utilização da memória de seu aprendizado histórico anterior. Podemos levantar algumas perguntas: Será que aprendeu algo? Será que esqueceu? O aprendizado que ele teve sobre o negro não foi significativo? É de total relevância para o professor saber se os alunos estão aprendendo História e sobre como eles internalizam e interpretam esse aprendizado.

A quinta questão é para o aluno procurar o conceito de temporalidade, pois se refere há vários tempos que podem ser determinados a partir da própria pessoa, ou de um historiador. É o tempo que sugere alguma ação, fato, acontecimento que é marcado pelo próprio tempo, de acordo com quem o estabelece. Pode ser o tempo de um curso de verão, férias do trabalho, tempo do almoço ou o tempo marcado por períodos históricos como a Idade Média. O aluno vai pesquisar na internet esse conceito e criar sua temporalidade a partir de algum acontecimento da sua vida, ou por um determinado tempo marcado por ele mesmo. A ideia é mostrar para os alunos que existem vários tempos: o nosso, o da nossa vida cotidiana, o dos

historiadores, e que vários tempos coexistem para além do tempo natural e físico, principalmente, o tempo humano, esse estabelecido por nós.

A segunda atividade⁵³, “A situação do índio no Brasil”, refere-se ao conteúdo do livro didático intitulado “Povos indígenas no Brasil”. Esta proposta nos traz dados referentes à recente situação do índio no Brasil, através de uma pesquisa feita pela IBGE entre 2010 e 2014⁵⁴. Essa pesquisa nos permite conhecer quantos são, como vivem, suas línguas, suas etnias e como as pessoas desconhecem o índio, já que muitos brasileiros ainda têm aquela imagem do índio nu, bravo, selvagem, caçando e pescando para sobreviver.

O livro didático de Boulos Júnior (2013) mostra a cultura indígena, seus diferentes povos e etnias, a questão da terra, a sua resistência. O autor traz dados recentes sobre a vida e a cultura indígena. Sendo que a pesquisa do IBGE mostrada na página BBC-Brasil⁵⁵ nos ajuda a conhecer a real situação dos índios no Brasil, sabendo que os mesmos ainda hoje lutam e resistem para preservar sua terra, sua cultura. A proposta dessa atividade é para que os alunos conheçam as dificuldades que os índios têm para preservar a sua cultura, e apesar de séculos de luta, ainda resistirem.

Essa atividade utiliza uma página da BBC-Brasil, é uma pesquisa direcionada, tendo o aluno de responder às perguntas feitas na proposta. Nossos alunos demonstram certo desconhecimento sobre o índio brasileiro e a pesquisa busca preencher essa lacuna. É essencial que os professores de História fiquem atentos à divulgação de pesquisas feitas por instituições de renome, como o IBGE, pois estas podem ser utilizadas em nossas atividades de ensino-aprendizagem.

Essa atividade mostra que apesar de séculos, o índio, ou melhor, as culturas e etnias indígenas continuam a sobreviver e lutar para se preservarem perante aos ataques sofridos, antes pelos portugueses e bandeirantes e hoje pelos grandes pecuaristas, fazendeiros, latifundiários, madeireiros e pelo próprio Estado. É primordial nossos alunos entenderem um pouco da história desse povo sofrido, mas também a situação em que vivem atualmente. O olhar do presente nos deixa com alguma curiosidade em saber um pouco da história desses povos e o próprio olhar do passado, nos livros de História, nos faz querer compreender como vivem esses

⁵³ Vide APÊNDICE B – Atividade 2, p.115; APÊNDICE E – Plano de Aula 2, p.119.

⁵⁴ Vide ANEXO B, p.124-126.

⁵⁵ Disponível em <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36682290>>. Acesso em 23 de julho de 2016.

povos. Não podemos ignorar como esses povos contribuíram, e muito, para a nossa formação, tanto cultural quanto étnica, bem como devemos entender e respeitar nossas diferenças em relação a eles.

Apesar de que, aparentemente, seja uma atividade simples de perguntas e respostas, esta possibilita ao aluno conhecer um pouco da situação dos índios no Brasil e sobre o quanto é determinante este conhecimento para se evitar juízos de valor preconceituosos contra um povo sofrido. Não restam dúvidas de que nossos alunos, ou melhor, a sociedade em geral tenha pouco ou nenhum conhecimento sobre essa realidade, precisando cada vez mais de conhecimento sobre a situação apresentada.

A proposta de atividade 03 (três)⁵⁶ se dá com base em um fato ocorrido em 17 de abril de 2016, na câmara dos deputados em Brasília, Distrito Federal. Nesse episódio, a votação do impeachment da Presidenta Dilma Rousseff foi assistida por milhões de brasileiros, que viram como é o nosso congresso e são os nossos representantes. Vários deputados evocaram nomes de seus filhos, netos, integrantes de suas famílias, até torturadores, como é o caso do deputado Jair Bolsonaro (Partido Progressista - PP).

Isso nos mostra que nossos representantes pensam somente em suas famílias e em seu bem estar, já quanto à população em geral não demonstram estar muito interessados. Evidenciou-se uma câmara altamente conservadora, não laica, preconceituosa, a qual fora vista por milhões de pessoas no Brasil e muita criticada pela imprensa local, nacional e internacional. Essa votação deixou os brasileiros perplexos e cada vez mais indignados com nossos representantes políticos, mas ao mesmo tempo abriu os nossos olhos para a reflexão e demais rumos e escolhas que devemos fazer durante a próxima eleição.

O foco dessa atividade é justamente o pronunciamento do deputado Jair Bolsonaro (Partido Progressista - PP) e o que este mesmo pronunciamento provocou, não só a indignação, mas também a procura de respostas sobre a sua fala em plenário. Bolsonaro diz:

[...] nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nesta casa, parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família, e pela inocência das crianças em sala de aula

⁵⁶ Vide APÊNDICE C – Atividade , p.116; APÊNDICE F – Plano de Aula 3, p.121.

que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra a Folha de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ulstra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim⁵⁷.

No pronunciamento de Bolsonaro existem vários questionamentos que precisam ser esclarecidos, sendo que o aluno pesquisará sobre os mesmos. Por exemplo, sobre o coronel Ulstra e o porquê da comparação de 1964 com o ano de 2016. Também é pedida a pesquisa sobre pessoas que foram torturadas⁵⁸ na época da ditadura e, por último, a opinião dos alunos sobre a votação e sobre o pronunciamento de Bolsonaro.

Essa votação da câmara e, em especial, o pronunciamento de Bolsonaro, nos trazem alguns questionamentos e dúvidas que podem ser respondidos ao olharmos o passado, o conhecimento histórico produzido acerca da ditadura militar ou o chamado golpe militar de 1964. Essa proposta de atividade permite buscar respostas junto ao passado, e essa relação entre o presente e o passado se torna significativa para que o aluno perceba a necessidade e a finalidade de se estudar História. Algo de extrema relevância, pois os alunos têm de perceber o significado de se estudar a História, para que a mesma não permaneça apenas como um acontecimento morto ou como figura ilustrativa, mas que, pelo contrário, possa cada vez mais ter significado próprio e uma finalidade prática.

As três atividades propostas exemplificam como as TDIC podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de História. Uma pesquisa estimula muito a aprendizagem dos alunos e a internet favorece atividades que envolvem a pesquisa. A internet é um universo e sendo um universo se torna ampla demais e bastante complexa, oferecendo certas dificuldades aos principiantes, que, normalmente, já dão crédito à primeira informação disponibilizada. Entendemos que a rede é um emaranhado de informações e que devemos ter bastante cuidado na pesquisa, pois a falta de atenção para com as informações coletadas pode afetar e muito a pesquisa.

A pesquisa como princípio educativo (DEMO, 2011) é o fator que devemos cada vez mais incentivar junto aos alunos, pois é por meio dela que construímos

⁵⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2LC_v4J3waU>. Acesso em 30 de julho de 2016.

⁵⁸ Vide ANEXO C, p.133.

conhecimento, autonomia e criticidade. A sala de aula não pode ser o único lugar da aprendizagem, mas um dentre tantos outros lugares. As TDIC permitem muitas utilidades e facilidades de acesso à comunicação, à informação, ao entretenimento, aos negócios, aos estudos, dentre outros. Não podemos negar as suas aplicabilidades, tampouco suas benesses e de toda a sua contribuição.

Além das potencialidades das TIDIC, temos também um grande aliado que são os alunos, pois a maioria deles conhece e sabe lidar muito bem com as TDIC, são os chamados leitores imersivos (SANTAELLA, 2004). Leitores que estão inseridos neste novo contexto de leitura, interpretação, participação, comunicação, signos, sons, imagens.

O mecanismo de busca do Google é uma importante ferramenta de pesquisa disponível na internet que facilita a busca por informações sobre uma palavra ou termo digitado. O mesmo dispõe de milhares de informações sobre diferentes termos que podem ser pesquisados, mas isso não garante o resultado da pesquisa. O que garantirá a efetividade da pesquisa é o próprio pesquisador, que garimpará as informações colhidas, tornando-as úteis, pois o mecanismo de busca em sua integridade física é mecânico, é programado por um conjunto de tarefas determinadas. Na verdade, é o pesquisador quem dá o retoque final à pesquisa.

As atividades propostas têm a intenção de possibilitar aos alunos o aprendizado de História a partir da pesquisa feita na internet. Essas atividades foram direcionadas aos conteúdos de História, destacando-se alguma dúvida, esclarecimento de algum termo, conceito, algo relacionado à História; além disso, foram formuladas para serem trabalhadas fora da sala de aula, tendo seus temas sido problematizados em sala de aula e depois serem pesquisados pelos alunos. Os temas são parte de conteúdos históricos que geram alguma dúvida ou questionamento, para que os alunos busquem e pesquisem procurando respondê-los.

A primeira atividade traz o questionamento sobre o tempo e a importância da História como ciência. Dentre vários aspectos da História, optou-se por perguntar para os alunos sobre a temporalidade e que eles fizessem um histórico de algum fato marcante em suas vidas, pois como relatamos na atividade, todos nós somos sujeitos históricos. Antes dessas perguntas, realizou-se um exercício prévio sobre o que os alunos entendem por História e a sua importância, além de ter sido perguntado sobre como era a situação do negro no Brasil Colonial e a sua situação

na contemporaneidade. Tanto o exercício prévio quanto as perguntas para a pesquisa na internet demonstram a intenção de: saber como está o nível do aprendizado histórico a partir da análise da situação do negro; colocar o aluno para pesquisar e compreender que o tempo é uma construção e que somos sujeitos históricos; bem como entender a relação entre o passado e o presente para a compreensão histórica.

A segunda atividade de pesquisa direciona a um site que traz informações do IBGE sobre a situação do índio no Brasil. É solicitado aos alunos que respondam a atividade sobre os dados obtidos através do site do IBGE. A intenção da aula é a de que, a partir dos dados dessa pesquisa do IBGE, os alunos compreendam e entendam como vivem os índios, em seus aspectos econômicos, sociais e culturais. Muitas pessoas no Brasil desconhecem essas informações sendo preciso esclarecê-las para não correremos o risco de ter opiniões erradas sobre certos aspectos da cultura indígena. No final da atividade, pede-se aos alunos opinem acerca da falta de conhecimento sobre a cultura indígena no Brasil.

A terceira atividade relaciona um fato ocorrido recentemente, relativo à votação do impeachment da Dilma Rousseff, destacando-se a fala do deputado federal Jair Bolsonaro. Em seu pronunciamento, Bolsonaro remete a dúvidas e questionamentos sobre o golpe militar de 1964 no Brasil e retoma um dos principais torturadores o Coronel Brilhante Ulstra. O interessante dessa atividade é que a fala de Bolsonaro nos remete ao passado, no caso, ao golpe militar de 1964, despertando algumas dúvidas sobre a intencionalidade de sua fala, tendo esta sido problematizada com fatos que ocorreram no passado. A intenção da atividade é trazer aos alunos conhecimento acerca do Golpe militar de 1964, fazendo uma ponte com a fala de Bolsonaro. A relação passado/presente ou presente/passado faz-se necessária para entendermos o presente e também o passado, tornando o estudo da História mais significativo para os alunos. Por último, pede-se aos alunos que deem sua opinião sobre o episódio da votação do impeachment.

A avaliação dessas atividades fica a critério do professor que pode atribuir-lhes uma nota máxima ou parcial somada à nota da avaliação corrente. Algumas dificuldades podem ocorrer, mas o professor auxiliará os alunos na pesquisa, já que alguns podem apresentar dificuldades em encontrar informações, além de outras dificuldades que podem aparecer ao longo da pesquisa. Os resultados obtidos pela pesquisa na internet podem ter vários temas, os quais cada aluno ou grupo de

alunos pode socializar e compartilhar o conhecimento adquirido a partir de suas análises. Segundo Piletti (2013),

Para o estudante, é fundamental que desenvolva o interesse para a pesquisa, habituando-se a buscar o conhecimento por si próprio e em grupo com seus colegas e o professor. A este cabe orientar os alunos nesse sentido, podendo repetir, por exemplo, conforme o caso, experimentos que levaram aos saberes ou teorias estudadas; essa é uma das formas de favorecer a aprendizagem por descoberta (PILETTI, 2013, p. 81).

Nós, professores, temos de planejar as nossas atividades sugerindo a pesquisa na internet, pois sem o devido planejamento ficará difícil ter bons resultados de aprendizagem. Como já foi dito antes, a internet é um emaranhado de informações e para ter acesso a essas informações tem-se de ter o mínimo de cuidado para transformá-las em conhecimento e, no nosso caso, utilizá-las para o aprendizado histórico (RÜSEN, 2010). O estudo das experiências passadas tem de ter significado para o aprendizado dos nossos alunos, pois isso torna a aprendizagem mais aprazível.

As três propostas mostram o significado de se estudar História e o fato de que torna-se útil para a vida prática (RÜSEN, 2010) de nossos alunos. Por exemplo, na primeira proposta, o aluno narra sua história a partir de fatos que ocorreram com ele, ele é o sujeito histórico e também contribui para a construção da sua história, do grupo social em que está inserido, ou melhor, cada um tem seu próprio tempo, o tempo é individual e também coletivo; a segunda proposta trata do questionamento do desconhecimento do outro (índio) e da sua situação presente; a terceira e última proposta traz um questionamento a partir de um acontecimento do presente – a fala de seu personagem (Jair Bolsonaro) trazendo outros questionamentos acerca de um período histórico (Golpe Militar de 1964).

Todas as propostas apresentadas trazem questionamentos e dúvidas acerca de um fato, acontecimento, conceito ou termo que são referentes à História para que os alunos tentem respondê-los. A pesquisa na internet ou qualquer pesquisa requer do pesquisador (professor ou aluno) antes de tudo levantamento dos questionamentos, ou melhor, a problematização, sem a problematização a pesquisa torna-se nada mais que uma simples consulta a um dicionário ou ao próprio Google.

Boulos Júnior (2013) sugere alguns procedimentos que poderão ser usados para a pesquisa na internet, direcionados aos professores de História:

- a) Definir previamente os objetivos da pesquisa e solicitar que o aluno, enquanto estiver pesquisando, não desvie a atenção da proposta inicial entrando no Facebook, no skype, em salas de bate-papo ou locais para ouvir música ou jogar;
- b) Encorajar a problematização dos materiais encontrados na internet. Depois de localizar os sites, os vídeos que tratam um mesmo assunto ou tema, estimular o aluno a questionar as fontes em que esses materiais se apoiam, identificar as ausências de informações significativas sobre o assunto, confirmar a veracidade das informações veiculadas, por fim, estimular o posicionamento crítico diante das informações e análises ali disponíveis;
- c) Sugerir ao aluno que relacione os sites ou vídeos encontrados a outros materiais sugeridos em aula. Isso facilita a percepção de que o tema histórico pode ser mais bem compreendido se recorremos a diferentes fontes à crítica destas;
- d) Alertar o aluno sobre o fato de que nem tudo o que está na internet é verdade e que as *homepages* são muitas vezes pouco consistentes. Por isso, a indicação do tema deve vir acompanhada de perguntas que incentivem o aluno a investigar;
- e) Incentivar o aluno a trocar informações com colegas de outras escolas do Brasil e/ou de outros países via internet. Por meio dela, o aluno pode também entrar em contato com autores, órgãos governamentais, instituições, sites de professores, enfim, trocar informações significativas, textuais e visuais (BOULOS JÚNIOR, 2013, p.24).

Esses são os cuidados, segundo Boulos Júnior (2013), que podem ajudar os professores de História a desenvolver as competências e habilidades requeridas no processo de ensino-aprendizagem através do uso da pesquisa na internet. Temos de informar aos alunos sobre o perigo do excesso de informações na rede, sobre a veracidade das informações como já foi falado muitas vezes, e, ainda, sobre a prática utilizada por muitos alunos, que é a de copiar/colar/imprimir sem o devido cuidado, sem ao menos resumir, sintetizar as informações coletadas. Outro ponto necessário é indicar o site ou endereço pesquisado, pois esta ação é de extrema importância para que possamos localizar a fonte pesquisada, se foi realmente pesquisado ou se foi somente feito o copiar/colar/imprimir.

Os autores citados neste trabalho contribuíram para a construção dessas propostas, sendo pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História. A pesquisa e o aprendizado histórico foram fundamentais para a concretização do objetivo deste trabalho, que é a utilização do mecanismo de busca Google como recurso para se aprender História, incentivando o aluno a pesquisar e de alguma forma torná-lo independente e capaz de construir seu próprio conhecimento.

As três propostas apresentadas foram construídas a partir da contribuição dos autores que trabalham as TDIC no ensino e da própria disciplina de História. Essas atividades mostram que existem inúmeras possibilidades de se estudar História a partir do uso das TDIC e que, depende de nós, professores, o planejamento de nossas aulas de História. As atividades apresentadas neste trabalho são apenas uma parte de muitas outras atividades que podem ser trabalhadas pelos professores de História em suas práticas, podendo ser aprimoradas, modificadas ou até servir de exemplo para novas práticas de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi realizado com a intenção de trazer, para os professores de História, possibilidades do uso das TDIC, especificamente do Google, para a aprendizagem de pesquisa e para o ensino de História. São inúmeras possibilidades de aprendizagem usando as TDIC, que partem, principalmente, de um bom entendimento do professor sobre a sua utilização e também de um bom planejamento. Sem o mínimo de entendimento e sem planejamento, seja qual for a intenção do professor, este não terá bom resultado sobre a proposta realizada.

As constantes preocupações e discussões do meio acadêmico relacionadas a uma metodologia que forneça autêntico significado ao ensino da História e que seja coerente com o contexto contemporâneo levaram-nos aos seguintes problemas: como elaborar propostas utilizando as TDIC voltadas para professores de História? Podem nossos alunos aprender História usando a tecnologia de busca Google?

Para tentar refletir e problematizar a dificuldades propostas foi necessário percorrer um longo caminho até apresentar as possibilidades para a aprendizagem em História. Fez-se necessário levantar alguns argumentos que se referem ao uso das TDIC e do ensino de História, pois para apresentar as devidas propostas, são necessárias tais argumentações, que fortalecem o estudo apresentado.

No primeiro momento, foi discutido sobre a técnica, ciência e tecnologia, sua terminologia, conceito, história e como esses termos acompanham historicamente nossa sociedade. Foram utilizados alguns autores que trabalham essa temática com diferentes enfoques, análises, presentes em suas escritas para que possamos entender a diversidade dessa problemática. Pudemos levantar alguns pontos principais sobre essa temática apresentada. Para tentar refletir e solucionar o problema proposto foi necessário: a) entender a diferença entre técnica, ciência e tecnologia; b) compreender as diferentes abordagens sobre essa temática; c) refletir sobre essas diferentes abordagens, excluindo a possibilidade de uma análise simples, homogênea e estática. Esses foram os principais fatores levantados para um entendimento maior sobre essa temática.

No mesmo capítulo, foi abordada a história da internet na sua origem, desenvolvimento e os principais fatores que construíram essa valorosa ferramenta. Dentre esses fatores, podemos destacar: a) a intenção primeiramente era a

comunicação informativa entre os setores do exército, principalmente, no exército americano; b) a ajuda das universidades colaborou para elaboração desse invento; c) a liberdade de criação de setores e grupos favoreceu a elaboração de tal invento. Na verdade, a internet nasceu da relação da ciência com a investigação militar e a cultura da liberdade (CASTELLS, 1997). Por exemplo, a ciência que provém das universidades, a comunicação interativa que facilitaria os órgãos de defesa nos Estados Unidos e a liberação do código fonte para o desenvolvimento da internet contribuíram para o seu aperfeiçoamento. A internet se originou a partir desses fatores, o que a tornou uma grande fonte de informações, comunicação, interatividade, em que o ciberespaço (LÉVY, 1999) é o espaço voltado para a virtualidade e ao processamento virtual, caracterizando a cibercultura, que, por sua vez, são práticas de atitudes, valores, pensamentos que se desenvolvem dentro deste espaço virtual.

No capítulo 2, foram abordados dois pontos. O primeiro ponto são as transformações e mudanças provocadas na forma de ler dos novos leitores. A passagem da leitura do livro para a leitura na tela do computador apresentou uma nova dinâmica e permitiu novas práticas (CHARTIER, 2002). O ambiente virtual trouxe novas configurações, dentre elas a abundância de informações, sons, imagens, comunicação e interatividade. O livro impresso contém alguns aspectos do mundo virtual como, por exemplo, imagens, mas em sua totalidade apresenta uma forma estática. Mas, mesmo com estas novas mudanças, continua vivo e com grande aceitação.

Essa nova configuração apresentou um novo tipo de leitor, o imersivo (SANTAELLA, 2004), ligado as TDIC. Trata-se do leitor virtual que lê, cria, copia, comunica, interage e participa. Esse leitor, com quem nós professores estamos lidando em sala de aula, demanda entendimento de sua conjuntura atual e a inclusão em nossas práticas atividades de ações voltadas para esses novos leitores e que lhes permitam um aprendizado significativo.

As percepções cognitivas percebidas pelo leitor imersivo são as novas práticas de leitura, interpretação, criação, as quais permitem aos usuários agirem de forma mais independente do que com as outras formas mais antigas de leitura (leitura contemplativa, mediativa e leitura movente e fragmentada), o que nos demanda que saibamos lidar com estas novas práticas.

O segundo ponto é a utilização das TDIC voltadas para o ensino, com grande contribuição de dois autores que trabalham essa temática: José Manuel Moran e Pedro Demo. As ideias e propostas levantadas por estes autores ajudaram muito na construção das ideias deste trabalho no que se refere à aprendizagem virtual como uma proposta de ensino; à internet como grande campo de possibilidade para a aprendizagem; à pesquisa como princípio educativo; ao aluno como construtor do conhecimento, autônomo, crítico, criativo, conhecedor do uso das tecnologias; ao professor como pesquisador conhecedor das TDIC; ao compromisso com o aluno, com o projeto pedagógico próprio, com textos científicos próprios, material didático próprio; à inovação da prática pedagógica e à recuperação e/ou à valorização da competência do 'ensinar' e do 'aprender'. São esses elementos levantados por estes autores que ajudaram a elaborar as propostas apresentadas neste trabalho, contribuindo, e muito, para o uso das TDIC no ensino de forma geral e também para a aprendizagem em História.

No terceiro e último capítulo do trabalho, iniciei com a história do Google para entendermos como funciona este mecanismo de busca, tínhamos de conhecer um pouco da sua história. O Google, uma empresa americana de tecnologia, desenvolveu-se através do seu mecanismo de busca e foi com ele que a mesma prosperou. A sua intenção de tornar fácil para as pessoas o acesso a informação foi o seu principal objetivo, tentando, ainda, através de seus bancos de dados organizar todas as informações do mundo. Para alguns críticos, essa intenção do Google pode torná-lo poderoso por ter tantas informações em seus bancos de dados, podendo violar diversos direitos autorais e de privacidade de muitos cidadãos ao redor do mundo. Apesar de o Google demonstrar a sua boa intencionalidade, não se deve descartar a possibilidade de se usarem essas informações indevidamente.

Apresentamos algumas ferramentas do Google que podem e devem ser utilizadas para o ensino de História, além do mecanismo de buscas. Estratégias para a pesquisa no Google; a utilização do Google Maps, do Google Earth e You tube. Em seguida, discutimos sobre o ensino-aprendizagem de História através de seus principais fatores, e, assumimos que não podemos excluir: o tempo, a duração, a temporalidade, a ciência histórica, o trabalho do historiador, as mudanças e as permanências. E, por último, tivemos a contribuição de um autor alemão que trabalha a didática da História: Jörn Rüsen.

Para Rüsen, o ensino de História tem de ter sentido para a vida prática dos alunos, pois a História ensinada configura-se como uma orientação a ser construída pelos alunos a partir de sua identidade acerca das experiências históricas. É na consciência histórica que os sujeitos vão se orientar em sua vida prática, elaborando as experiências do tempo, determinando suas ações. Aos professores de História cabe estimular os alunos para uma consciência histórica pautada na criticidade e na relação com os demais argumentos erguidos e debatidos em sala de aula. O ensino de História só terá efetividade quando os professores problematizarem os conteúdos históricos, permitindo os alunos refletirem sobre a ciência histórica.

Por último, foram apresentadas três propostas voltadas aos conteúdos de História do Ensino Médio, elaboradas a partir da contribuição dos autores trabalhados. As propostas se direcionam à pesquisa feita na internet, especificamente no Google; a pesquisa é feita pelos alunos fora do ambiente escolar; a problematização dos conteúdos históricos propostos é realizada pelo docente; a liberdade dos alunos exporem a sua opinião sobre a pesquisa realizada é enfatizada; e, há o estímulo à consciência histórica.

As atividades propostas requerem um bom planejamento por parte dos professores, a partir da problematização dos conteúdos históricos escolhidos e para que os alunos aprendam História de uma maneira significativa, relacionando a sua vida prática ao aprendizado construído.

O presente estudo contribuirá para os professores de História elaborem em seu planejamento a pesquisa como fator fundamental e para que os alunos possam coletar informações e transformá-las em conhecimento, o que lhes permitirá maior criticidade e a problematização dos conteúdos históricos. Ficará a critério dos professores usarem essas propostas, modificá-las, melhorá-las, ou toma-las como inspiração para outras propostas.

Por fim, a pesquisa apresentada, sobre a elaboração de propostas para professores de História utilizarem em suas práticas, não se esgota. Ressalta-se a pretensão da continuação de aspectos desse estudo, portanto, fica claro que esta dissertação não intencionou esgotar a temática abordada, mas buscou contribuir como referência não só para reflexão, mas também para aplicação dessa metodologia do pensar histórico, principalmente, por professores que se preocupam com a qualidade do ensino.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do Google - 1995 – 2014. Produção: Discovery Chanel. Publicação: Jean Karlo Babini. 2014. Duração: 42min44s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NK5dIOMwDq0>>. Acesso em 23.jul.2016.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Aprender História com sentido para a vida:** consciência histórica em estudantes brasileiros e portugueses. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP), São Paulo, 2011.

BARROS, José Augusto. **Pesquisa escolar na internet.** Belo Horizonte: Editora Formato, 2001.

BARROS, José D' Assunção. **O tempo dos historiadores.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 1º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 2º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 3º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

BRASIL. **Legislação.** s.d. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12907:legislacoes>>. Acesso em 30.jul.2016.

BRASIL. **Lei nº. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 30.jul.2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRIGGS, Asa. **1921 – uma história social da mídia**: de Gutemberg a internet. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão Técnica: Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento – I**: de Gutemberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **História e informática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.301-317.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Tradução: Rita Espanha. Coordenação: José Manuel Paquete de Oliveira; Gustavo Leitão Cardoso. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COSTA e SILVA, Gildemarks. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.94, n.238,p.839-857,set./dez.2013.

DEMIURGO. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=demiurgo&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=Qsl0WLv_DMqgwATrvL2wD>. Acesso em 30.jul.2016.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

DISTOPIA. s.d. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Distopia>>. Acesso em 30.jul.2016.

FIGUEIREDO, Vilma. **Produção social da tecnologia**. São Paulo: EPU, 1989.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**. Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul./dez. 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KENT, Peter. **Otimização para mecanismos de busca para leigos**. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2015.

LEMOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. In: LEMOS, André. **Técnica e tecnologia e o fenômeno tecnológico através da história**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.25-56.

LEMOS, André. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LÉVY, Pierre. **A máquina universo**: criação, cognição e cultura informática. Tradução: Maria Manuela Guimarães. Éditions La Couverte, 1987.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. In: LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. In: LÉVY, Pierre. **As tecnologias têm um impacto**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 21-29.

LÉVY, Pierre. O que é virtual? In: LÉVY, Pierre. **O que é virtualização?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 15-24.

MARIZ, Anna Carla Almeida. **A informação na internet**: arquivos públicos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história** – utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. 3 ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2008.

MÍDIA. **Dicionário Informal do Google**. 2017. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/m%C3%ADdia/>>. Acesso em 22.jan.2017.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios de como chegar lá**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel. Internet no ensino. Artigos educacionais. USP: Universidade de São Paulo. **Comunicação & Educação**. São Paulo, 114, p.17-26, jan./abr. 1999. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36839/39561>>. Acesso em 23.jul.2016.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21.ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. rev. atual. 3.reimpr. Campinas, SP: Papirus, 2014. p.11-72.

MOTOR de Busca. 2016. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Motor_de_busca>. Acesso em 22.jan.2017.

NEGROPONTE, Nicolas. **A vida digital**. Tradução: Sérgio Tellaroli. Supervisão técnica: Ricardo Rangel. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIKITIUK, Sônia L. (org). **Repensando o ensino de história**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Volume 1. Rio de Janeiro: Contra Ponto: 2005.

PIVA JUNIOR, Dilemano. **Sala de aula digital**: uma introdução digital para educadores. São Paulo: Saraiva, 2013.

POIESIS. s.d. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/poiesis/>>. Acesso em 30.jul.2016.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Comunicação, cibercultura, cognição. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

QUARESMA, Alexandre. Entrevista com o filósofo francês Pierre Lévy - Dores e delícias do universo cibercultural. **Revista Sociologia**. São Paulo: Editora Escala, ed. 52, p.06-15, mai./jun. 2014.

REIS, José Carlos. Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. In: REIS, José Carlos. **Tempo Histórico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 25-66.

ROGER, Parry. **A ascensão da mídia**. Brasil: Editora Elsevier, 2012.

RÜSEN, Jörn. Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã. In: RÜSEN, Jörn. **Potencialidades da formação de sentido**. Tradução: Nélío Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.251-299.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução: Estevão de Rezende Martins. 1.reimpr. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

RÜSEN, Jörn. O ensino de História. In: SHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende de. **Experiência, orientação**: as três dimensões da aprendizagem histórica e narrativa histórica - fundamentos, tipos, razão. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p.79-92.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lúgia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SEQUOIA Capital. 2015. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sequoia_Capital>. Acesso em 23.jul.2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estevão Santos. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SIGNIFICADO de Ad Hoc. s.d. Disponível em <<https://www.significados.com.br/ad-hoc/>>. Acesso em 30.jul.2016.

UTOPIA. s.d. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=utopia&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b&gws_rd=cr&ei=aJlzWPu0OlewwATttaWQC>. Acesso em 30.jul.2016.

VAIDHYANATHAN, Siva. **A Googlelização de tudo**: (por que devemos nos preocupar): a ameaça do controle da informação por meio da maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Cultrix, 2011.

VALE do Silício. 2017. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_do_Sil%C3%ADcio>. Acesso em 22.jan.2017.

VERASZTO, Vizconde Estéfano. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**. n.7, 2008. Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/68>>. Acesso em 23.jul.2016.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia – volume I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

YOU Tube. 2017. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>>. Acesso em 22.jan.2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Atividade 1

Tema: História e Temporalidades.
Série: 1ºano do Ensino Médio.
Conteúdo: História, Tempo e Cultura.

Obs.:

- a) No primeiro momento, as questões de 1 a 4 serão respondidas por todos os alunos para obtermos o conhecimento prévio sobre o assunto;
- b) Em um segundo momento, todas as questões serão respondidas por cada aluno, utilizando a internet como fonte para pesquisa;
- c) Ao fazer a pesquisa na internet, o aluno deve colocar o endereço do site pesquisado;
- d) A sexta questão é pessoal, depende de cada aluno e do modo como o mesmo se relaciona com sua própria temporalidade.

Questões

- 1- O que você entende sobre a disciplina História? O que esta disciplina estuda? Qual a sua importância?
- 2- Qual era a situação do negro no Brasil colonial?
- 3- E qual a situação do negro no Brasil atualmente?
- 4- Faça um paralelo entre a situação do negro no Brasil colonial e a situação atual.
- 5- O que é temporalidade?
- 6- Faça um pequeno estudo histórico sobre alguma fase importante de sua vida, pois, afinal, somos sujeitos históricos, e, para além da história coletiva e oficial, temos a nossa própria história.

APÊNDICE B – Atividade 2

Tema: A situação do índio no Brasil.

Série: 2º ano do Ensino Médio.

Conteúdo: Povos indígenas no Brasil.

Obs.:

O endereço eletrônico da página a ser pesquisada é <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36682290>, outra possibilidade é a pesquisa junto ao site do IBGE.

Questões

1- Segundo a pesquisa divulgada pelo IBGE, presente na página da BBC-Brasil:

- a) quantos índios vivem no Brasil?
- b) quantas são as etnias e as línguas faladas no Brasil?
- c) qual a diferença apontada pelo estudo entre o Brasil, a Europa e o resto do mundo?
- d) o estudo revela um percentual de índios por região. Descreva-o.
- e) o que seriam as chamadas retomadas?
- f) a língua exerce uma forte influência para quem mora na terra indígena. Explique essa afirmação.

2- De acordo com o comentário do ativista indígena Denilson Baniwa, existe uma falta de conhecimento sobre os indígenas no Brasil. Explique o comentário do ativista e dê a sua opinião acerca desse assunto.

APÊNDICE C – Atividade 3

Tema: os representantes do povo brasileiro.

Série: 3º ano do Ensino Médio.

Conteúdo: O Regime Militar.

Obs.:

A pesquisa será feita pela internet, podendo ser utilizado o próprio Google, outras páginas de notícias, You tube e demais sites disponíveis. O acontecimento relatado aconteceu no dia 17 de abril de 2016 em uma votação que entrou para a História. A votação foi assistida por milhões de brasileiros, dividindo o país entre os que eram contra e os que eram a favor do impeachment. A partir dessa votação, percebemos como é o nosso congresso e como são os nossos representantes. A parte selecionada para a pesquisa é a que se refere ao deputado federal Jair Bolsonaro.

Questões

- 1- Por que Bolsonaro fez a comparação entre o Golpe Militar de 1964 e o impeachment de 2016?
- 2- Quem foi o general Ustra?
- 3- Por que Bolsonaro em sua fala afirma que o coronel Ustra é o pavor de Dilma Rousseff?
- 4- Comente pelo menos dois depoimentos sobre pessoas que foram torturadas durante a Ditadura Militar no Brasil.
- 5- Dê a sua opinião sobre o fato ocorrido na Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 17 de abril deste ano, sobre os depoimentos dos deputados e, principalmente, sobre o de Jair Bolsonaro.

APÊNDICE D – Plano de Aula 1

IDENTIFICAÇÃO: Escola: Unidade Escolar Darcy Ribeiro Série: 1º ano do Ensino médio Turma: 1ºA Disciplina: História Professor: Marcelo Marcos de Araújo Duração: 01h40min Data: 30/07/2016
TEMA: História e Temporalidades.
CONTEÚDO: História, Tempo e Cultura.
OBJETIVOS: Apresentar o Tempo como categoria central da História; Compreender o conhecimento histórico como construção; Discutir a noção de História, Cultura e Temporalidade; Mostrar os tipos de fontes históricas; Caracterizar a periodização da História; Conhecer o trabalho dos historiadores; Entender que somos sujeitos históricos e que a História é inerente ao homem; Refletir sobre a relação passado/presente;
CONCEITOS / NOÇÕES: História; Tempo; Cultura; Temporalidade; Tempo histórico; Fontes históricas; Periodização; Pré-História;
METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada; Pesquisa na internet; Pesquisa no Google;
RECURSOS TECNOLÓGICOS: Lousa e pincéis; Computador; Datashow; Internet; Celular; Google;

AVALIAÇÃO:

Atividade de pesquisa na internet, especificamente no Google;
Nota: 3,0.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 1º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

BARROS, José D' Assunção. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estevão Santos. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERRER, Javier *et al.* **Temporalidade, o que é, significado**. 2017. Disponível em <<http://conceitos.com/temporalidade/>>. Acesso em 22.jan.2017.

DESIDÉRIO, Mariana. **No Brasil, 68% das mortes violentas são de negros**. 2014. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/consciencia-negra-68-das-mortes-violentas-sao-de-negros>>. Acesso em 22.jan.2017.

MENA, Fernanda. **Morte de jovens negros cresce 21% em 5 anos no país**. 2015. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1570527-morte-de-jovens-negros-cresce-21-em-5-anos-no-pais.shtml>>. Acesso em 22.jan.2017.

APÊNDICE E – Plano de Aula 2

IDENTIFICAÇÃO: Escola: Unidade Escolar Darcy Ribeiro Série: 2º do ano do Ensino Médio Turma: 2ºA Disciplina: História Professor: Marcelo Marcos de Araújo Duração: 01h40min Data: 30/07/2016
TEMA: A situação do índio no Brasil.
CONTEÚDO: Povos indígenas no Brasil.
OBJETIVOS: Apontar a luta e a resistência da população indígena; Comparar as diferentes nações indígenas que vivem no país; Explicar os aspectos culturais, sociais, econômicos das nações indígenas; Entender os aspectos da identidade e alteridade dos povos indígenas;
CONCEITOS / NOÇÕES: Etnocentrismo; Identidade; Alteridade; Cultura; Etnias; Tribo; Línguas;
METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada; Pesquisa na internet; Pesquisa no Google;
RECURSOS TECNOLÓGICOS: Lousa e pincéis; Computador; Datashow; Internet; Celular; Google;
AValiação: Atividade de pesquisa na internet, especificamente, no Google; Nota: 3,0.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 2º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estevão Santos. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FELLET, João. **305 etnias e 274 línguas: estudo revela riqueza cultural entre índios no Brasil**. 2016. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36682290>>. Acesso em 22.jan.2017.

APÊNDICE F – Plano de Aula 3

IDENTIFICAÇÃO: Escola: Unidade Escolar Darcy Ribeiro Série: 3º ano do Ensino médio Turma: 3ºA Disciplina: História Professor: Marcelo Marcos de Araújo Duração: 01h40min Data: 30/07/2016
TEMA: Os representantes do povo brasileiro.
CONTEÚDO: O regime militar no Brasil.
OBJETIVOS: Conhecer a conjuntura política na qual surgiu o movimento cívico-militar que depôs o presidente João Goulart; Renovar os conhecimentos dos alunos sobre os fatos ocorridos durante o regime militar; Debater os efeitos causados pela luta armada entre a guerrilha e o regime militar; Refletir sobre as diferentes opiniões existentes em relação ao período iniciado em 1964; Mostrar a comparação entre a conjuntura político-social do regime militar e a atual; Promover uma discussão em torno da votação do Impeachment de Dilma Rosseff na Câmara dos Deputados;
CONCEITOS / NOÇÕES: Ditadura; Golpe militar; Estado de sítio; Anos de chumbo; Ato institucional; Tortura; Guerrilha; Censura; Impeachment;
METODOLOGIA: Aula expositiva e dialogada; Pesquisa na internet; Pesquisa no Google;
RECURSOS TECNOLÓGICOS: Lousa e pincéis;

Computador;
Datashow;
Internet;
Celular;
Google;

AVALIAÇÃO:

Atividade de pesquisa na internet, especificamente no Google;
Nota: 3,0.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História, sociedade & cidadania** - 3º ano. 1.ed. São Paulo: FTD, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estevão Santos. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

JAIR Bolsonaro voto sim impeachment 2016 HD. Produção: Crazy. 2016. Duração:1min27s. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=SroqvAT71o0>>. Acesso em 22.jan.2017.

DITADURA Militar no Brasil. 2017. Disponível em
<<http://www.suapesquisa.com/ditadura>>. Acesso em 22.jan.2017.

ANEXOS

ANEXO A – Texto 1

305 ETNIAS E 274 LÍNGUAS: ESTUDO REVELA RIQUEZA CULTURAL ENTRE ÍNDIOS NO BRASIL



Image copyrightTHINKSTOCKImage captionPesquisa inédita do IBGE detalhou características de povos indígenas brasileiros

Há mais indígenas em São Paulo do que no Pará ou no Maranhão. O número de indígenas que moram em áreas urbanas brasileiras está diminuindo, mas crescendo em aldeias e no campo. O percentual de índios que falam uma língua nativa é seis vezes maior entre os que moram em terras indígenas do que entre os que vivem em cidades.

As conclusões integram o mais detalhado estudo já feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sobre os povos indígenas brasileiros, baseado no Censo de 2010 e lançado nesta semana.

Segundo o instituto, há cerca de 900 mil índios no Brasil, que se dividem entre 305 etnias e falam ao menos 274 línguas. Os dados fazem do Brasil um dos países com maior diversidade sociocultural do planeta. Em comparação, em todo o continente europeu, há cerca de 140 línguas autóctones, segundo um estudo publicado em 2011 pelo Instituto de História Europeia.

No "Caderno Temático: Populações Indígenas", o IBGE faz um mapeamento inédito sobre a localização desses povos e sua movimentação ao longo das últimas décadas.

- **Brexit: quem pode lucrar com a decisão britânica de sair da UE?**

O estudo diz que, entre 2000 e 2010, os percentuais de indígenas brasileiros que vivem nas regiões Sul e Sudeste caíram, enquanto cresceram nas outras regiões. A região Norte abriga a maior parcela de índios brasileiros (37,4%), seguida pelo Nordeste (25,5%), Centro-Oeste (16%), Sudeste (12%) e Sul (9,2%).

Entre 2000 e 2010, também caiu o percentual de indígenas que moram em áreas urbanas, movimento contrário ao do restante da população nacional.

'Retomadas'

Segundo a pesquisadora do IBGE Nilza Pereira, autora do texto que acompanha o estudo, uma das hipóteses para a redução no percentual de indígenas no Sul, Sudeste e em cidades são os movimentos de retorno a terras tradicionais.

Nas últimas décadas, intensificaram-se no país as chamadas "retomadas", quando indígenas retornam às regiões de origem e reivindicam a demarcação desses territórios. Em alguns pontos, como no Nordeste e em Mato Grosso do Sul, muitos ainda aguardam a regularização das áreas, em processos conflituosos e contestados judicialmente.

Em outros casos, indígenas podem ter retornado a terras que tiveram sua demarcação concluída. Hoje 57,7% dos índios brasileiros vivem em terras indígenas.

Outra possibilidade, segundo Pereira, é que no Sul, Sudeste e nas cidades muitas pessoas que se declaravam como indígenas tenham deixado de fazê-lo.

Ainda que sua população indígena esteja em declínio, a cidade de São Paulo ocupa o quarto lugar na lista de municípios brasileiros com mais índios, com 13 mil. Parte do grupo vive em aldeias dos povos Guarani Mbya nos arredores da cidade, em territórios ainda em processo de demarcação.

▪ **O que muda na sua timeline com a nova priorização anunciada pelo Facebook**

O ranking é encabeçado por São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do Amazonas. O município abriga 29 mil indígenas e foi o primeiro do país a aprovar como línguas oficiais, além do português, três idiomas nativos (tukano, baniwa e nheengatu).

O estudo mostra como morar numa terra indígena influencia os indicadores socioculturais dos povos. Entre os índios que residem nessas áreas, 57,3% falam ao menos uma língua nativa, índice que cai para 9,7% entre indígenas que moram em cidades.

Mesmo no Sul, região de intensa colonização e ocupação territorial, 67,5% dos índios que vivem em terras indígenas falam uma língua nativa, número só inferior ao da região Centro-Oeste (72,4%).

A taxa de fecundidade entre mulheres que moram em terras indígenas também é significativamente maior que entre as que vivem em cidades. Em terras indígenas, há 74 crianças de 0 a 4 anos para cada 100 mulheres, enquanto nas cidades há apenas 20.

Para Nilza Pereira, do IBGE, ao mostrar detalhes sobre indígenas de diferentes pontos do país, o estudo será útil para o planejamento de políticas públicas diferenciadas para esses povos. Os dados também foram usados na elaboração de vários mapas, que compõem o "Atlas Nacional do Brasil Milton Santos".



Image copyrightTHINKSTOCKImage captionIndígenas vêm retornando às regiões de origem para reivindicar demarcação de territórios

Cultura indígena

O ativista indígena Denilson Baniwa, cofundador da Rádio Yandê, diz à BBC Brasil que o estudo ajuda a combater a falta de conhecimento sobre os povos indígenas no Brasil.

Baniwa, que mora no Rio de Janeiro e é publicitário, diz se deparar frequentemente com pessoas que acham que "o indígena ainda é aquele de 1500". Segundo o ativista, muitos questionam por que ele se considera indígena mesmo falando português ou usando o computador em seu trabalho.

"Respondo que cultura não é algo estático, que ela vai se adaptando com o tempo. E pergunto a eles por que não vestem as mesmas roupas usadas pelos portugueses em 1500, por que não falam aquele mesmo português e por que não usam computadores de 1995."



Image copyrightARQUIVO PESSOALImage captionCofundador da Rádio Yandê, Denilson Baniwa diz que há 'grande' desconhecimento sobre diferenças culturais entre povos indígenas

Para Baniwa, há ainda grande desconhecimento sobre as enormes diferenças culturais entre os povos indígenas brasileiros. Ele exemplifica citando dois povos de sua terra natal (a região do rio Negro, no Amazonas), os baniwa e os tukano.

"Comparar um baniwa a um tukano é como comparar um francês a um japonês. São povos com línguas, hábitos e características físicas bastantes distintas, e isso porque vivem bem próximos. Imagine a diferença entre um baniwa e um kaingang, um povo lá do Rio Grande do Sul?"

Ao mesmo tempo em que combate o preconceito contra indígenas que, como ele, moram em cidades, Baniwa afirma que cada povo deve ser livre para decidir como quer se relacionar com o resto da sociedade.

"Se um povo entender que o contato com o mundo moderno não será benéfico e que prefere ficar mais isolado em sua terra, vamos lutar para que essa decisão seja respeitada."

ANEXO B – Texto 2

A CADA 23 MINUTOS, UM JOVEM NEGRO É ASSASSINADO NO BRASIL, DIZ CPI



Image copyrightAGBRImage captionRelatório mostra que 23 mil jovens negros são assassinados por ano

Depois que você terminar de ler este texto e tomar um cafezinho, um jovem negro terá sido morto no Brasil. É este o país que salta do relatório final da CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens, que será divulgado esta semana em Brasília: todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são assassinados. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos.

A CPI toma por base os números do Mapa da Violência, realizado desde 1998 pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz a partir de dados oficiais do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde. O último Mapa é de 2014 e contabiliza os homicídios de 2012: cerca de 30 mil jovens de 15 a 29 anos são assassinados por ano no Brasil, e 77% são negros (soma de pretos e pardos).

- **Como duas jovens estão derrubando clichês sobre a política no Brasil**

Depois de sete meses de trabalho, com 21 audiências públicas em sete Estados brasileiros, o relatório do senador Lindbergh Farias (PT-RJ) apresenta um diagnóstico amplo, com números e pesquisas de várias fontes e períodos.

Cataloga histórias recentes e de ampla repercussão, como a de Eduardo de Jesus, de 10 anos, morto por um policial militar no Complexo do Alemão, zona norte do Rio, em abril de 2015. Recupera outras já quase esquecidas, como a de Ana Paula Santos, morta em 2006 em Santos, São Paulo, aos 20 anos, quando estava grávida de nove meses. O marido dela e o bebê também foram assassinados.

- **Suíços rejeitam plano que faria cada cidadão receber R\$ 9 mil por mês sem fazer nada**



Image copyrightACERVO PESSOALImage captionEduardo de Jesus, 10, foi morto por policial no Complexo do Alemão

"Dudu me disse: Mãe, minha irmã Patrícia está quase chegando, vou esperar na varanda de casa. Eu disse: Vai, filho. Ele foi esperar a irmã e nunca voltou. Logo depois ouvi o estouro, a gritaria, e vi meu filho caído sem vida. Era um menino saudável, ótimo aluno", relembra a diarista Terezinha Maria de Jesus, mãe de Eduardo.

Um milhão de mortes

Especialistas costumam usar a palavra epidemia para se referir à mortandade de jovens no Brasil, especialmente de jovens negros. De acordo com o Mapa da Violência, a taxa de homicídios entre jovens negros é quase quatro vezes a verificada entre os brancos (36,9 a cada 100 mil habitantes, contra 9,6). Além disso, o fato de ser homem multiplica o risco de ser vítima de homicídio em quase 12 vezes.

- **'Medalha de ouro para corrupção': 'Imunidade parlamentar é injustificável', diz 'NY Times'**

Weiselfiz adiantou à BBC Brasil dados preliminares do Mapa que será divulgado este ano: de 1980 a 2014, o número de mortes por arma de fogo no Brasil soma quase um milhão. Entre 1980 e 2014 morreram 967.851 pessoas vítimas de disparo de arma de fogo, sendo 85,8% por homicídio.

"Entre 1980 e 2014 os homicídios cresceram 592,8%, setuplicando sua incidência", analisa o sociólogo.



Image copyrightAGBRImage captionRelatório recomenda unificação de polícias militar e civil, entre outras medidas

Em entrevista por e-mail, por intermédio de sua assessoria, o senador Lindbergh Farias diz que "o principal destaque da CPI foi reconhecer aquilo que os movimentos negros, sobretudo de jovens, vêm dizendo há muito tempo: um verdadeiro genocídio da nossa juventude negra".

"A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Isso equivale à queda de mais de 150 jatos, cheios de jovens negros, todos os anos. Genocídio da população negra é a expressão que melhor se enquadra à realidade atual do Brasil", afirma.

Autos de resistência

A CPI destaca a responsabilidade do Estado, seja por ação ou omissão. "Em um ambiente onde a omissão do poder público suscita o aparecimento de grupos organizados de traficantes, bem como de milícias, os índices de violência contra a juventude negra atingem o paroxismo. De outro lado, o crescimento da violência policial contra esses jovens também é uma chocante realidade. Situações envolvendo a morte de jovens negros, sobretudo aquelas cujas justificativas da ação policial se apoiam nos chamados autos de resistência", afirma o relatório.

Autos de resistência são, com variações de nomenclatura de um Estado brasileiro para outro, registros de mortes ocorridas em supostos confrontos nos quais o policial afirma ter atirado para se defender.



Image captionTerezinha de Jesus, mãe de Eduardo, aguarda julgamento de policial

Em caso de resistência à prisão, o Código de Processo Penal autoriza o uso de quaisquer meios para que o policial se defenda ou vença a resistência. Determina também que seja lavrado um auto, assinado por duas testemunhas - daí o nome auto de resistência. Muitas vezes, tais registros escondem execuções em "confrontos" que nunca aconteceram.

Pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que, entre 2009 e 2013, as polícias brasileiras mataram 11.197 pessoas em casos listados como autos de resistência - seis mortes por dia, sabendo que o total é subnotificado, pois alguns Estados não repassaram dados ao FBSP.

O relatório também cita uma pesquisa do sociólogo e professor da UFRJ Michel Misse realizada em 2005, no Rio de Janeiro, indicando que, entre os inquéritos de autos de resistência, 99,2% foram arquivados ou nunca chegaram à fase de denúncia.

O delegado de Polícia Civil Orlando Zaccone fez dos autos de resistência o tema sua tese de doutorado em Ciência Política defendida na UFF (Universidade Federal Fluminense).

Ao analisar 314 casos de auto de resistência de 2003 a 2010 no Rio, Zaccone aponta a responsabilidade não só da polícia, mas também do Ministério Público, na construção de uma rotina

em que a maior preocupação é saber se o morto era ou não ligado ao tráfico - em vez de esclarecer as circunstâncias de sua morte.



Image copyrightDIVULGAÇÃO/MÃES DE MAIOImage captionCasos de 'autos de resistência' podem esconder execuções

"A folha de antecedentes penais do morto é usada sistematicamente para pedir o arquivamento. Várias instituições se articulam nesse processo, o que caracteriza uma política de Estado na qual se admite que há pessoas extermináveis", analisa Zaccone.

A criação de um protocolo único para registrar autos de resistência está entre as recomendações do relatório final da CPI, assim como a criação de um banco de dados nacional com indicadores consolidados e sistematizados de violência.

A unificação das Polícias Militar e Civil é outra recomendação. O relator da CPI, Lindbergh Farias, destaca as linhas de atuação no Congresso: implementação do Plano Nacional de Enfrentamento ao Homicídio de Jovens, sugerido em comissão especial da Câmara; aprovação do projeto de lei 4.471/2012 - que extingue os autos de resistência, determina a abertura de inquérito e abre a possibilidade de prisão em flagrante do policial em caso de auto de resistência; aprovação da PEC 51 (que, entre outras medidas, desmilitariza e unifica as polícias).

"Toda polícia deve realizar o ciclo completo do trabalho policial (preventivo, ostensivo, investigativo). Sepulta-se, assim, a jabuticaba institucional: a divisão do ciclo do trabalho policial entre militares e civis. Esta é uma batalha que teremos à nossa frente no Congresso", afirma Lindbergh.

A PEC 51 e o projeto que extingue os autos de resistência enfrentam a oposição de parlamentares mais ligados a corporações policiais. Muitos argumentam que o projeto 4.471 pode acabar amedrontando o policial que está em campo, em confronto real com criminosos.



Image copyrightAGBRImage caption"Há um genocídio da juventude negra", diz relator da comissão, Lindbergh Farias

Um dos pontos abordados pela CPI é justamente o alto número de mortes de policiais brasileiros, que acabam sendo não só os principais agentes, mas também vítimas da violência. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública citados pela CPI, só em 2013 foram assassinados em serviço quase 500 policiais.

Questionado pela BBC Brasil, o corregedor da PM do Rio, coronel Welste Medeiros, afirmou que a corporação não se omite em apurar crimes de seus membros e tem buscado soluções para otimizar investigações de crimes cometidos por policiais.

Entre elas, destaca parcerias com o Ministério Público, ampliação da atuação da corregedoria da PM e realização de projetos com universidades para análise dos dados de violência policial.

Foi criado o Programa de Gestão do Uso da Força e da Arma de Fogo, por meio do qual os policiais que mais fizeram disparos de armas de fogo nos últimos seis meses são identificados e submetidos a um programa de treinamento que inclui desde simuladores de tiros até avaliação psicológica e metodologia de abordagem de pessoas e veículos.

'A gente vira número'

A CPI jogou luz também sobre um tema pouco discutido, as mortes de jovens infratores abrigados em unidades para ressocialização. Na audiência pública realizada em 15 de junho de 2015, foram apresentados os dados oficiais do Sinase (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo): em 2013, 29 adolescentes infratores morreram sob custódia do Estado.

A causa mais comum das mortes foi o "conflito interpessoal" (59% do total), seguido de conflito generalizado (17%) e de uma proporção estarrecedora de suicídios dentro do sistema - 14%. O país tem cerca de 24 mil adolescentes em "situação de privação de liberdade", ou seja, mantidos em unidades para ressocialização. Segundo o Sinase, 57,41% deles são pretos ou pardos, enquanto em 17,15% dos casos não houve resposta sobre cor ou raça.

País afora, mães negras choram o assassinato dos filhos. Débora Maria Silva, mãe do gari Édson Rogério Silva dos Santos, ainda não viu alguém ser responsabilizado pela morte dele, em maio de 2006, em Santos.

Segundo o relatório da CPI, ele foi um dos mais de 400 mortos numa onda de violência na região iniciada depois que uma facção criminosa assassinou 43 agentes do Estado. Na sequência, uma forte

repressão policial fez outras vítimas. De acordo com testemunhas, Édson foi abordado por policiais num posto de gasolina, seguido e assassinado.

"Fiquei até doente depois que ele morreu. Um dia sonhei com meu filho, como uma visão, e ele me dizia: Mãe, vai lutar pelos vivos", conta Débora, que se tornou uma ativista e criou o movimento Mães de Maio, agregando mães de jovens assassinados na região em 2006.



Image copyrightDIVULGAÇÃO/MÃES DE MAIOImage captionDébora criou movimento que une mães de jovens assassinados em 2006

A ela se juntaram várias outras mães que perderam seus filhos, como Vera Lúcia Santos, mãe de Ana Paula Santos, a jovem assassinada grávida. "Depois de quase dez anos, a gente vai perdendo a esperança. A gente vira número, vira tese. E mais gente continua morrendo. A impressão é de que é um mês de maio contínuo", lamenta Vera Lúcia.

Terezinha de Jesus, mãe do menino Eduardo, foi embora do Rio depois de receber ameaças anônimas de morte. A investigação da Polícia Civil concluiu que os policiais militares agiram em legítima defesa, mas o Ministério Público não concordou e denunciou pelo crime um policial, que irá a julgamento.

Terezinha agora divide o tempo entre o acompanhamento do caso e os cuidados com o restante da família. Ela tem mais quatro filhos e quatro netos, entre eles o novo Eduardo da casa: um bebê de cinco meses e olhos redondos como os do tio. É filho de Patrícia, a irmã que Eduardo de Jesus esperava na varanda de casa quando foi morto.

ANEXO C – Texto 3

Mulher lembra momentos de terror vividos com o Coronel Bilhante Ustra, homenageado por Bolsonaro. Amelinha Teles foi parar na ‘cadeira do dragão’. Nua, vomitada, urinada, Ustra ainda levou os filhos da vítima, de 4 e 5 anos, para assistir a mãe sendo torturada

Em seu voto a favor do impeachment no último domingo, Jair Bolsonaro homenageou o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, responsável por torturar centenas de mulheres na época da ditadura. O torturador chegava a introduzir insetos e roedores nas genitálias das vítimas

“Eu fui espancada por ele [Coronel Ustra] ainda no pátio do Doi-Codi. Ele me deu um safanão com as costas da mão, me jogando no chão, e gritando ‘sua terrorista’. E gritou de uma forma a chamar todos os demais agentes, também torturadores, a me agarrarem e me arrastarem para uma sala de tortura”. Uma das milhares de vítimas da ditadura militar, Amelinha Teles, descreveu assim seu encontro com Carlos Alberto Brilhante Ustra, conhecido como “Coronel Ustra”, o primeiro militar reconhecido pela Justiça como torturador na ditadura.

Ao programa Viva Maria, da Rádio Nacional da Amazônia, Amelinha contou como era o homem admirado por Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e citado pelo parlamentar durante seu voto a favor do impeachment de Dilma Rousseff, neste domingo (17), no plenário da Câmara dos Deputados.

“Ele levar meus filhos para uma sala, onde eu me encontrava na cadeira do dragão [instrumento de tortura utilizado na ditadura militar parecido com uma cadeira em que a pessoa era colocada sentada e tinha os pulsos amarrados e sofria choques em diversas com fios elétricos atados em diversas partes do corpo] , nua, vomitada, urinada, e ele leva meus filhos para dentro da sala? O que é isto? Para mim, foi a pior tortura que eu passei. Meus filhos tinham 5 e 4 anos. Foi a pior tortura que eu passei”, disse a ex-militante do Pcdob.

O militar lembrado pelo parlamentar foi chefe-comandante do Destacamento de Operações Internas (DOI-Codi) de São Paulo no período de 1970 a 1974. Em maio de 2013, ele compareceu à sessão da Comissão Nacional da Verdade. Apesar do habeas corpus que lhe permitia ficar em silêncio, Ustra respondeu a algumas perguntas. Na oportunidade, negou que tivesse cometido qualquer crime durante seu período no comando do Destacamento de Operações Internas paulista.

Em abril de 2015, a ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), Rosa Weber, suspendeu uma das ações penais contra Ustra que tramitava na Justiça Federal em São Paulo. Atendendo a pedido feito pela defesa do militar, a ministra disse, na decisão, que suspendeu a ação pois era necessário aguardar o julgamento da Lei de Anistia pela própria Corte. O militar morreu em 15 de outubro de 2015 no Hospital Santa Helena, em Brasília. Ele tratava de um câncer.

Hoje, Amelinha integra a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e é assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. Para ela, a homenagem de Bolsonaro a um de seus torturadores pode ser o resgate de uma das páginas mais tristes da história do Brasil.

“O que significa essa declaração do deputado é que ele quer que o Estado brasileiro continue a torturar e exterminar pessoas que pensem diferente dele. Que democracia é essa que quer a tortura, a repressão às pessoas que não concordam com suas ideias?”.